

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Filosofia, Sociologia e Política
Programa de Pós-Graduação em Sociologia



Dissertação

Ruralidades persistentes:

identidades, trajetórias e modos de vida entre os migrantes da serra para o bairro
Santa Marta em Camaquã - RS

Carlos Eduardo Simões da Silva

Pelotas, 2024

Carlos Eduardo Simões da Silva

Ruralidades persistentes:

identidades, trajetórias e modos de vida entre os migrantes da serra para o bairro
Santa Marta em Camaquã - RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia, Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: William Héctor Gómez Soto

Pelotas, 2024

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

S586r Silva, Carlos Eduardo Simões da

Ruralidades persistentes [recurso eletrônico] : identidades, trajetórias e modos de vida entre os migrantes da serra para o bairro Santa Marta em Camaquã - RS / Carlos Eduardo Simões da Silva ; William Héctor Gómez Soto, orientador. — Pelotas, 2024.

107 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, 2024.

1. Relações cidade-campo. 2. Migração. 3. Rurbano. 4. Sociologia marginal. 5. Camaquã. I. Soto, William Héctor Gómez, orient. II. Título.

CDD 301.35

Elaborada por Michele Lavadouro da Silva CRB: 10/2502

Carlos Eduardo Simões da Silva

Ruralidades persistentes:
identidades, trajetórias e modos de vida entre os migrantes da serra para o bairro
Santa Marta em Camaquã - RS

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Sociologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política da Universidad Federal de Pelotas.

Data da defesa: 14 de junho de 2024.

Banca examinadora:



Prof. Dr. William Héctor Gómez Soto (Orientador).

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prof. Dr. Sérgio Botton Barcellos.



Documento assinado digitalmente
SERGIO BOTTON BARCELLOS
Data: 05/07/2024 10:35:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.



Documento assinado digitalmente
MARCUS VINICIUS SPOLLE
Data: 05/07/2024 13:06:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Marcus Vinicius Spolle.

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Dedico este trabalho à Marlene, que foi sempre a maior interessada na minha formação escolar e acadêmica.

Agradecimentos

Agradeço à CAPES, pelo financiamento da pesquisa e meu próprio sustento durante o período dedicado ao mestrado.

Agradeço também aos colegas e amigos que fiz no PPGS, pelas diferentes formas de apoio e parcerias que marcaram nossas relações, além de toda a diversão, que foi fundamental.

Resumo

SILVA, Carlos Eduardo Simões da. **Ruralidades persistentes: identidades, trajetórias e modos de vida entre os migrantes da serra para o bairro Santa Marta em Camaquã - RS.** Orientador: William Héctor Gómez Soto. 2024. 107 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024.

A pesquisa consiste em uma análise das trajetórias dos migrantes do campo para a cidade, tendo como locus específico o Bairro Santa Marta, situado no extremo norte da cidade de Camaquã-RS. Observou-se, neste sentido, as motivações, os locais de origem, as estratégias de adaptação e as manifestações de continuidade da cultura rural neste ambiente. Para tanto, a pesquisa operou através de um arranjo metodológico que buscou captar as experiências e percepções desses sujeitos e a cristalização desses processos nas formas sociais e paisagísticas do bairro. O Bairro Santa Marta representa uma das principais vias de comunicação entre a cidade de Camaquã e a parte de seu interior rural, popularmente conhecido como serra. O bairro é significativamente ocupado por famílias que, ao longo de gerações, chegam à cidade em movimentos de migração a partir dessa região. Nos extremos da Santa Marta, as interfaces entre o campo e a cidade, entre os modos de vida rural e o urbano, podem ser notadas sob os mais diversos aspectos da vida social, das paisagens, da cultura e da economia. Famílias de perfil ocupacional urbano dividem espaço com outras que mantêm pequenas propriedades ou terrenos com cultivo de alimentos, lavouras de fumo e criações de animais. Forma-se ali uma vizinhança que mescla padrões de ocupação do espaço comumente associados ao mundo rural àquelas que se entende por urbanas, em um processo que contém tensões e contradições, mas também continuidades e notável coesão. O estudo conta com a análise de doze entrevistas semiestruturadas, considerações sobre as formações paisagísticas mediadas por produção e análise fotográfica, e observações de caráter vivencial, decorrentes da experiência imersiva do autor. Para tanto, evocam-se contribuições principalmente de José de Souza Martins (2008, 2014, 2017), Milton Santos (1997, 2005, 2014) e Maria José Carneiro (1998a, 1998b).

Palavras-chave: relações cidade-campo; migração; rurano; sociologia marginal; Camaquã.

Abstract

SILVA, Carlos Eduardo Simões da. **Persistent Ruralities**: identities, trajectories, and lifestyles among migrants from the Serra to the Santa Marta neighborhood in Camaquã - RS. Advisor: William Héctor Gómez Soto. 2024. 107 f. Dissertation (Master's in Sociology) – Institute of Philosophy, Sociology and Politics, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2024.

This research consists of an analysis of the trajectories of migrants from rural areas to urban centers, focusing on the Santa Marta neighborhood located in the northernmost part of Camaquã-RS, Brazil. It examines the motivations, origins, adaptation strategies, and manifestations of rural culture continuity within this urban environment. The study employs a methodological arrangement to capture the experiences and perceptions of individuals, and the crystallization of these processes in the social and landscape forms of the neighborhood. Santa Marta neighborhood serves as a vital link between Camaquã city and its rural hinterland, known as the "serra". Occupied significantly by families migrating from this region across generations, the neighborhood's extremes serve as interfaces between rural and urban lifestyles, noticeable in various aspects of social life, landscapes, culture, and economy. Urban occupational profile families coexist with those maintaining small properties or plots for food cultivation, tobacco crops, and animal husbandry. This forms a neighborhood blending spatial occupation patterns commonly associated with rural life with urban ones, a process fraught with tensions and contradictions but also continuities and notable cohesion. The study relies on the analysis of twelve semi-structured interviews, considerations regarding landscape formations mediated by photographic production and analysis, and experiential observations resulting from the author's immersive experience. To this end, contributions are drawn mainly from José de Souza Martins (2008, 2014, 2017), Milton Santos (1997, 2005, 2014), and Maria José Carneiro (1998a, 1998b).

Keywords: urban-rural relations; migration; rurban; marginal sociology; Camaquã.

Lista de Figuras

Figura 1	Recorte de pesquisa	12
Figura 2	Vista aérea do bairro Santa Marta	18
Figura 3	Reunião no ponto de ônibus	54
Figura 4	Charrete com cavalos	55
Figura 5	Horta urbana diversificada	56
Figura 6	Lavoura de milho em terreno urbano	56
Figura 7	Pátio de residência urbana com plantação de feijões, plantas ornamentais e árvores frutíferas	57
Figura 8	Morador apresenta seus cultivos	57
Figura 9	Morador apresenta seus cultivos	58
Figura 10	Minimercado anuncia “feijão novo da colônia”	59
Figura 11	Oferta de aipim	59
Figura 12	Oferta de mel	60
Figura 13	Crianças preparam suas montarias	60
Figura 14	Imagem de satélite indicando a localização do Distrito da Santa Auta	61
Figura 15	Fachada de uma casa noturna no bairro Santa Marta	64
Figura 16	Projeto urbanístico para o Povoado de São João Batista de Camaquã	68
Figura 17	Ônibus desce a rua Jango Castro, sentido serra x cidade	70
Figura 18	Lavoura de fumo próxima a residências urbanas	70
Figura 19	Vista da face oeste do bairro, onde predominam as paisagens campestres	71
Figura 20	Cavalo mantido em hotelaria nas adjacências do bairro Santa Marta	72
Figura 21	Jovens praticam esporte montado nas adjacências do bairro Santa Marta	73
Figura 22	Terreno de obras de um novo empreendimento habitacional no bairro Santa Marta, com vista para o centro da cidade	74
Figura 23	Lavoura e capões de mato no Bairro Santa Marta	75
Figura 24	Morador se deslocando em carroça	83
Figura 25	Morador partindo lenha para uso no fogão	84

Lista de Tabelas

Tabela 1	Objetivos e métodos	21
Tabela 2	Perfil dos moradores entrevistados	26

Sumário

1 Introdução	11
1.1 Contextualização: o município de Camaquã	16
1.2 Estratégia metodológica	19
1.3 Um lugar familiar	22
1.4 Entrevistas	25
1.5 Análise das paisagens e o recurso fotográfico	27
1.6 Estrutura da dissertação	28
1.7 Estado da arte e lacuna de pesquisa	29
2 O sujeito e o lugar marginal	33
2.1 A cidade e a migração camponesa	33
2.2 O lugar marginal e a vida cotidiana	34
2.3 Espaço, tempos e paisagens	37
2.4 O subúrbio	39
3 Uma reflexão acerca das ruralidades	42
3.1 Rural e urbano: das classificações formais aos conteúdos sociais	42
3.2 A perspectiva do <i>continuum</i> e a busca pela ruptura com as visões dicotômicas	45
3.3 As ruralidades como representação.....	47
3.4 O rurano.....	50
4 Vida cotidiana no bairro Santa Marta	53
5 As dinâmicas rurbanas e a produção das paisagens	65
6 Identidades, trajetórias e modos de vida	80
Considerações finais	95
Referências	99
Apêndices	105

1 Introdução

O bairro Santa Marta situa-se no extremo norte da cidade de Camaquã-RS e pode ser caracterizado pelo hibridismo entre rural e urbano, manifestado na cultura, nas paisagens, oportunidades econômicas, identidades, entre outras dimensões da vida social local. A rua Capitão Jango Castro, que cruza o Bairro, comunica a cidade de Camaquã com parte importante de seu interior rural, popularmente conhecido como serra¹. Ao longo de sua extensão, é possível observar os matizes de uma transição contínua entre as paisagens da cidade e do campo. O bairro, de modo geral, é significativamente ocupado por famílias que, ao longo de gerações, chegam à cidade em movimentos de migração a partir da região da serra. Assim, na Santa Marta, as interfaces entre o campo e a cidade, entre os modos de vida rural e o urbano, podem ser notadas sob os mais diversos aspectos da vida social, das paisagens, da cultura e da economia. Famílias de perfil ocupacional urbano dividem espaço com outras que mantêm pequenas propriedades ou terrenos com cultivo de alimentos, lavouras de fumo e criações de animais.

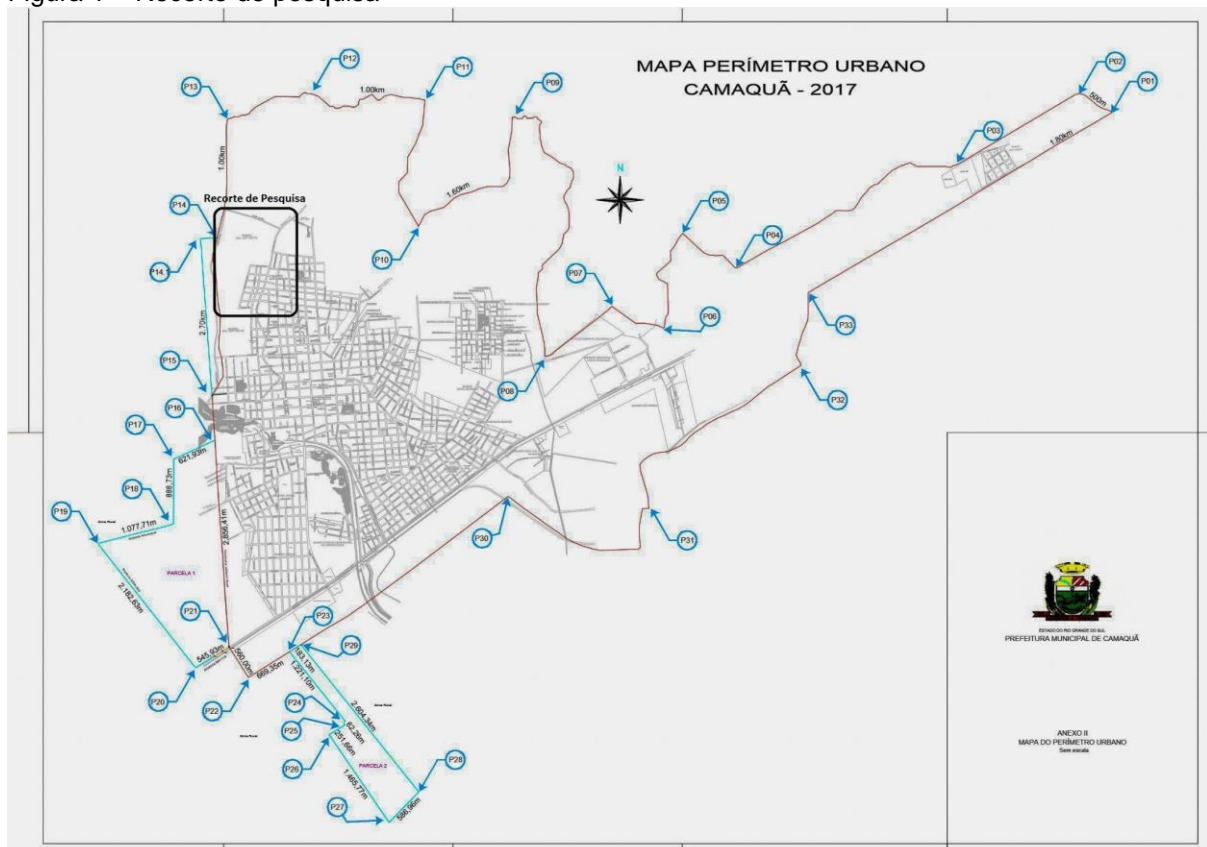
Os sujeitos que vivem nesse espaço, especialmente aqueles migrantes da serra, vivenciam a necessidade de adaptações em importantes dimensões da vida, em um processo que pode envolver crises em suas subjetividades. Neste sentido, suas identidades, modos de vida e visão de mundo são perturbadas, ao passo que encontram na memória uma fonte de segurança e um repertório de estratégias que auxiliam na adaptação, gerando novos estilos de vida e modos de sociabilidades.

Com efeito, é recorrente entre os moradores mais antigos o passado no campo e na atividade agrícola, sobretudo no modelo camponês ou familiar. Essa dinâmica de migração registra grande importância na formação do bairro e não dá sinais de extinção, fazendo-se notável até os dias de hoje. As localidades exatas de suas origens e principais motivações para tal deslocamento são detalhadas nesta investigação, bem como a importância desses intercâmbios na constituição do bairro.

¹ Como é conhecida a região rural do município oposta à várzea, situada sobre escudo cristalino sul-riograndense.

O recorte da pesquisa corresponde ao Bairro Santa Marta e adjacências, uma vez que bairros menores em seu entorno são popularmente referidos como pertencentes à Santa Marta. Assim, o recorte não obedece aos limites administrativos do bairro, mas procura atender mais aproximadamente àquilo que popular e historicamente se reconhece como Santa Marta, uma “Grande Santa Marta” que inclui em sua compreensão bairros menores e menos conhecidos, como o bairro General José Antônio Netto e arrabaldes que formam pequenos vilarejos sem instituição formal de bairro (Figura 1).

Figura 1 – Recorte de pesquisa



Fonte: Adaptado do Plano diretor municipal de Camaquã/RS.

Sobre a construção do recorte e objeto, pesam a proximidade, identificação e facilidade de acesso do pesquisador, que teve o bairro como local de morada pelas primeiras duas décadas de vida. A observação dos fenômenos e processos aqui analisados têm lugar na trajetória pessoal do pesquisador antes mesmo de uma abordagem sociológica, que foi possível a partir de uma experiência acadêmica crítica e atenta às capacidades (e incapacidades) dos conceitos e teorias de inspirar a reflexão, compreensão e alternativas para essa realidade.

A investigação realizada parte da análise das trajetórias, modos de vida e sociabilidade dos moradores e moradoras do bairro a fim de compreender como esses sujeitos mobilizam práticas e valores de seus passados rurais em uma vivência no interior do perímetro urbano. Mais do que isso, a pesquisa se atenta para como se configuram os processos de identificação desses sujeitos e as dinâmicas socioespaciais da comunidade em suas interfaces com o campo, atentando para os hibridismos e tensões neste contexto implicados.

Para tanto, operou-se com as categorias campo/cidade, e rural/urbano não de uma perspectiva essencialista ou dicotômica, que poderia tomá-las como polos opostos, mas sim a partir de um olhar que busca evidenciar suas relações e continuidades. Para Lefebvre (1999), a divisão entre campo e cidade seria fenômeno resultante da divisão social e territorial do trabalho, o que não implica encará-los como polos isolados, uma vez que suas diferenciações funcionais só fazem sentido articuladas em uma totalidade. Em outro, mas complementar sentido, assumindo-se a perspectiva do *continuum* rural-urbano, superam-se as abordagens dicotômicas através de um melhor ajuste às características do mundo contemporâneo, onde se apresenta um processo progressivo de estreitamento das relações campo-cidade (Marques, 2002). Com a noção de *continuum*, os espaços antes tidos como antagônicos passam a ser vistos como integrados e complementares, sem que isso signifique o apagamento de suas particularidades.

De fato, as ideias em torno das relações campo-cidade e rural-urbano estimulam debates de longa trajetória nas ciências sociais. As visões clássicas procuravam descrever características definidoras de cada um destes polos, com base em uma visão dicotômica e classificacionista. Mais contemporaneamente, boa parte do debate tem se alimentado das transformações observadas nestes “universos distintos” e vem se encaminhando em um sentido atento às homogeneizações produzidas pelo incremento das tecnologias, comunicações e globalização de modo mais amplo. A constatação em pesquisas como o chamado “Projeto Rurbano” de José Graziano da Silva (1997) é de que o campo vive um franco processo de urbanização e que já não pode mais ser definido como sinônimo de agrário, simples, tradicional, comunitário ou atrasado. Não obstante, é preciso reconhecer que, anuladas as oposições, diferenças sociais, culturais, econômicas, espaciais e representacionais permanecem.

A bibliografia revisada, que inclui os supracitados e outros(as) autores(as) e que será apresentada em tópico próprio no decorrer do texto, não estabelece uma superação definitiva das conceituações “campo”, “cidade”, “rural” e “urbano”, mas avança no sentido de desessencializar as concepções clássicas. Ao atentar aos processos de trânsito entre as dicotomias e questionar os parâmetros formais e normativos que, em parte, regulam os entendimentos dicotômicos, a aproximação desses universos parece significar mais interpenetrações culturais do que a extinção de um dos “polos”. O encontro de lógicas urbanas e rurais, fenômeno hoje acelerado, ocorre desde o período colonial e, dada sua relevância na formação cultural do povo brasileiro, tem sido objeto de estudos de autores como Freyre (1982), Martins (1986, 2014), Carneiro (1998a, 1998b) e Wanderley (2001).

Neste sentido, quando se anuncia aqui a manifestação de formas, situações, elementos, símbolos ou atitudes relacionadas ao urbano ou ao rural, toma-se como referência as representações do próprio senso comum local sobre essas categorias (Martins, 2014, 2017; Kummer, 2021). A interpretação desses significados, no entanto, não ignora o debate das teorias social e geográfica sobre essa problemática, mas aproxima-os e explora seus limites e contradições.

Além disso, ao se abordar um bairro como locus de observação dessa ordem de fenômenos, estabelecem-se algumas problemáticas paralelas. Muitas tradições da sociologia costumam interessar-se nos grandes fatos, estruturas e processos, relegando a um lugar marginal os eventos menores, os casos que não corroboram ou se ajustam facilmente às grandes teorias e formulações. De outro lado, há uma microsociologia interessada em detalhes e subjetividades que pouco dizem sobre processos sociais maiores, devido à limitada criticidade e capacidade em relacionar fenômenos de diferentes ordens e escalas.

Estudos sobre bairros e localidades podem dizer muito sobre a recepção de grandes processos como a urbanização, globalização e modernidade. Quando se dirige o olhar sociológico a um lugar, tem-se a oportunidade de enxergar ali a singular coexistência do histórico, do econômico, do geográfico e do fenomenológico, que incorpora tudo isso e que desafia o pesquisador a decifrá-lo. O olhar para o caso e para o específico, aqui, não perde de vista o geral e a totalidade. A complexidade do concreto se dá pelas inúmeras e particulares formas de resistências, sobreposições e desencontros, além dos resíduos produzidos pelo choque do novo com o velho. Esses elementos constituem precioso material sociológico, pois dizem respeito à experiência

social própria de fenômenos globais que se encaixam onde já havia alguma coisa e precisam, portanto, ser estudados empiricamente, evitando a adoção acrítica de modelos estrangeiros e os riscos da superdeterminação teórica.

Acredita-se que este estudo pode contribuir com a discussão e compreensão de dinâmicas sociais, socioespaciais e identitárias de comunidades suburbanas ou em processo de urbanização, um fenômeno complexo e muito expressivo na realidade dos interiores do país. Deste modo, a presente investigação não se limita à descrição desse universo, mas busca a interpretação e o sentido de seus processos, tomando como ponto de referência a experiência dos próprios membros da comunidade. Tem-se como **problema de pesquisa** fundamental: como os moradores de origem rural vivendo no bairro Santa Marta em Camaquã/RS adaptam seus modos de vida ao ambiente urbano e ao processo de urbanização do bairro? Em outras palavras, interessa o jogo de mudanças e rupturas/permanências e continuidades nas trajetórias desses sujeitos e no processo constitutivo do próprio bairro.

É nesse sentido, na intenção de interpretar a vivência particular e situada de fenômenos e processos grandes e caros às ciências sociais, como a migração, mas também de mostrar o que há de peculiar e diferente na realidade observada, que se elaborou este trabalho. Ademais, este é um estudo de caso pioneiro acerca do fenômeno da migração rural no município e no bairro em questão, e também o primeiro estudo sociológico de maior fôlego sobre um bairro de Camaquã.

Dito isso, a pesquisa tem como **objetivo geral** compreender as estratégias construídas pelos migrantes no processo de adaptação ao ambiente urbano após se estabelecerem no bairro Santa Marta em Camaquã/RS; e fomentou os seguintes **objetivos específicos**:

- a) analisar como as possibilidades propiciadas pelo rural e pelo urbano são mobilizadas nos modos de vida e de significação do mundo dos sujeitos locais;
- b) analisar a importância da migração campo-cidade na formação do bairro e na constituição das dinâmicas locais;
- c) compreender o sentido atribuído pelos moradores às recentes transformações da localidade, observadas sobretudo na expansão da malha urbana².

² Áreas ocupadas por cidades; perímetro urbano.

A introdução se constitui dos cinco seguintes tópicos: Contextualização, no qual se apresenta o município de Camaquã, que por sua vez engloba o bairro da Santa Marta; um tópico sobre a estratégia metodológica da pesquisa, o qual por sua vez se divide em outros, visando situar quem lê acerca dos nortes da estratégia de coleta e interpretação de dados, sobre uso conferido às entrevistas e fotografias como técnicas de pesquisa; e, finalmente, em um último tópico da seção, é apresentada a estrutura da dissertação, que desvela a organização do trabalho nos capítulos seguintes.

1.1 Contextualização: o município de Camaquã

A economia do município de Camaquã acompanha a tendência nacional de progressivo destaque do setor de serviços e tem, atualmente, neste setor a liderança na participação no PIB municipal. Contudo, as atividades econômicas do município apresentam-se fortemente ancoradas no setor primário, através da própria produção agropecuária, do beneficiamento desses produtos e dos serviços que orbitam essas atividades. Em se tratando de atividade agrícola, os cultivos de arroz, soja e tabaco figuram como principais produções do município³.

Camaquã é atravessada pela BR-116, que liga o município a Porto Alegre e, indo na direção sul, a outros municípios importantes da região, dentre os quais Pelotas. Sua alocação geográfica contribui para que a cidade se constitua como um importante polo para os municípios menores de seu entorno que, se tomados em conjunto, reforçam ainda mais o caráter agropecuário da economia regional. A forte presença do setor agrário na economia de Camaquã tem reflexos na cultura. A Festa do Colono, por exemplo, é uma das principais festividades do município e celebra a cultura rural, com exposição de tratores, artesanatos e apresentações artísticas. Além disso, a gastronomia típica da região também está fortemente ligada aos produtos cultivados e produzidos no campo, como o churrasco de carne bovina ou o carreteiro. Tendo isto em vista, não se pode deixar de notar que os modos de sociabilidade, a estética, cultura e valores dos camaquenses de modo geral são significativamente permeados por símbolos e itens rurais. Nesse sentido, pode-se mencionar a recorrência de construções rústicas, de fornos de barro e adornos confeccionados com rodas de carroça, chaleiras de ferro, madeira bruta ou objetos tradicionais e

³ Em termos de volume de produção, quantidade de estabelecimentos dedicados e valor da produção. Dados em conformidade com panorama do IBGE Cidades. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/camaqua/pesquisa/24/76693>. Acesso em: 11 maio 2023.

antigos como aspectos de uma “estética galponeira”, que se diferencia da urbana, esta última mais associada às modas, às novidades.

Quando o enfoque recai especificamente sobre periferias e subúrbios⁴ do município — de modo especial na Zona norte⁵, onde há proximidade física com um interior mais tradicional, organizado em pequenas propriedades familiares, de raízes que se poderiam chamar camponesas⁶ — a manifestação da ruralidade é substancialmente mais acentuada. As fronteiras físicas entre campo e cidade e simbólicas entre o rural e o urbano neste território mostram-se imprecisas, matizadas, de modo que é possível reconhecer ali uma situação não apenas intermediária, mas híbrida.

No bairro Santa Marta, é comum observar o cultivo de hortas e pequenas plantações, criação de patos, galinhas e eventualmente porcos em parte significativa das residências, bem como a presença de cavalos e a utilização de veículos de tração animal. De mesmo modo, as identidades e sociabilidades são significativamente marcadas por atitudes e disposições que remetem ao tradicional, como a personalidade, o sentimento de vizinhança ou de comunidade, e relações baseadas na confiança, nos acordos verbais em lugar das formas contratuais. A cultura entre os mais jovens envolve símbolos urbanos como o *pixo*⁷, os carros rebaixados, o funk, as tatuagens e as drogas, sem aparente contradição ou rivalidade com manifestações de uma cultura tradicional, como o andar a cavalo, a pilcha⁸, o porte de facas, a música gaúcha, a caça e a pesca, a popularidade de eventos em torno da prática do laço, gineteadas e rodeios. Este é um cenário que indica mais intercâmbios e assimilações

⁴ Aqui é importante uma distinção: O termo periferia se tornou usual tanto nas Ciências Sociais como no vocabulário popular para se referir às regiões urbanas pobres, com pouca ou nenhuma infraestrutura pública, relacionadas à pobreza e à “exclusão social”. O subúrbio, por outro lado, apesar de ser uma noção pouco utilizada no Brasil, refere-se mais precisamente às áreas que circundam as cidades — diferente das periferias, que podem ser centrais — e seu emprego tem frequentemente uma conotação positiva, especialmente nos textos de matriz linguística anglófona. A discussão é feita de maneira mais aprofundada no capítulo III, no tópico intitulado “O subúrbio”.

⁵ Conforme o painel do município no site IBGE Cidades, o município “possui duas áreas de topografias distintas: a zona da várzea, onde predominam as grandes e médias propriedades, dedicadas à pecuária e às lavouras de arroz e soja; e a zona da serra, onde predominam as pequenas e médias propriedades dedicadas ao plantio da soja, milho, feijão, fumo e mandioca”. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/camaqua/historico>. Acesso em: 8 maio 2023.

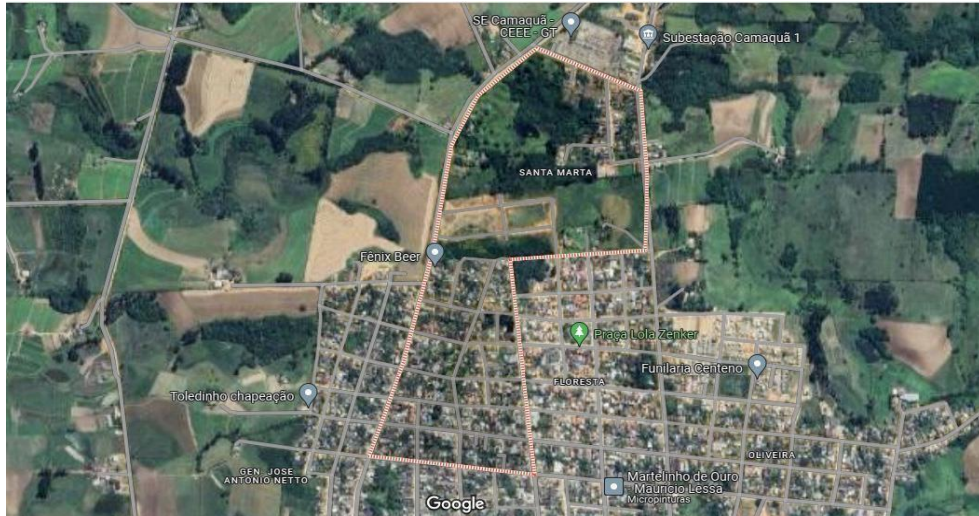
⁶ O camponês, diferentemente do peão ou do empregado rural, caracteriza-se, entre outras coisas pelo trabalho familiar, pela propriedade da terra e, mais recorrentemente no passado, pela economia de subsistência.

⁷ “O mesmo que “pichação”, ato de escrever ou rabiscar sobre muros, fachadas de edificações, asfalto de ruas ou monumentos, usando tinta em spray aerossol, dificilmente removível, estêncil ou mesmo rolo de tinta”. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/pixo/>. Acesso em: 23 jun. 2023.

⁸ Não confundir com o anteriormente mencionado “pixo”; a “pilcha” diz respeito ao modo de vestir tipicamente gaúcho.

do que imagináveis antagonismos entre os fenômenos tipicamente relacionados à cidade e ao campo.

Figura 2 – Vista aérea do bairro Santa Marta



Fonte: Google Maps. Print capturado em 05/03/2024.

A respeito das formas e estratégias de reprodução social das famílias do bairro, é expressivo o emprego na indústria e nos serviços, além das especialidades que são transmitidas intergeracionalmente, como a profissão de pedreiro ou marceneiro. Entre aqueles que se dedicam à agricultura ou que dispõem de lotes produtivos, é comum a presença de arranjos pluriativos⁹, a prestação ou troca de serviços sazonais em lavouras de terceiros e o empreendedorismo em torno dos eventos de esportes montados e criação de cavalos, notável principalmente na presença de hotelarias que prestam serviços de alojamento e cuidados com esses animais. A comercialização dos produtos locais na própria comunidade ocorre de modo interpessoal, comumente sob a modalidade “de porta em porta”, onde produtor e comprador se relacionam diretamente.

Dado o passado rural da própria localidade e de parte significativa de seus moradores, são comuns os costumes como a agricultura ou manutenção de pequenas hortas para subsistência¹⁰, bem como padrões de sociabilidade, manutenção de

⁹ A pluriatividade refere-se à multiplicidade de formas de trabalho e renda das famílias rurais e pode ser atribuída àquelas famílias cujo um ou mais de seus membros desempenham mais de uma atividade ocupacional rentável, seja dentro ou fora da propriedade. Seria o caso da família que, além do cultivo agrícola, tem um ou mais membros empregados na indústria ou comércio, por exemplo. A pluriatividade, portanto, segundo Fuller (*apud* Schneider, 2003, p. 105) “refere-se a uma unidade produtiva multidimensional, onde se pratica a agricultura e outras atividades, tanto dentro como fora da propriedade, pelas quais são recebidos diferentes tipos de remuneração e receitas”.

¹⁰ “Para não depender do mercado”, como popularmente se fala entre os moradores locais.

dialetos e idiomas, culinária e vestimentas populares em suas colônias de origem. Deste modo, se observam esforços de continuidade com relação ao modo de vida rural, expressos, sobretudo, nas estratégias de vida e nas formas de identificação desses sujeitos.

Recentemente, o bairro vivencia um significativo processo de expansão urbana e ocupação por novas famílias. Este processo permitiu questionar como se acomodam as práticas tradicionais ligadas à ruralidade; os modos de ocupação do espaço; as estratégias econômicas das famílias; os modos de sociabilidade, as disposições entre moradores de diferentes perfis e origens; as possibilidades de identificação das pessoas que vivem em meio aos hibridismos e tensionamentos produzidos pelo contato cada vez mais próximo com a cidade e o fenômeno urbano.

Nesse contexto, as dinâmicas sociais e socioespaciais da população apresentam marcas dessas duas possibilidades de identificação. A vivência no encontro entre campo e cidade carrega conteúdos que remetem ao rural e ao urbano, ao tradicional e ao moderno, ao local e ao global simultaneamente. Com efeito, essas características são comuns às pequenas cidades, que exercem entre o campo e o sistema de cidades uma função de intermediação que pode expressar concretamente as formas de integração entre o rural e o urbano e entre o local e o global (Wanderley, 2001). Tal cenário produz uma amálgama de manifestações que incidem não apenas sobre as paisagens e a produção social do espaço, mas em hibridismos na cultura local, nas histórias e modos de vida, nas formas de sociabilidade, nos processos de identificação, ocupações e disposições dos sujeitos, de modo que poderíamos nomeá-las *rurbanas* (Freyre, 1982; Carneiro, 1998b; Souza, 2009).

1.2 Estratégia metodológica

Recorreu-se no estudo à utilização de técnicas mistas, como a descrição e análise dos fenômenos observados *in loco* a partir de anotações em caderno de campo; produção e análise de fotografias também produzidas *in loco*; entrevistas semiestruturadas com sujeitos-chave, como os(as) moradores(as) mais antigos(as); observações participantes em diferentes contextos da vida cotidiana local; e análise das paisagens. O esforço se deu em articulação com aspectos teóricos que se apresentam diluídos nos capítulos seguintes.

Através das entrevistas, buscou-se denotar como os(as) moradores(as) se identificam, quais suas origens, seus modos de sociabilidade, produção da vida

material, lazer, entre outras questões. Como Apêndice A do presente documento, encontra-se o roteiro que estruturou as entrevistas.

A observação participante ocorreu em diversos contextos e de modo direcionado, mas não somente. Ela ocorreu, sobretudo, de modo espontâneo, em momentos de interação com os(as) moradores(as) do bairro, nos quais eventualmente procurou-se induzir a conversa no sentido da pesquisa. Estratégias neste sentido envolveram visitas, caminhadas pelo bairro e uma presença mais demorada na rua e nos espaços públicos.

A produção fotográfica foi favorecida por essa dinâmica e incidiu sobre os aspectos visíveis do problema, sobre notadamente a materialização de tempos e relações nas formas e paisagens, através da perspectiva — teórica e subjetiva — do pesquisador. A análise das paisagens ocorre, ao longo do texto, sob o suporte deste recurso. O recorte temporal da pesquisa de campo foi compreendido entre a segunda metade de 2022 e fevereiro de 2024, com exceção da produção fotográfica, cujo acervo se produziu desde 2017.

A tabela a seguir apresenta os diferentes objetivos da pesquisa em relação aos métodos e técnica que foram empregados:

Tabela 1 – Objetivos e métodos

OBJETIVO	MÉTODO OU TÉCNICA
Compreender as estratégias construídas pelos migrantes no processo de adaptação ao ambiente urbano após se estabelecerem no bairro Santa Marta, em Camaquã/RS.	<ul style="list-style-type: none"> - Entrevistas. - Observações participantes.
Analisar como as possibilidades propiciadas pelo rural e pelo urbano são mobilizadas nos modos de vida e de significação do mundo dos sujeitos locais.	<ul style="list-style-type: none"> - Entrevistas. - Observações participantes. - Produção fotográfica. - Análise das paisagens.
Analisar a importância da migração campo-cidade na formação do bairro e na constituição das dinâmicas locais.	<ul style="list-style-type: none"> - Entrevistas. - Busca por registros históricos.
Compreender o sentido atribuído pelos moradores às recentes transformações da localidade, observadas sobretudo na expansão da malha urbana.	<ul style="list-style-type: none"> - Entrevistas. - Análise das paisagens.

Fonte: elaborada pelo autor.

A opção por uma abordagem metodológica mista e flexível teve inspiração na proposta de “artesanato intelectual” e se justifica pelo caráter qualitativo da investigação, que demandou observações profundas e métodos sensíveis, capazes de se ajustar às particularidades das situações e sujeitos encontrados e formar um conjunto rico de dados. O artesanato intelectual, defendido por José de Souza Martins,

faz referência a uma perspectiva que tem origem em Wright Mills e constitui, ao mesmo tempo, um modo de proceder sociologicamente e uma crítica radical ao cientificismo moderno. Nessa abordagem, fatores “extra científicos” do conhecimento, como o senso comum e as memórias e vivências do próprio pesquisador passam a ser valorizados. Segundo o autor, A sociologia “modernosa” desqualifica e usurpa o saber intuitivo, espontâneo e tradicional. Ela teme o senso comum e, com isso, descarta uma fonte de saber documental e essencial ao conhecimento sociológico (Martins, 2014). O artesanato intelectual envolve mais profundamente o pesquisador em sua temática e favorece a percepção dos processos sociais em sua inteireza, isto é, enquanto processos históricos e cotidianos ao mesmo tempo. Esta é uma proposta que prioriza uma sociologia de visão crítica e vivencial, valorizando inclusive o conhecimento de senso comum e as memórias do cientista.

Na concepção de José de Souza Martins:

O artesanato intelectual do sociólogo é a ferramenta inventiva que constrói em face de cada desafio. Não é um método técnico, mas um conjunto de intuições sociologicamente fundamentadas da regra de criação do método *ad-hoc*, ajustado ao desafio investigativo e explicativo do objeto ao mesmo tempo, em cada circunstância (Martins, 2014, p. 10).

A interpretação dos dados se deu especialmente sob o apoio da sociologia de José de Souza Martins (2014, 2017) e, no que toca à análise das paisagens, da geografia crítica de Milton Santos (2014), cujas perspectivas teóricas são apresentadas em seções próprias. Martins se inscreve na tradição sociológica de Florestan Fernandes, propondo um olhar sociológico crítico, privilegiando o que se encontra às margens, fenômenos e processos ofuscados ou tomados como “residuais” em relação aos grandes fenômenos e processos sociais. O sociólogo se ocupa dos temas da sociologia rural, do cotidiano e da sociabilidade do homem simples. Assim como Martins, Milton Santos se consolida no Brasil como importante intérprete de Lefebvre, permitindo construtivos links interdisciplinares, além de uma impressão lefebvriana transversal às duas perspectivas.

1.3 Um lugar familiar

A interação entre o pesquisador e o local de estudo representou uma fonte fundamental de memórias e conhecimento do cotidiano e do senso comum local, elementos essenciais para a viabilidade da abordagem sociológica proposta. O pesquisador, nativo da região em análise, acumula lembranças e vivências que

remontam à sua infância e juventude, época em que grande parte do bairro Santa Marta ainda consistia em bosques e áreas verdes.

Durante os anos 1990 e 2000, o pesquisador explorou intensamente essa localidade, participando de atividades de exploração como a busca por frutas silvestres e a observação da fauna e flora. Vívidas são as reminiscências de duelos juvenis envolvendo frutos de mamona e cinamomo, assim como torrões salientes do solo argiloso. Os banhos de chuva, em arroios e açudes, e as experiências sensoriais envolvendo os aromas, cores e sabores de frutas como caquis, morangos, laranjas do céu e ovos de garnizé são igualmente evocativas. Essas vivências contribuíram para a formação de uma experiência existencial (e decorrente identidade) singular, distinta da de jovens urbanos típicos, mas também diferente daquela dos jovens rurais. Para a construção de uma identidade que, como formulou outra vez Stuart Hall (2000), é produto de rotas e raízes.

A transição para uma escola suburbana, a partir da 6ª série, introduziu reflexões sobre a dualidade entre a urbanidade e a ruralidade, evidenciada pela visão que se tinha da paisagem, onde o centro da cidade contrastava com a presença de vacas no campo próximo. A Escola Estadual de Ensino Médio Ana César tornou-se um espaço de convívio onde algumas interfaces entre campo e cidade se manifestavam de maneira notável como, por exemplo, na constituição do corpo discente. O contraste evidente entre o meio rural e o urbano era claramente observado pela entrada pavimentada da escola em contraposição à presença de animais e atividades agrícolas nas proximidades.

Posteriormente, durante os estudos universitários em Ciências Sociais, o pesquisador teve seu primeiro contato com a Sociologia brasileira. Nesse contexto, foram realizadas discussões que suscitaram reflexões sobre a realidade peculiar da sua origem, normalmente ausente nos debates acadêmicos de maior difusão; reflexões que se encontram aqui polidas, apontadas a um objeto de investigação científica. O interesse pelo tema do subúrbio, da dinâmica rurbana e pela perspectiva de uma sociologia marginal emergiram desse encontro intelectual.

Dito isso, a pesquisa não ocorreu de maneira isolada, nem meramente catedrática ou separada das relações de sociabilidade locais, ou seja, das formas como os indivíduos estabelecem relações e interações sociais entre si em seus contextos. Pelo contrário, a integração do pesquisador desde a infância como membro do bairro desempenhou um papel fundamental na condução do estudo. Durante os

trabalhos de campo, o pesquisador mergulhou profundamente no cotidiano do bairro Santa Marta, assumindo não apenas o papel de observador, mas integrando-se ativamente à comunidade. Essa imersão permitiu uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais, das identidades locais e das transformações urbanas que constituem a essência do objeto de estudo. A metodologia adotada incorporou uma abordagem participativa, envolvendo não apenas entrevistas formais, mas também interações informais no tecido social do bairro.

O fato da região pesquisada ser familiar ao pesquisador, como é aqui o caso, permite maior proximidade com os sujeitos e a possibilidade social da demora, pois não existe um “após o trabalho”; não é preciso sempre “ir embora”. Quanto à proximidade do pesquisador com o objeto, Martins considera que

O estranho e o estrangeiro têm a vantagem sociológica de ver de fora para dentro e, nesse sentido, compreender mais e melhor, mais objetivamente o que vê, descreve e analisa. Seu estranhamento natural cumpre com mais facilidade uma função metodológica. Mas o de dentro vê mais e melhor as sutilezas da vida social que banalizam o ver e o compreender, tornando-as patrimônio pessoal oculto daqueles que alguns autores definem como membro daquela sociedade. Só o membro domina naturalmente o que o estranho dificilmente dominará e compreenderá. Nesse sentido é que a Sociologia deve ser ao mesmo tempo uma Sociologia dos fatos e processos sociais e uma Sociologia de conhecimento de senso comum que dos fatos e processos vividos têm os membros daquela sociedade, daquela comunidade ou daquele grupo social, os que nela foram socializados e dominam como própria sua chave interpretativa (Martins, 2014, p. 35).

Ainda sobre a relação proximidade/afastamento do objeto, convém mencionar que a própria experiência acadêmica fora da cidade representa um importante fator de estranhamento, culminando em uma situação em que o pesquisador se vê parcialmente dentro e parcialmente fora da comunidade, o que é particularmente proveitoso na construção de um olhar crítico. Assim, com a apropriação de técnicas e reflexões inscritas na perspectiva metodológica de José de Souza Martins, visou-se uma abordagem não meramente sistemática, mas em contato íntimo com o objeto, prevenida de simplistas apreensões e generalizações.

A ideia foi afastar possíveis limitações decorrentes do investimento em uma perspectiva metodológica rígida. Nas diretrizes desenhadas, houve a observação e suporte de um esquema firme, mas, ao mesmo tempo, espaço para a imaginação e espontaneidade sociológica que o envolvimento direto no universo de pesquisa requereu. Deste modo, foi possível tomar a história, as paisagens e o cotidiano de um lugar periférico como quadro prático de uma análise sociológica imersiva. Partiu-se do

drama das pessoas que vivem nesse contexto, de suas experiências de mundo a partir do lugar em que vivem, das relações que mantêm com os próximos e com o todo. Em suma, das contradições locais e globais que incorporam em suas vivências e de como organizam isso em suas ações, em seu espaço, em sua busca por identidade. O “homem simples” ou o “sujeito marginal”, como se verá mais adiante, não somente como objeto, mas perspectiva para uma investigação sociológica que o transpassa, perseguindo os condicionantes de sua situação.

Ao se dirigir o olhar para esta comunidade, teve-se em vista principalmente sua vida cotidiana, sua produção do espaço e suas formas de sociabilidade. As sociabilidades incluem, por exemplo, as relações de vizinhança, as redes de amizade e parentesco, as atividades culturais e de lazer, as práticas religiosas, as formas de convivência entre moradores, entre outras. As sociabilidades são um elemento importante da vida do homem simples, uma vez que as relações sociais desempenham um papel vital na sobrevivência e no bem-estar das pessoas (Martins, 2017). Elas não só envolvem, como são também intermediadas pelo senso comum local. “O senso comum é comum não porque seja banal ou mero e exterior conhecimento. Mas, porque é conhecimento compartilhado entre os sujeitos da relação social” (Martins, 2017, p. 54). É algo como significados compartilhados, que precedem as relações e dão suporte a elas. Esse senso comum, que emerge das sociabilidades, representações e relações cotidianas, e que, no contexto empírico da pesquisa, se expressa de forma direta e funcional, é parte da descoberta da pesquisa e do que ela se propõe a explicar.

Assim sendo, a vida comunitária e as formas de sociabilidade entre os membros da comunidade são aqui encaradas como elementos cruciais no suporte frente às inconstâncias da sociedade e possíveis fatores de coesão e construção de identidades compartilhadas.

1.4 Entrevistas

Ao aproveitar conexões familiares e relações pessoais no bairro, foi possível formar uma rede de contatos facilitada pela confiança já estabelecida. Essa estratégia não apenas simplificou a identificação de entrevistados¹¹ potenciais, mas também

¹¹ Por se tratar de uma comunidade pequena, onde todos os entrevistados poderiam ser facilmente reconhecidos, e também como forma de deixá-los mais à vontade acerca da concessão de informações, optou-se pela não identificação dos entrevistados com nomes próprios.

contribuiu para a construção de uma relação mais autêntica e aberta durante as interações. As interações pessoais revisitaram nuances sutis das relações sociais, da resistência cultural e das negociações identitárias no bairro. Assim, foram entrevistados, a partir de um roteiro semiestruturado (Apêndice A), doze moradores(as) e ex-moradores(as), sendo que dois destes (entrevistados 11 e 12) migraram de volta para a serra. Sobre estes últimos, os entrevistados precisaram ser localizados a partir de orientações de conhecidos, e a entrevista precisou ser realizada na própria região da serra, constituindo assim um dos principais desafios enfrentados em campo. A presente pesquisa não estabelece um recorte etário, mas, pelo maior interesse naqueles que viveram a migração campo-cidade de maneira pessoal, e que assistiram às transformações do bairro em um recorte de tempo maior, acabou-se por trabalhar com uma amostra majoritariamente composta pelos(as) moradores(as) mais antigos(as). Todas as entrevistas definitivas foram realizadas entre junho de 2023 e fevereiro de 2024.

Tabela 2: Perfil dos moradores entrevistados

Entrevistado (a)	Idade	Sexo	Escolaridade	Profissão	Profissão dos pais
1	62	M	4ª série	Comerciante	Agricultores
2	82	M	2ª série	Aposentado	Agricultores
3	80	F	5ª série	Aposentada	Agricultores
4	79	M	4ª série	Aposentado	Agricultores
5	64	M	8ª série	Comerciante	Agricultores
6	77	F	3ª série	Aposentada	Agricultores
7	87	M	Nunca estudou	Aposentado	Agricultores
8	83	M	3ª série	Marceneiro	Agricultores
9	77	F	4ª série	Aposentada	Agricultores
10	60	M	4ª série	Aposentado	Agricultores
11	56	M	1ª série	Agricultor	Agricultores
12	53	F	1ª série	Agricultora	Agricultores

Fonte: elaborada pelo autor.

1.5 Análise das paisagens e o recurso fotográfico

Paralelamente às atividades de observações e entrevistas, o autor dedicou-se a produzir fotografias nos arredores do bairro Santa Marta. Aliada à captura do ambiente social, que o favoreceu enquanto fotógrafo devido à intimidade com o local já exposta em tópico anterior, o pesquisador praticou *birdwatching*¹² na região, hobby que já o acompanha há mais de oito anos. A prática diz respeito à observação de aves e, por extensão, da fauna nativa. Há comunidades organizadas no entorno da prática, como os COAs, que são clubes de observadores de aves existentes em alguns municípios. Para o município de Camaquã, o pesquisador estima já ter fotografado pelo menos cem espécies diferentes, algumas delas nas matas presentes no bairro Santa Marta. Muitos destes registros podem ser encontrados em seu perfil no site Wikiaves¹³. Movido por esses dois interesses, o pesquisador circulou pelo bairro produzindo as 21 fotografias apresentadas ao longo do trabalho, as quais foram realizadas desde meados de 2017, mas mais objetivamente entre os anos de 2022 e 2024, período no qual decorreu a presente pesquisa.

Sendo já conhecido no bairro em virtude desta atividade, algumas situações de sociabilidade com os moradores foram, inclusive, mediadas pela própria fotografia. Ainda na fase inicial da pesquisa, uma das entrevistas exploratórias foi oportunizada pelo pedido de um morador que queria ter seu cavalo fotografado. De modo semelhante, um vizinho foi presenteado com fotos de seu neto andando a cavalo, tiradas pelo pesquisador enquanto observava aves no mesmo local. Esta ocasião oportunizou o anúncio da pesquisa e intenção da entrevista, mais tarde realizada. Mais do que coincidências, estes eventos denotam algo da ruralidade e da polivalência das paisagens do bairro, pois o mesmo ambiente que estes sujeitos veem como propício para o passeio a cavalo, o pesquisador explora através do *birdwatching* e, outros ainda, exploram ou usufruem à sua maneira.

A respeito da análise das paisagens, interessou a apreensão de suas formas visíveis, mas também a consideração de suas estruturas, história e funções, uma vez que

¹² Termo em inglês para observação, fotografia e outras formas de registro de aves em liberdade.

¹³ “O WikiAves é um site de conteúdo interativo, direcionado à comunidade brasileira de observadores de aves, com o objetivo de apoiar, divulgar e promover a atividade de observação de aves e a ciência cidadã, fornecendo gratuitamente ferramentas avançadas para controle de registros fotográficos e sonoros, textos, identificação de espécies, comunicação entre observadores, entre outras”. Link para o perfil: https://www.wikiaves.com.br/perfil_cadus. Disponível em: www.wikiaves.com.br. Acesso em: 8 mar. 2024.

Forma é o aspecto visível de uma coisa. Refere-se, ademais, ao arranjo ordenado de objetos, a um padrão. Tomada isoladamente, temos uma mera descrição de fenômenos ou de um de seus aspectos num dado instante do tempo. Função, de acordo com o Dicionário Webster, sugere uma tarefa ou atividade esperada de uma forma, pessoa, instituição, ou coisa. Estrutura implica a inter-relação de todas as partes de um todo; o modo de organização ou construção. Processo pode ser definido como uma ação contínua desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudança (Santos, 2014. p. 69).

Desse modo, não se desejou, através da produção e análise fotográfica, traçar uma morfologia desses espaços, mas sim somá-la a uma abordagem holística dos fenômenos envolvidos no problema. O fato de a investigação se caracterizar como estudo de uma localidade específica não a redime de uma desconsideração situacional, de reconhecer o lugar-objeto como fração de uma totalidade e como palco ao mesmo tempo de eventos locais e globais (Santos, 2014).

Ainda sobre a utilização do recurso fotográfico na pesquisa, não se pretendeu atribuir a este um caráter positivista, factual. Dito isso, a produção fotográfica também não se justificou sob um pretexto meramente ilustrativo. Considerou-se, a partir de Martins (2016, p. 154), que “toda fotografia contém um ‘ver a mais’, já que nenhum fotógrafo, mesmo o amador da fotografia ingênua, é passivo copista do que está fotografando”. Além disso, o mesmo autor afirma que o “enxergar”, qualidade própria do ato fotográfico, pressupõe a possibilidade social da demora, do tempo próprio da relação social, diferente da pressa e do instante; fatores que colaboram à pesquisa que aqui se desvela.

1.6 Estrutura da dissertação

A respeito de sua estrutura, o trabalho está organizado em seis capítulos, além da introdução e das considerações finais. São eles: 1) Estado da arte e lacuna pesquisa; 2) O sujeito e o lugar marginal; 3) Uma reflexão acerca das ruralidades; 4) Vida cotidiana no bairro Santa Marta; 5) As dinâmicas rurbanas e a produção das paisagens; 6) Identidades, trajetórias e modos de vida.

Tendo já sido abordada a metodologia do trabalho na introdução que aqui se encerra, os capítulos seguintes (1, 2 e 3) apresentam a temática em trabalhos antecedentes à pesquisa e se dedicam à discussão acerca de algumas categorias e conceitos analiticamente articulados neste trabalho, como migração, temporalidades e espacialidades, ruralidades e marginalidade. Esses conceitos foram abordados a

partir de autores como Martins (2014, 2017), Santos (1997, 2014), Lefebvre (1999, 2002), Freyre (1982), Carneiro (1998a, 1998b), etc.

A partir do capítulo 4 são apresentados os resultados e a análise. O quarto capítulo, sendo o primeiro capítulo de análise, se debruça sobre a vida cotidiana no bairro Santa Marta; o quinto versa sobre as dinâmicas rurbanas e a produção de paisagens; e no sexto, que é também o último capítulo de análise, são discutidas as trajetórias, identidades e modos de vida manifestos no universo pesquisado.

1.7 Estado da arte e lacuna de pesquisa

A partir da busca pela palavra-chave “Camaquã”, foram encontrados no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES¹⁴ 196 trabalhos. A maioria deles versa sobre a Bacia Hidrográfica do Rio Camaquã e questões socioambientais relacionadas a essa região. Quando se busca pelas palavras “bairro Santa Marta”, encontram-se 13 resultados, sendo que nenhum deles se refere ao mesmo local/objeto da presente pesquisa.

No que diz respeito à temática da presente pesquisa, pode-se encontrar pelo menos quatro trabalhos que guardam com ela correspondências relevantes. São trabalhos que versam sobre as dinâmicas de bairros ou zonas urbanas marcadamente influenciadas por tradições, hábitos, costumes ou padrões rurais. Sob diferentes perspectivas (cultural, social, paisagística) essas pesquisas abordam os hibridismos e as configurações particulares de locais influenciados por determinadas tendências urbanas e rurais. A seguir, são sumariamente apresentadas algumas das concepções e ideias mais gerais desses trabalhos.

Em dissertação intitulada “As interfaces entre o rural e o urbano: possibilidades e restrições para a permanência da agricultura familiar no espaço rururbano de Pelotas/RS”, Pinto (2014) analisa a presença da agricultura familiar em áreas classificadas como urbanas da zona norte do município de Pelotas/RS. Segundo o autor, o III Plano Diretor Municipal de Pelotas define o termo “rururbano” para se referir à área do perímetro urbano do município que faz parte do projeto de expansão física da cidade. Faz-se importante, portanto, diferenciar os termos “rururbano”, uma categoria normativa presente no plano diretor de Pelotas, de “rurbano”, neologismo adotado por diversos cientistas sociais sob diferentes perspectivas e apresentado em

¹⁴ Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 15 mar. 2024.

seção própria deste trabalho. Para o autor, as áreas rururbanas manifestam ruralidades e realçam as relações entre cidade e campo.

Dentre as constatações deste trabalho, destaca-se a noção de que a cidade se expande sobre áreas anteriormente rurais, mas não suprime de vez as antigas dinâmicas, sobretudo manifestas na prática da agricultura estabelecidas nesses territórios. Nesse contexto, a agricultura familiar, por não restringir sua ocorrência dentro de divisões espaciais normativas, figuraria como fator integrador do rural e do urbano. Além disso, nesses contextos, novos arranjos seriam formados, como, por exemplo, sob formas de pluriatividade adotadas pelas famílias locais.

Outro trabalho relevante é o de Oliveira e Carneiro (2012), sob o título “Tradições rurais em vidas urbanas: a agricultura urbana no bairro Vila Anália, Montes Claros/MG”, sendo derivado do trabalho de conclusão de curso desse primeiro autor. Nesse estudo, Oliveira e Carneiro (2012) se atêm à análise da agricultura urbana praticada pelos moradores do bairro Vila Anália na cidade de Montes Claros, interior de Minas Gerais. A proposição central está no reconhecimento da agricultura urbana como uma espécie de elo, ou, como afirmam os autores, elemento materializador do *continuum* rural-urbano. O argumento para tanto não se afirma em mera proposição lógica, mas na historicidade do contexto empírico da referida pesquisa. Nesse sentido, é relevante a constatação de que o bairro Vila Anália é formado em grande parte por moradores de origem rural ou de pequenas cidades, os quais trariam consigo seus saberes e hábitos, dentre eles a agricultura, que passa então a ser praticada em fundos de quintais, terrenos vazios na vizinhança ou pequenos canteiros. Desse modo, os autores veem na agricultura urbana praticada por esses sujeitos um processo de recriação na cidade de paisagens e identidades que remontam à cultura de origem rural. Mais do que isso, essas dinâmicas seriam sintomáticas do estreitamento dos laços entre o campo e a cidade, segundo Oliveira e Carneiro (2012).

O terceiro trabalho merecedor de menção é de autoria de Souza (2009) e se apresenta sob o título “Paisagens rururbanas: a tensão entre práticas rurais e valores urbanos na morfogênese dos espaços públicos de sedes de municípios rurais. Um estudo de caso”. A autora analisa o caso do município de Ângulo/PR, cuja população total era de menos de 3.000 habitantes em 2007, para demonstrar como a designação da sede de municípios muito pequenos à categoria de “cidade” é capaz de induzir “valores urbanos” e influir nas representações destes territórios de tradição rural. Para Souza, esse processo gera tensões e conflitos entre os novos valores e os antigos

modos de vida, mas também fomenta ressignificações e hibridismos que se expressam nas paisagens podendo, deste modo, ser vistas como paisagens rurbanas. A autora cita a coexistência de estruturas urbanas e residenciais como galpões, implementos agrícolas e uso do solo no interior do perímetro urbano para a produção agropecuária. As paisagens, para a autora, não devem ser vistas como uma configuração estática, mas como morfologia em constante mutação. Talvez, nesse ponto, seu pensamento seja particularmente proveitoso ao subsidiar o entendimento de “paisagem rurbarana” não como mais uma tipologia entre o rural e o urbano, mas como expressão de um processo, que apesar das especificidades de cada contexto empírico, representa de certo modo um fenômeno de larga escala no escopo do processo de urbanização do país.

Sobre o bairro Santa Marta, recorte da presente investigação, a produção acadêmica é diminuta. O trabalho pioneiro foi o artigo denominado “Paradoxos entre o arcaico e o moderno no bairro Santa Marta em Camaquã/RS” de Silva e Ribeiro (2017), apresentado e publicado nos anais da *V Jornada Brasileira de Sociologia*, evento que aconteceu na Universidade Federal de Pelotas, e trata-se de um trabalho exploratório que antecedeu a presente pesquisa. Neste estudo, a atenção se dirigiu aos modos de vida e sociabilidades inscritos na tensão entre o tradicional e o moderno na referida localidade. Nisso, foram observados particularmente os modos de inclusão marginal ou degradada (Martins, 2012) promovidos nesse contexto. Não obstante, Silva e Ribeiro (2017) também observaram os fluxos do que se identificou como uma “economia solidária”, onde alimentos produzidos no bairro eram comercializados, doados ou trocados por outros produtos ou favores entre a própria vizinhança. Na medida em que essas práticas podem ser lidas como continuidades de uma sociabilidade rural, camponesa, os autores as confrontam com o advento de novos valores e tendências que se anunciam como próprios do urbano, da modernidade ou da pós-modernidade. De maneira reestruturada e alimentada de novas perspectivas teóricas que emergem da presente pesquisa, os autores publicaram um novo artigo sobre o bairro (Silva e Ribeiro, 2024).

Assim, chama a atenção como elemento coesivo entre os quatro trabalhos mencionados a abordagem do fenômeno urbano a partir do que se poderia chamar residual, contraditório, das resistências e das coexistências. Este tipo de abordagem é certamente minoritário nos estudos acerca das relações rural-urbano, que têm suas discussões mais expressivas em torno da urbanização como fenômeno unívoco,

inexorável, com relativo desprezo às manifestações contrárias. Em nenhum dos quatro trabalhos evocados trata-se de negar a urbanização como um processo expressivo e dominante sobre os locais pesquisados, mas sim de analisá-la pela contramão, direcionar o olhar ao contraditório, e poder assim perceber aquilo de rural que as cidades assimilam e aquilo que acaba por ceder. São, tanto nos trabalhos citados quanto na pesquisa que aqui se apresenta, investigações acerca da recepção do fenômeno urbano no originalmente rural e da assimilação do mundo tradicional/rural no processo urbano.

Por outro lado, ficam de fora ou são incipientes nestas análises as trajetórias, as motivações e as crises dos sujeitos que produzem essas dinâmicas. Constitui-se, assim, uma importante lacuna no que se refere às relações entre estes contextos, os sujeitos e suas histórias. Falar em historicidade é também falar em processo, e o olhar em retrospectiva recupera sentidos e torna mais compreensível o presente, as situações atuais.

A perspectiva teórica que se assume na presente pesquisa tem como princípio uma leitura dialética da história e, portanto, o destaque às contradições em movimento na realidade estudada. Nesse sentido, são caros alguns desdobramentos da ideia de desenvolvimento desigual, mais propriamente o formulado em torno das noções de “modernidade inacabada”, composta por “camadas de tempos sociais diferentemente datados”. Essa perspectiva é transversal aos pressupostos teóricos de autores como Santos (2013, 2014) e Martins (2012, 2014, 2017), dupla que compõe o núcleo teórico do presente trabalho. Ademais, a afinidade pouco explorada entre os dois autores revela Henri Lefebvre como referência comum entre ambos e indica, com isso, os contornos gerais da perspectiva assumida.

De maneira específica, mobilizam-se conjuntamente alguns conceitos destes e outros autores, sem necessariamente aderir integralmente a seus pressupostos, mas, sim, de modo a formar um quadro teórico pensado e estruturado em função do presente problema.

2 O sujeito e o lugar marginal

O presente capítulo se dedica a sintetizar parte da revisão teórica que transpassou a pesquisa, abordando uma série de conceitos importantes para a mesma, sendo alguns deles: cotidiano, paisagem, migração, homem marginal e subúrbio.

2.1 A cidade e a migração camponesa

Em sociologia, uma das mais notáveis tradições no estudo da cidade e da vida urbana é aquela relacionada à Escola de Chicago, especialmente em torno da figura de Robert Park. Influenciado por Georg Simmel, com quem teve contato pessoal, Park interessou-se especialmente pelos problemas urbanos emergentes em sua sociedade e seu tempo, destacando-se dentre eles a violência, a assimilação e aculturação envolvidas nos processos de migração, os contatos interculturais, o comportamento humano no meio urbano e a marginalidade.

Para Park (2018b), em comparação com as comunidades tradicionais, a vida na cidade representa possibilidades mais amplas para os indivíduos perseguirem suas vontades e pulsões, ao passo que diminui a intimidade e importância da vizinhança. Além disso, as facilidades de mobilidade produzidas na modernidade permitem que indivíduos possam viver, ao mesmo tempo, em vários mundos diferentes, reduzindo o poder das determinações de origem sobre as trajetórias pessoais. Neste sentido, são relevantes suas considerações acerca da migração camponesa:

O camponês que vem para a cidade trabalhar e viver foi, claro, emancipado do controle de costumes ancestrais, mas, ao mesmo tempo, ele não é mais amparado pela sabedoria coletiva da comunidade camponesa. Ele depende de si. O caso do camponês é típico. Todos em uma cidade dependem mais ou menos de si próprios. A consequência é que o homem, transferido para a cidade, tornou-se, de uma maneira e com uma extensão nunca antes vista, um problema para si mesmo e para a sociedade (Park, 2018a, p.94-95).

A respeito dos processos de acomodação dos migrantes nos lugares para onde se movem, Park (2018b, p. 101) defende a importância de, a partir do estudo de indivíduos e famílias, investigar-se as “motivações relativas às suas experiências subjetivas, suas atitudes e estados da mente, perspectivas de vida e, sobretudo, às

mudanças de concepção que incidem em seus movimentos de um ambiente para o outro”. Park justifica essa postura particularmente na seguinte passagem:

Quanto mais compreendemos as atitudes e histórias pessoais de indivíduos, mais podemos conhecer a comunidade em que eles vivem. Por outro lado, quanto mais conhecimento temos do ambiente em que os indivíduos vivem, mais inteligível torna-se o seu comportamento (Park, 2018b, p.101).

Ainda no interior da problemática da imigração, Robert Park (2018c) elabora o conceito de “Homem Marginal” para se referir àquelas pessoas que deixam seu local e sua cultura para trás em busca de outra sorte em novos ambientes. O conceito de “Homem Marginal” se espelha muito na noção de “Estrangeiro” em Simmel.

Assim, a partir da noção de homem marginal, Park desenvolve uma perspectiva para a investigação das crises experimentadas pelo sujeito migrante em seu processo de assimilação. Na perspectiva de Park, a subjetividade e os processos mentais desses sujeitos são essenciais à compreensão do fenômeno de maneira mais ampla.

É na mente do homem marginal que o distúrbio moral ocasionado pelos novos contatos culturais se manifesta nas formas mais óbvias. É na mente do homem marginal — em que as mudanças e fusões de cultura estão acontecendo — que podemos estudar melhor os processos de civilização e progresso (Park, 2018c, p. 124).

Com isso, Park sugere que o estudo das migrações deve envolver não apenas seus efeitos mais concretos e gerais, mas também as transformações subjetivas que ela produz. A migração como crise social e mental; como crise que existe fora, mas também dentro do indivíduo.

Sob outra perspectiva, Stuart Hall (2006) fala do surgimento de identidades híbridas entre sujeitos que passam por diásporas sem perder os vínculos com os lugares de origem e suas tradições, sendo obrigados a negociar com as novas culturas em que se encontram, sem nunca serem plenamente unificados a elas. Este processo daria escopo à manifestação de crises sobre a dimensão identitária da vida dos sujeitos que vivenciam as migrações. Juntando as duas perspectivas, é possível o entendimento do migrante rural para a cidade como um homem marginal e um híbrido cultural, simultaneamente.

2.2 O lugar marginal e a vida cotidiana

É no lugar e no cotidiano que se pode apreender a materialidade e as expressões intersubjetivas de formulações abstratas como a modernidade e a

globalização capitalista. O lugar é, conforme Santos (2005), condição e suporte das relações globais.

Neste mesmo sentido, Anthony Giddens afirma que:

Em condições de modernidade, o lugar se torna cada vez mais *fantasmagórico*: isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente o que está presente na cena; a “forma visível” do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza (Giddens, 1991, p. 29).

A percepção de Giddens é acertada no sentido de que não existem lugares inalcançados pela modernidade capitalista. O que escapa à sua análise, no entanto, são as complexidades do polo receptor. No que tange ao impacto nas identidades, Kathryn Woodward (2014), afirma que o que caracteriza a fase mais recente do capitalismo é a emergência de culturas e estilos de vida, de formas de produção e consumo e de identidades globalizadas nas mais diferentes regiões do mundo expostas ao seu impacto. Mas a autora pondera:

A globalização, entretanto, produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade (Woodward, 2014, p. 21).

Assim, o que Giddens (1991) trata genericamente como mundo tradicional ou “pré-moderno”, comporta, na verdade, uma enorme diversidade de situações, culturas e tempos sociais reativos à globalização. Nesse sentido, a discussão assume um caráter mais orgânico quando nos apropriamos da perspectiva e do enfoque de Santos.

A localidade se opõe à globalidade, mas também se confunde com ela. O Mundo, todavia, é nosso estranho. Entretanto se, pela sua essência, ele pode esconder-se, não pode fazê-lo pela sua existência, que se dá nos lugares. No lugar, nosso Próximo, se superpõem, dialeticamente, o eixo das sucessões, que transmite os tempos externos das escalas superiores e o eixo dos tempos internos, que é o eixo das coexistências, onde tudo se funde, enlaçando, definitivamente, as noções e as realidades de espaço e de tempo. [...] [Nesse Sentido] O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (Santos, 1997, p. 218).

É no eixo das coexistências, portanto, “onde tudo se funde”, isto é, as determinações externas, as resistências dos tempos e os conteúdos internos, que se dá o cotidiano e onde se manifestam as contradições, produtos e resíduos desse contato local-global, tradicional-moderno.

Para Santos (1997), é no lugar onde as pessoas e instituições compartilham um cotidiano, carregado de cooperação, mas também de conflito. Segundo o autor, uma dada situação não pode ser plenamente apreendida, mesmo quando se busca por objetividade, se não houver consideração às relações intersubjetivas que a caracterizam. Nesta mesma linha, segundo José de Souza Martins, há, no cotidiano, a manifestação de tensões que indicam atritos de tempos sociais, de ordens e determinações que se ocultam num “agora enganoso”.

A Sociologia da vida cotidiana não deve ser confundida com uma Sociologia minimalista e redutiva dos processos sociais aos componentes fenomênicos da vida social. Ao contrário, ela se propõe a investigar o visível e o aparente das ações e relações sociais cotidianas na mediação das estruturas sociais e dos processos históricos que lhes dão sentido, não raro o sentido do inesperado (Santos, 2014, p. 10).

Por certo, a análise da vida cotidiana se dá no nível da experiência social local, mas não se limita ao estudo fenomenológico, uma vez que busca a conexão entre a vivência particular com o todo geral, uma exterioridade independente.

Neste sentido, é possível sustentar o valor analítico das áreas caracterizadas como limítrofes entre o campo e a cidade, através da vida cotidiana e das sociabilidades, da recepção da modernidade e do fenômeno urbano. Nesses lugares marginais e eventualmente efêmeros, o processo e as transformações associadas ao advento do fenômeno urbano e da modernidade capitalista sobre o mundo tradicional são particularmente perceptíveis e de materializações heterogêneas.

Sendo, portanto, possível entender estes espaços como marginais, então eles supõem um ângulo privilegiado para a observação das coexistências do tipo aqui tratado. A margem — em suas dimensões sociais e espaciais igualmente — oferece uma perspectiva sociológica privilegiada, no sentido de que a partir dela se pode perscrutar elementos de distintos mundos e tempos que resistem enquanto objetos no espaço e se fazem vivos nas pessoas e suas formas de sociabilidade.

2.3 Espaço, tempos e paisagens

Quando se quer pensar as formas de experiência que pessoas ou grupos têm de um espaço, faz-se pertinente a noção de espaço vivido. O conceito de espaço vivido foi desenvolvido pelo filósofo e sociólogo Henri Lefebvre e parte de sua tríade concebido/percebido/vivido, que é uma das contribuições mais importantes da sua teoria da produção do espaço. O conceito de espaço vivido se refere à experiência individual e cotidiana do espaço e destaca a importância das percepções e significados que os indivíduos atribuem ao espaço em suas vidas.

Segundo Lefebvre (2000), o espaço vivido é caracterizado pela subjetividade e pela complexidade, e é influenciado pelas relações sociais, culturais e históricas que moldam as percepções e experiências dos indivíduos. Dessa forma, o espaço vivido não é uma simples representação do espaço objetivo, mas sim uma construção social e cultural que reflete as práticas e as relações sociais que ocorrem no espaço. A partir desse processo, as pessoas fazem dos espaços, lugares.

Por outra perspectiva, para Santos (2014) um determinado espaço (que pode ser entendido como um sistema ou um sistema de sistemas) está sempre parcialmente condicionado pelos sistemas passados. “Alguns elementos cedem lugar, completa ou parcialmente, a outros da mesma classe, porém mais modernos; outros elementos resistem à modernização; em muitos casos, elementos de diferentes períodos coexistem” (Santos, 2014, p. 36). O autor afirma que, considerado dessa forma, o espaço sintetiza a evolução da sociedade e auxilia na explicação das situações atuais. É nesse sentido que Santos compreende as paisagens como fonte de interpretação histórica, pois são mosaicos de diferentes sistemas de tempo agrupados.

Com isso, o que se está falando são de processos de diferenciação dos espaços, o que também permite e oportuniza uma reflexão acerca das identidades dos lugares, de acordo com suas especificidades e resistências.

Atualmente, considerando-se que em cada sistema existe uma combinação de variáveis de diferentes escalas e períodos de tempo, cada sistema transmite elementos diferentemente datados. Mais ainda, o subespaço receptor é seletivo. Todas as variáveis “modernas” não são recebidas e as variáveis recebidas não são necessariamente da mesma geração. Aqui repousa o fundamento não somente da diferenciação das paisagens na superfície do globo, mas também do comportamento dos subespaços, de sua tendência a manter relações e, aqui também, está a razão de sua individualidade e de sua definição particular (Santos, 2014, p. 51).

Essa perspectiva, que concebe o espaço e as paisagens sendo formados tanto por fatos do passado quanto do presente, encontra uma interessante correspondência com a sociologia de José de Souza Martins. Este autor, que se dedica particularmente à análise dos ritmos e formas da disseminação do capitalismo no Brasil, afirma que existem marcas de um passado também nos modos de sociabilidade das pessoas comuns, das sociedades tradicionais que resistem ao advento da modernidade. São práticas, crenças, hábitos que sobrevivem nas lacunas de um capitalismo que, no terceiro mundo, é um capitalismo de ritmo lento e apenas superficial, capaz de articular outras formas sociais em sua reprodução.

A ideia que cumpre enfatizar aqui é a de uma sociedade e um espaço, organizados através de diferentes “camadas de tempos sociais desencontrados, dominados por atual anacrônico” (Martins, 2014, p. 10). Essa situação, reforçada pelo encontro entre o campo e a cidade, como na situação do bairro Santa Marta, produz uma amálgama de situações sociais, crises e conflitos, possibilidades de identificação, modos de sociabilidade e vivência.

Nesse sentido, vale destacar que tal perspectiva se alinha a uma proposta metodológica, a saber, a de tomar o que é marginal como referência da compreensão sociológica:

É nos limites, nos extremos, na periferia da realidade social que a indagação sociológica se torna fecunda, quando fica evidente que a explicação do todo concreto é incompleta e pobre se não passa pela mediação do insignificante. É nesses momentos e situações de protagonismo oculto e mutilado dos simples, das pessoas comuns, dos que foram postos à margem da História [...] que a sociedade propõe ao sociólogo suas indagações mais complexas, seus problemas mais ricos, sua diversidade teoricamente mais desafiadora. São os simples que nos libertam dos simplismos, que nos pedem a explicação científica mais consistente, a melhor e mais profunda compreensão da totalidade concreta que reveste de sentido o visível e o invisível. É na vida cotidiana que a História se desvenda ou se oculta (Martins, 2017, p. 11-12).

Deste modo, quando se pensa em um espaço marcado pela copresença de padrões paisagísticos rurais e urbanos, mas também sociais, que remetem ao tradicional e ao moderno, pode-se assumir que a identidade desse lugar e dessas pessoas se constrói a partir de processos de identificação e diferença, muitas vezes conflitivos, em função de elementos materiais e simbólicos presentes nessas convergências.

2.4 O subúrbio

O subúrbio é uma realidade pouco explicada de um ponto de vista sociológico. Dentre os poucos sociólogos que se dedicaram ao tema, figura José de Souza Martins. Tal temática na sociologia de Martins adquire incomparável vigor, pois não se limita à interpretação e análise, mas assume a qualidade de recurso metodológico.

Martins (2008) apresenta um exame sobre as dinâmicas suburbanas do ABC paulista dos séculos XVIII e XIX, no qual descreve a estética suburbana da época e relaciona a origem do termo no Brasil à influência barroca e ao cenário político daquele contexto. Mencionando um movimento de hierarquização dos espaços, Martins (2008, p. 44) sustenta que “subúrbio foi uma definição classificatória decorrente da mentalidade em transformação e modernização”. Nisso, o autor considera que

A noção de subúrbio suaviza as discontinuidades bruscas da espacialidade que a nova realidade do poder colonial acentua, num momento em que a tradição começa a ser invadida e ameaçada pela razão na arquitetura, nos costumes, nos ritos religiosos, na música, nas manifestações da poesia, numa certa literatura, em bibliotecas [...]. A consciência de uma realidade espacial intermediária entre a cidade e o campo, liminar e híbrida e sem sentido porque indefinida, se manifesta na categoria subúrbio e, por meio dela, na estética dos significados de um mundo feito de extremos e desencontros (Martins, 2008, p.45).

Assim, ao passo que analisa as transformações paisagísticas e sociais do subúrbio paulista, o autor também se dedica à reflexão acerca dos usos desta categoria e de seu gradual esvaziamento — e confusão — em função da ideia de periferia. Indo além, Martins afirma que subúrbio e periferia, na verdade, se tratam de contrários:

Há uma distinção espacial importante entre subúrbio e periferia. No subúrbio, mesmo na fase já alcançada pela industrialização e pelos loteamentos de terrenos para moradias operárias, os lotes eram grandes, as casas tinham espaço para o grande quintal, um remanescente do rural que permanecia no urbano: fruteiras, hortas, galinheiros, fornos de pão e broa, jardins, muitas flores e um certo suave perfume suburbano. A periferia já é o produto da especulação imobiliária, ruas estreitas, falta de praças, terrenos minúsculos, casas ocupando na precariedade de seus cômodos todo o reduzido espaço disponível para a construção, falta de plantas, muita sujeira e fedor (Martins, 2008, p. 50).

E prossegue:

A periferia é o contrário do subúrbio. A periferia é a vitória da renda da terra sobre a cidade e a urbanização, é um dos fatores do atraso do próprio capitalismo. Aliás, a periferia tem trazido consigo uma certa ruralização da cidade. A periferia é a designação dos espaços caracterizados pela urbanização patológica, pela negação do propriamente urbano e de um modo

de habitar e de viver urbanos. A periferia é a negação das promessas transformadoras, emancipadoras, civilizadoras e até revolucionárias do urbano, do modo de vida urbano e da urbanização (Martins, 2008, p. 50).

Ainda no sentido de diferenciar o subúrbio da periferia, Martins (2008, p. 48), comenta sobre a concepção corrente de subúrbio no mundo desenvolvido:

Na Europa e nos Estados Unidos, a sociologia utilizou a concepção de subúrbio para definir os espaços residenciais de alto nível ao redor das grandes cidades, algo no limite entre o rural e o urbano, ou o lado “bom” do urbano. Os que eram economicamente dependentes da cidade, onde tinham seus empregos, no final do dia refugiavam-se no subúrbio. Há aí uma crítica do urbano como lugar de viver. A noção de subúrbio, ali, nos remete para um certo bucolismo na amplitude de um espaço que seria impossível na própria cidade (Martins, 2008, p. 48).

Desse modo, o autor trabalha num sentido já percorrido de maneira muito semelhante por Gilberto Freyre, que o fez principalmente apoiado em pesquisas sobre os subúrbios estadunidenses. Suas concepções neste ponto são muito compatíveis:

O que parece, em face de dois tipos de homem, um, rural, outro, urbano, é o ideal estar num misto: um quanto possível urbano que junte virtudes de homem urbano às de homem rural. É o que está se procurando conseguir, em certos países, através de um residente de subúrbio de grande cidade que não se limite a ter casa em local suburbano mas a possuir, junto a essa casa de residência, um mais que decorativo jardim, bastante agreste para dar um toque de ruralidade ao espaço residente, um jardim-horta, maior, onde cultive suas plantas, de onde colha além de flores, legumes para sua alimentação, e com árvores capazes de atrair pássaros. Cresce a tendência para valorizar-se esse tipo de residente de subúrbio que, mais que um simples suburbano seja um pequeno mas efetivo e criativo urbano (Freyre, 1982, p. 70).

Em que pese essas percepções do mundo desenvolvido, Martins (2008) lembra que é exatamente o contrário que acontece estruturalmente por aqui. No Brasil, o trabalhar e o morar frequentemente disputam os mesmos espaços em áreas supervalorizadas pelo rentismo. A renda da terra, inclusive urbana, constitui em nossas cidades um dos mais importantes fatores da deterioração das condições de moradia.

Então, feitas estas considerações, qual seria, hoje, o valor analítico da noção de subúrbio para o pensamento sociológico? Martins (2008, p. 49) indica que o conceito de subúrbio nunca foi elaborado para dar conta de problemas sociais, mas que “foi e tem sido muito mais a designação de um modo de vida peculiar, especificamente referido às regiões de confinamento entre a cidade e o campo”. Mais assertivamente, o autor declara que “em termos atuais se poderia dizer que subúrbio

é o lugar em que o passado rural de algum modo sobrevive no urbano” (Martins, 2008, p. 49).

Este é o sentido que interessa particularmente aqui. Na presente pesquisa, não é mais importante a busca de uma tipologia na qual se possa enquadrar à primeira vista o bairro-objeto, do que a possibilidade de compreender sua identidade — ainda que complexa, múltipla, fragmentada, híbrida — a partir do diálogo entre diferentes elementos e possibilidades conceituais como as aqui reunidas.

Ademais, a assimilação da categoria subúrbio reforça a inscrição na perspectiva metodológica de José de Souza Martins, que destaca uma abordagem marginal dos processos sociais e históricos. Assim, perscrutando-se a totalidade a partir do subúrbio, está-se também “invertendo o código de interpretação do processo histórico” (Martins, 2008, p. 55) e, portanto, dando visibilidade a fenômenos frequentemente marginalizados pelas macroteorias, como as perspectivas tributárias ao marxismo clássico, por exemplo. Nisto, passam a figurar em primeiro plano a vida cotidiana do trabalhador suburbano, seus deslocamentos, sua vida comunitária e relações com a vizinhança que podem dizer muito sobre os processos de acomodação desses sujeitos nas lógicas da modernidade capitalista. Abordar a sociedade a partir do subúrbio, do rurbano ou da periferia “é um modo de compreender o todo como fruto dos resíduos problemáticos de um desenvolvimento econômico e urbano anômalo, carregado de débitos sociais” (Martins, 2008, p. 55).

Com isso, assume-se mais um aspecto das proposições metodológicas do autor, que consiste em adotar o que é liminar e marginal — neste caso, o espaço periférico/suburbano e a vida rurbana — como referência da compreensão sociológica (Martins, 2017). Segundo o autor, são justamente essas situações “anômalas” que nos oferecem um ponto de vista privilegiado para a compreensão de contradições mais gerais da sociedade. Se teria, portanto no lugar suburbano, nos limiares entre campo e cidade, no seu cotidiano e cultura, o reconhecimento de um ângulo privilegiado de observação de interpenetrações materiais e simbólicas que remetem a diferentes perspectivas de tempo e espaço. Não somente, seria um lugar interessante para a apreensão das contradições da sociedade, uma vez que o sujeito suburbano é um ser situado entre dois mundos e, portanto, um sujeito que pode conter em si, ao mesmo tempo, a crise e a crítica da sociedade em que vive (Soto, 2019).

3 Uma reflexão acerca das ruralidades

O presente capítulo se dedica a sintetizar parte da revisão teórica que permeou a pesquisa, reunida aqui em torno das relações cidade x campo e discussões acerca das noções de ruralidades e urbanidades.

3.1 Rural e urbano: das classificações formais aos conteúdos sociais

Apesar de a literatura contemporânea encarar as relações entre rural e urbano como realidades integradas, complexas e eventualmente híbridas, a postura do Estado brasileiro ainda se inscreve numa lógica clássica, essencialista e dicotômica, que concebe realidades separadas. Isso se expressa normativamente nas definições dos espaços e na concepção das políticas públicas. Kummer (2021, p. 10) afirma que, “no Brasil, a classificação rural-urbano segue uma definição institucional, aplicada pela Lei Federal no 311, de 1938, que estabeleceu como cidade toda e qualquer sede de município, independente de outros critérios ou características”. Segundo o autor, a perspectiva administrativa declara as áreas urbanas ou rurais, seguindo diversos tipos de interesses, como os imobiliários, por exemplo. Além disso:

As ‘Definições Descritivas’ são baseadas em dados quantitativos e nas características socioespaciais, tais como estatística, definição administrativa, área construída, regiões funcionais, agricultura, tamanho da população e densidade. Em geral, são voltadas para o planejamento e manejadas na academia e o problema que decorre daí é a predefinição do que seja o rural e a posterior adequação da realidade ao conceito. Portanto, apenas descrevem, mas não conseguem definir o rural (Kummer, 2021, p. 19).

O censo demográfico de 2010 (IBGE, 2010) indicou que pouco mais de 15% da população do país vivia no meio rural, contra 84% de residentes urbanos. A metodologia dessa pesquisa tem sido, no entanto, alvo de críticas por sociólogos e economistas como Abramovay (2000) e Veiga (2001, 2002), que argumentam que o rural é definido no Brasil, antes, como o não-urbano, como algo residual, e não em razão de suas especificidades. Nessas críticas, há o entendimento de que a linha que separa áreas urbanas de áreas rurais é mais complexa do que simplesmente olhar para a densidade populacional ou outros critérios demográficos. De acordo com esses autores, distorções associadas a esses vícios de raciocínio poderiam, por exemplo,

incluir o entendimento de pequenos povoados de dinâmicas socioeconômicas essencialmente agrárias como populações urbanas. Tais considerações sugerem que muitos municípios pequenos ou de economia predominantemente agrária podem ter sua classificação oficial questionada e que, com isso, o país seria mais rural do que se supõe (Veiga, 2002).

Contudo, essas perspectivas não deixam de carregar certo caráter formalista e também podem ser questionadas e ter seus limites explorados. É a isso que se dedica Oscar Sobarzo (2006), ao fazer uma crítica das constatações de Veiga (2002) em “Cidades Imaginárias”. A partir de uma leitura lefebvriana acerca do fenômeno urbano e das relações cidade x campo, o argumento de Sobarzo centra-se na crítica ao formalismo adotado por Veiga, para defender uma perspectiva conteudista, como a expressa no pensamento de Lefebvre. Nesse sentido, Sobarzo sustenta que a compreensão lefebvriana de urbano indica um processo, uma sociedade em formação, na qual o rural e as atividades a ele relacionados estão incluídas, apesar de que sob constante reformulação. Assim, “urbano e rural permanecem como conteúdos sociais diferenciados (‘urbanidade’ e ‘ruralidade’), mas a oposição cidade/campo atenua-se” (Sobarzo, 2006, p. 55).

A esse respeito, interessam também as considerações de Kummer, que discorre sobre algumas abordagens usuais do rural na teoria social:

Subjazem, portanto, as variações de tratamento do rural como uma realidade fadada ao desaparecimento, como uma estrutura insolúvel, que resiste às transformações, e de uma reinvenção constante. [...] Como tal, não parece ser lícito desconsiderar nenhuma delas no corpus analítico, embora as dinâmicas sociais, historicamente, tenham convergido para processos sociais de ressignificação (Kummer, 2021, p. 17).

Com efeito, o enfoque da presente pesquisa se alinha principalmente à perspectiva da ressignificação, pois desvela modos de vida que indicam a sobrevivência de certas ruralidades, mas não incólumes, e sim em constante transformação.

Assim, quando falamos de rural e urbano, uma primeira distinção é necessária. Trata-se de afastar a confusão entre esses conceitos e seus supostos loci correspondentes, como se locus e conceito fossem sinônimos. Sem dúvidas, a ideia de ruralidade deriva das atividades e modos de vida tradicionalmente realizados no campo, bem como a ideia de urbano se associa aos modos de vida e de trabalho que se estabelecem com o surgimento das cidades. No entanto, o urbano e o rural,

enquanto modos de vida, sentimento e identidades, podem ser mobilizados independentemente das concretudes formais do espaço.

Assim, Santos (2013) diferencia a cidade e o urbano, assumindo este segundo como o abstrato, o geral e o externo; ao passo em que a cidade seria o particular, o concreto, o interno. “A história de uma cidade se produz através do urbano que ela incorpora ou deixa de incorporar” (Santos, 2013, p. 68). Segundo Biazzo (2008) em algumas obras de Milton Santos fica clara a opção por se tratar cidade e campo como formas no espaço e rural e urbano como conteúdos sociais dessas formas. Já o entendimento de ruralidade, segundo Kummer (2021), diferencia-se também da mera referência ao espaço agrícola, uma vez que pressupõe a existência de sociabilidades, de tradições, de culturas e de modos de vida inseridos num território.

Outra perspectiva que pode ser mobilizada na reflexão acerca das mútuas influências e interações entre estas categorias é a de Lefebvre (1999), que chama de “explosão urbana” o fenômeno da dominação do campo pela cidade. Isto ocorreria através de diversas dimensões simultaneamente, desde a estritamente econômica, material ou tecnológica até o contágio por uma lógica, cultura, símbolos e modo de vida da cidade. Deste modo, o urbano, ou a sociedade urbana, deve ser entendido como um processo através do qual a vida urbana penetra todos os espaços, inclusive o campo. Monte-Mór (2006) assume a perspectiva lefebvriana para analisar a urbanização em seu caráter extensivo e, desse modo, assume o “urbano” de Lefebvre como uma síntese dialética da antiga dicotomia campo-cidade, o que se processa através da extensão virtual do tecido urbano por todo o território. Assim, o autor considera que a lógica urbano-industrial se impõe ao espaço social contemporâneo (Monte-Mór, 2006). De fato, Lefebvre (2002) afirma que o tecido urbano se prolifera corroendo os resíduos da “vida agrária”, mas ressalta que esse “tecido urbano” não se refere simplesmente à cidade edificada, mas ao conjunto de manifestações de prevalência da cidade sobre o campo. Assim, o urbano figura como um horizonte, uma virtualidade que não apaga o rural, mas o engloba. Lefebvre não admite que esse objeto permaneça tratado em abstrato:

De agora em diante, o urbano é abstrato unicamente sob o título de *abstração científica*, isto é, legítima. O conhecimento teórico pode e deve mostrar o terreno e a base sobre os quais ele se funda: uma prática social em marcha, a *prática urbana* em via de constituição, apesar dos obstáculos que a ela se opõem (Lefebvre, 2002, p. 28).

Uma vez que Lefebvre inspira a encarar o urbano como virtualidade em constituição e analisar o processo em suas contradições, ganha relevo a problemática da permanência residual de modos de vida rurais, sobretudo em áreas normativamente classificadas como urbanas. Nesse sentido, Mendras (1969) já reconhecia a manifestação de ambivalências nas pequenas cidades, como locais de disseminação do sentimento urbano, mas também de manutenção de elementos culturais rurais. Wanderley (2001), por sua vez, constata que as pequenas cidades do Brasil costumam conhecer uma experiência urbana frágil e precária, ainda que sejam tipificadas como plenamente urbanas pelo IBGE.

A mediação, portanto, de uma perspectiva lefebvriana na abordagem do presente objeto de pesquisa, permite que se tratem as permanências, reproduções e reformulações dos modos de vida e sociabilidade rural como contradição implícita ao fenômeno da urbanização. Não se trata de negar a urbanização enquanto processo expressivo. Pelo contrário, essa parece ser a tônica das dinâmicas globais às locais, isto é, do contexto empírico da pesquisa. Mas trata-se de explorar suas complexidades, as contradições esclarecedoras que se manifestam na realidade observada. Quando se reconhece o fenômeno urbano de modo não unívoco nem homogêneo, possibilita-se questionar como especificamente esse processo ocorre em cada lugar, ao passo que o rural se mantém e se reproduz em suas lacunas. Algo possível de aproximar daquilo que Santos (2013, p. 66) coloca nas seguintes palavras: “cada lugar exige desvendar aquilo que Gramsci chamava de mistério da forma”.

Com isso, assume-se que a urbanização e a modernidade são processos que ocorrem de maneira diversa sobre cada realidade que alcançam e, assim, torna-se premente abordar as transformações ensejadas por esses fenômenos em face de suas relações com a vida rural preexistente, que não cede por inteiro, mas que também os influencia e engendra configurações particulares que se manifestam no bairro pesquisado. Todo o espaço considerado urbano se constrói sobre um passado rural ou “natural”, de modo que “todo urbano já foi rural, mas nem todo rural será urbano” (Candiotto e Corrêa, 2008, p. 216).

3.2 A perspectiva do *continuum* e a busca pela ruptura com as visões dicotômicas

Buscando superar as dicotomias clássicas, alguns autores trabalham com a noção de *continuum* rural-urbano. Segundo Kummer (2021) esta formulação foi

primeiramente proposta por Robert Redfield (1989) em meados da década de 1950, focando nas “relações” e rompendo, portanto, com a ideia de isolamento entre os dois polos. O termo é então adotado por Raymond Pahl (1966), como perspectiva que assume uma diluição dos antagonismos e a defesa da impossibilidade de se estabelecer diferenças fundamentais entre campo e cidade.

No Brasil, contrariamente à ideia de que o fenômeno urbano seria capaz de dominar e descaracterizar o mundo rural, Wanderley (2001) adverte a respeito de uma concepção urbanocentrada do conceito e o utiliza particularmente para se referir às inter-relações entre os dois polos que, apesar de mais integrados, permanecem diferenciados nas sociedades modernas. Neste sentido, a autora registra que

[...] estas diferenças se dão não mais no nível do acesso aos bens materiais e sociais, que seriam, então, de uma certa forma, similarmente distribuídos entre os habitantes do campo ou da cidade, nem mesmo ao que se refere ao modo de vida de uns e de outros. As diferenças vão se manifestar no plano das “identificações e das reivindicações na vida cotidiana”, de forma que o “rural” se torna um “ator coletivo”, constituído a partir de uma referência espacial e “inserido num campo ampliado de trocas sociais” (Wanderley, 2001, p. 33).

Com a autora, podemos pensar a aproximação e coexistência do rural e do urbano ao nível local nos seguintes termos:

O espaço local é, de fato, o lugar do encontro entre estes dois “mundos”. Porém, nele, as particularidades de cada um não são anuladas, ao contrário são a fonte da integração e da cooperação, tanto quanto das tensões e dos conflitos. O que resulta desta aproximação não é a diluição de um dos polos do continuum, mas a configuração de uma rede de relações recíprocas, em múltiplos planos que, sob muitos aspectos, reitera e viabiliza as particularidades (Wanderley, 2001, p. 33-34).

Para a Wanderley, é natural que os “dois mundos”, rural e urbano, coexistam em um mesmo espaço. Sua visão nega, a um só passo, tanto a dicotomia clássica que atribui características essenciais aos espaços quanto a perspectiva de dominação total do rural pelo urbano. O foco aqui está nas inter-relações e seus produtos, que não cabem em uma tipificação binária.

Com efeito, qualquer que seja a acepção da noção de *continuum*, em nenhum caso se supera realmente a ideia de dois eixos extremos representados pelo binômio rural/urbano, servindo antes para descrever um processo global de integração e mitigação de seus contrastes.

Nesse contexto, ganha relevância o olhar para as ambivalências, as manifestações de hibridismos e para as complexidades localmente situadas dessas

relações. “Essas fronteiras imprecisas são uma característica estrutural da sociedade de cada tempo. A saída mais promissora é suprimir o par dicotômico, o que significa assumir uma análise em limites imprecisos, ambivalentes e complexos” (Kummer, 2021, p. 9).

3.3 As ruralidades como representação

Quanto à análise das ruralidades no mundo contemporâneo, a proposta de alguns autores como Carneiro (1998a) está em considerá-las não mais como uma realidade tangível, mas como uma representação social, moldada culturalmente por atores sociais que desempenham atividades diversas, nem sempre ligadas à produção agrícola. Nessa perspectiva:

Entende-se que a expansão da sociedade urbano-industrial e as transformações por ela engendradas no campo não implicam obrigatoriamente a descaracterização das culturas locais, ou tradicionais, mas a redefinição ou reelaboração de práticas e códigos culturais, a partir da relação de alteridade com o que é reconhecido como ‘de fora’, de maneira a poder consolidar a identidade local com base no sentimento de pertencimento a uma dada *localidade*. Caberia, talvez sustentar as observações e análises na noção de localidade como expressão das múltiplas possibilidades de interação dos agentes sociais à sociedade e à economia global. Nesse sentido, reconhecer espaços de sociabilidade e de articulações econômicas distintos dentro de uma mesma localidade pode ser útil para romper com as oposições binárias e dar conta das inserções plurais dos indivíduos socialmente posicionados na sociedade urbano-industrial. Como sustentamos, a ruralidade não é mais possível de ser definida com base na oposição à urbanidade. O rural e o urbano corresponderiam, portanto, a representações sociais sujeitas a reelaborações e ressemantizações diversas de acordo com o universo simbólico a que estão referidas (Carneiro, 1998a, p. 72-73).

Com isso, a autora sugere que as “culturas camponesas” podem se manter, ainda que modificando-se no processo de modernização que, por sua vez, não é único nem homogeneizador. Encarando a “racionalidade camponesa” como uma visão de mundo ativa e não como um conjunto de relações reificadas, Carneiro (1998a) afirma que esta pode persistir no contexto de predominância da sociedade urbana. Nesse sentido, percebe-se que a posição da autora apresenta, ao mesmo tempo, convergências e divergências com o pensamento lefebvriano. O avanço teórico que a autora possibilita parece estar, principalmente, na defesa da consideração das heterogeneidades locais, da diversidade de experiências “rurais” e da desessencialização dessa categoria.

Em todo o caso, dentre o que interessa à presente pesquisa, e também em alinhamento com outras referências evocadas alhures no texto, é que pode-se depreender das proposições da autora uma ideia de ruralidade menos vinculada às realidades geográficas ou de outras referências determinantes, mas sim de representações moldadas pelas percepções e identidades dos atores sociais em contextos específicos. A autora elabora uma perspectiva que deve partir de dentro, mais contextualizada, com consideração às heterogeneidades e que, portanto, desafia ao mesmo tempo os estereótipos e a negação que se fazem do rural e das ruralidades.

Atento a essas discussões, Biazzo expressa uma postura bastante clara e assertiva:

[...] campo e cidade são formas concretas, materializam-se e compõem as paisagens produzidas pelo homem; 'urbano' e 'rural' são representações sociais, conteúdos das práticas de cada sujeito, cada instituição, cada agente na sociedade. Por isso, urbanidades e ruralidades se combinam em cada recorte do espaço, seja um local, seja uma micro, meso ou macrorregião. Mais do que isso, urbanidades e ruralidades se combinam nos atos e na visão de mundo de cada indivíduo. São atributos, não substantivos. Propõe-se, aqui, abandonar por completo o vínculo direto entre espaço e 'rural', ou espaço e 'urbano', para que, referidas como ruralidades e urbanidades, tais categorias adquiram conteúdo analítico (Biazzo, 2008, p. 144).

A preocupação de Biazzo (2008) é estabelecer distinções não meramente operacionais como as construídas no escopo das perspectivas formalistas e, nisso, argumenta na defesa de perspectivas analíticas que são não essencialistas e que permitem pensar as ruralidades no urbano e urbanidades no rural. Para tanto, desvinculam-se as expressões de recortes espaciais ou de formas e paisagens específicas. Para o autor, a desnaturalização de referências empíricas que sustentam as dualidades torna possível o reconhecimento de experiências e relações sociais “rurais” manifestando-se em espaços considerados “urbanos”.

Há urbanidades e ruralidades que, combinadas, ensejam as territorialidades particulares de cada localidade, município ou recorte regional. Trata-se de não encarar rural e urbano como substantivos, pois desta forma nada especificam e seu significado se esvazia (Biazzo, 2008, p. 145).

Nesse sentido, o argumento do autor se aproxima muito da perspectiva já defendida por Maria José Carneiro, pois abdica-se de um sentido substantivo, tangível em relação às ruralidades, para assumi-las enquanto manifestações identitárias, representacionais. “As manifestações associadas a imagens rurais e urbanas podem

ser identificadas [...] nas práticas sociais e nas identidades constituídas/atribuídas por cada indivíduo, instituição ou agente social” (Biazzo, 2008, p. 145).

Mais um caminho nesse sentido é apontado por Kummer (2021). O autor reconhece que o mundo urbano e rural se mostram cada vez mais interligados, mas adiciona que também são cada vez mais diversos. Desse modo, argumenta que esse novo tecido interligado não suplanta posições de diferenciação e que, ao se homogeneizar as categorias de ruralidade e urbanidade, desperdiçam-se as oportunidades de explicar esses novos arranjos. Kummer revisa as diferentes perspectivas com que a teoria social — sobretudo a sociologia — tem encarado a problemática rural-urbana através do tempo. Nisso, ele aborda o paradigma das dicotomias desde o surgimento da sociologia, uma ciência da modernidade e eminentemente urbana. Para o autor, tais dicotomias foram forjadas no plano analítico e teórico e não representam, por isso, uma oposição entre seus “operadores sociais”, ou seja, as pessoas que vivem em ambos os espaços. Assim como Carneiro (1998a), o autor busca complexificar a questão ao propor pensar as ruralidades a partir das representações sociais. Isto é, a partir das ideias que os atores de cada universo particular fazem do rural. Para tanto, Kummer encontra apoio em Serge Moscovici:

A abordagem das representações sociais, tal qual propõe Moscovici (2015), permite compreender de forma mais acurada como os atores sociais que vivenciam a ruralidade lhe atribuem determinados sentidos. Essa construção de significados impacta na forma como essa realidade é percebida, dimensionada e comunicada. Essa abordagem não é, contudo, uma ferramenta que elimina os problemas conceituais da ruralidade. É um instrumento capaz de contribuir nessa tarefa (Kummer, 2021, p. 19).

Assim, a perspectiva expressa nos estudos rurais contemporâneos, da diminuição das diferenças, e do reconhecimento de um “novo rural”, modernizado e mais semelhante ao urbano, como na ótica de Graziano da Silva (1997), não suprime modos de diferenciação que persistem na realidade e, sobretudo, nas representações sociais:

Ainda que esse modelo de organização de vida rural não se distancie tanto das experiências urbanas é o sentido e a simbologia acionada pelos indivíduos e pelas comunidades rurais que expressam uma dinâmica que se identifica e se diferencia da urbanidade. Não se trata de definir e quantificar o tamanho dessas distâncias ou proximidades, trata-se de reconhecer como essa realidade vivida é representada. Há uma ruralidade compreendida como um fazer, um viver, um ser relacional (Kummer, 2021, p. 13).

Desse modo, a proposta que se desenha distancia-se de perspectivas classificativas e afirma a ideia de se buscar as dinâmicas de diferenciações a partir do modo como são construídas em cada arranjo local. Com tal opção analítica evita-se o emprego de categorias “duras” e deterministas sobre a variedade dos espaços, situações e dinâmicas sociais. São valorizadas a agência dos sujeitos inseridos nesses espaços e como estes sujeitos atribuem sentidos a elas.

Parte-se da prerrogativa que entre os sujeitos do campo manifesta-se uma expressão identitária rural. Essa ruralidade como ‘sentido’ e como ‘sentimento’ ultrapassa as definições de categorias estruturais definidas por critérios de classificação. É uma manifestação representacional, que permeia o imaginário e o reconhecimento de si. Trata-se de uma identificação com o modo de vida e com as expressões culturais notadamente vinculadas à realidade de vida camponesa. (Kummer, 2021, p. 25).

Isso não significa que a consideração sociológica das representações seja capaz de dar conta, sozinha, da complexidade do rural, mas se mostra uma abordagem adequada para o estudo das particularidades e das subjetividades locais. Assim, as ruralidades devem ser compreendidas no sentido que adquirem em cada contexto de pesquisa. É uma abordagem que valoriza a compreensão dos sujeitos locais e, poderia-se dizer, do próprio senso comum.

3.4 O rurano

O termo “rurano” figura academicamente pela primeira vez na década de 30, no trabalho de Sorokin, Zimmerman e Galpin (1986)¹⁵, quando, procurando estabelecer diferenças fundamentais entre o mundo rural e o urbano, os autores recorrem ao neologismo a fim de indicar situações intermediárias entre os ambientes rurais e urbanos. O seu desenvolvimento, no entanto, vem sendo levado em sentidos que podem ser aproximados da ideia de *continuum*.

No Brasil, é com Gilberto Freyre (1982), especialmente a partir da publicação da obra “Rurbanização: que é?”, que se inaugura uma acepção mais sofisticada do termo e se defende um desenvolvimento equilibrado e harmonioso entre o rural e o urbano, desde a distribuição espacial das empresas e objetos, até os modos de vida daí implicados. Nesta acepção, o rurano figura como uma situação ideal, mista e, em seus termos, conciliadora de contrários.

¹⁵ Artigo presente na obra “Introdução Crítica à Sociologia Rural”, organizada por José de Souza Martins (1986).

Apesar de o neologismo ter sido mobilizado esporadicamente na obra de diversos cientistas sociais, é com Freyre que o termo é refletido de modo particularmente denso e sociologicamente conceituado. “Que significa rurbanização? Um processo de desenvolvimento socioeconômico que combina, como formas e conteúdos de uma só vivência [...] valores e estilos de vida rurais e valores e estilo de vida urbanos. Daí o neologismo: rurbanos” (1982, p. 57).

Nesta obra, Freyre aborda a questão do crescimento dos subúrbios e as transformações sociais e culturais que decorrem desse processo. No livro, Freyre discute o surgimento de um modo de vida que mistura elementos rurais e urbanos, e propõe o termo "rurbanização" para descrever essa realidade. Para Freyre, a rurbanização é um processo que pode trazer benefícios tanto para as áreas urbanas quanto para as áreas rurais, e que pode ser visto como uma forma de superação das dicotomias entre campo e cidade, tradição e modernidade.

Desse modo, Freyre propõe uma reflexão sobre as transformações sociais e culturais decorrentes dos processos de aproximação entre o rural e o urbano e suas dinâmicas inter-relacionais. Além disso, para Freyre, a rurbanização pode ser uma forma de valorizar e preservar a tradição, sem cair no tradicionalismo e no atraso, ao mesmo tempo em que promove a modernização e o desenvolvimento. Assim, Freyre imprime na ideia de rurbanos sua visão otimista, sob a qual a rurbanização seria um processo que pode contribuir para a superação de algumas das principais dicotomias que têm marcado a sociedade brasileira e que pode abrir novas possibilidades para a construção de uma cultura e de uma sociedade mais integrada e plural.

Mais tarde, José Graziano da Silva coordenou, no final dos anos noventa, o chamado Projeto Rurbano, o qual visava caracterizar “o novo rural brasileiro”. Sem demonstrar maiores preocupações conceituais, o autor se utilizou do termo para se referir ao que identificou como processo de urbanização do campo. O Projeto Rurbano demonstrou que já não se poderia referir ao meio rural brasileiro como mero sinônimo de agrário, indicando a importância de atividades não-agrícolas, tais como a prestação de serviços, o comércio e a indústria, como integrantes da dinâmica social das populações desse meio (Silva, 2002).

Enquanto isso, em outra frente de pesquisa, José Eli da Veiga articulava o neologismo para desafiar as classificações normativas e se referir a pequenos municípios brasileiros, estabelecendo critérios de tamanho e densidade populacional para tanto. O argumento que subjaz essa concepção é o fato de muitos desses

municípios apresentarem dinâmicas econômicas e gênero de vida essencialmente rurais e não disporem de uma estrutura física compatível com a designação de cidade (Veiga, 2001, 2002).

Por fim, Maria José Carneiro (1998b) inaugura o uso do termo na exploração de ainda outras dimensões. Nesse sentido, a autora analisa o que chamou de “ideal urbano” em artigo que dirige a atenção às relações entre campo e cidade no imaginário de jovens rurais. Neste trabalho, o urbano figura na construção identitária de jovens rurais que manifestam desejos e aspirações voltadas ao mundo urbano, ao passo que não dispensam as relações tradicionais com a família e a comunidade, a segurança material e outros aspectos do estilo de vida rural. Isso se daria, na visão da autora, através de negociações que têm como referência um sistema de valores que combina o universo simbólico tradicional e o da modernidade, adquiridos na sociabilidade da cidade. Nos projetos de vida desses sujeitos, a ideia de rompimento definitivo com o universo cultural de origem vem dando lugar a uma síntese que expressa a possibilidade de combinar os dois mundos.

Inobstante as diferenças com que o termo tem sido tratado por diferentes autores, permanece comum seu emprego em referência à aproximação e síntese entre os mundos rural e urbano, fenômeno que pode comportar múltiplas dimensões, como a cultural, simbólica, econômica, geográfica, identitária e mesmo todas elas simultaneamente. Indo além, é possível considerar que a ideia de urbano também pode representar um lócus espacial e simbólico que evoca oportunamente a perspectiva da sociologia marginal (Silva e Ribeiro, 2023).

4 Vida cotidiana no bairro Santa Marta

Uma das formas privilegiadas de se observar a vida cotidiana no bairro Santa Marta é a partir das dinâmicas, trânsitos e interações manifestas nas ruas, nos estabelecimentos comerciais e nos locais públicos, como calçadas e paradas de ônibus. Nestes locais, observam-se interações que se dão mormente ancoradas em laços de vizinhança, parentesco e sociabilidades entre pessoas mutuamente conhecidas.

O bairro é bem arborizado, as casas são coloridas e frequentemente enfeitadas por jardins. O ar da rua é puro, mas invadido pelo cheiro dos fogões a lenha no inverno, dos churrascos nos domingos e das comidas caseiras no horário de almoço. Na primavera, o ar é perfumado; durante as chuvas, há barro, e no tempo seco, a poeira das ainda existentes ruas de terra gera transtornos aos moradores, sobretudo às donas de casa.

Minimercados, obras e outros espaços ou atividades costumam reunir pessoas em interações que não se reduzem a atos de consumo ou interesse, mas para conversas à sombra, ajuda espontânea, rodas de chimarrão ou simples observação dos transeuntes. As conversas podem ter uma finalidade prática e objetiva ou ser puramente sociáveis, como um fim em si. É o “jogar conversa fora”, precisamente o que Simmel (2006) identifica como a forma mais pura de sociabilidade, pois os conteúdos não têm centralidade, são genéricos e triviais.

Foram observadas dentre os entrevistados mais solícitos, especialmente os idosos, padrões de visitas que envolvem uma certa assistência prestada pelos vizinhos mais jovens, mormente nas relações entre mulheres. Estas ajudam-se com tarefas domésticas, compras em supermercados e farmácias, acompanhamento em determinadas atividades e na entrega e recolhimento de imagens de santos católicos em “capelinhas” que passam determinado período na casa de cada fiel da igreja, nas chamadas peregrinações das capelinhas. As relações assistenciais podem envolver pagamento em dinheiro, mas não sempre e nem principalmente. Formas de reconhecimento observadas incluem a oferta de presentes, alimentos e a consideração dessas mulheres como “pessoas da família”.

Figura 3 – Reunião no ponto de ônibus



Fonte: Acervo pessoal.

No trânsito das ruas, é significativa a presença de charretes e carroças, embora esses modais não predominem sobre o fluxo de veículos automotores. Também são bastante presentes as bicicletas e as pessoas que se deslocam a cavalo. Os pets como cães e gatos costumam ser criados com livre acesso à rua. Crianças, adultos e animais se cruzam diariamente no bairro e são todos mutuamente conhecidos. Semanalmente, circulam na vizinhança caminhonetes, algumas de modelo moderno, conduzidas por agricultores da região da serra, que oferecem seus produtos como pães, cucas, bolachas, compotas de doces, mel, banha, ovos e torresmo. De modo semelhante, agricultores mais próximos, que produzem nas adjacências do bairro, oferecem seus produtos a pé, de porta em porta. Entre esses, é mais comum a oferta de produtos frescos e in natura, como leite, ovos, folhas, verduras e legumes.

Figura 4 – Charrete com cavalos



Fonte: Acervo pessoal.

Não obstante a oferta comercial de produtos desse perfil, a autoprodução de alimentos ainda ocupa espaços importantes no bairro. Nesse sentido, foram observados, dentre outros, o cultivo de ervilha, milho, feijão, tomate, batata, batata-doce, cenoura, beterraba, morango, abóbora, uva, laranja, chuchu, mandioca, melancia e criações de animais como patos e galinhas em fundos de quintal, dentro dos limites do bairro. Nas visitas e entrevistas, alguns moradores manifestaram certo receio em apresentar suas criações, dada a consciência de que podem enfrentar problemas legais ao executá-las no interior do perímetro urbano.

Figura 5 – Horta urbana diversificada



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 6 – Lavoura de milho em terreno urbano



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 7 – Pátio de residência urbana com plantação de feijões, plantas ornamentais e árvores frutíferas



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 8 – Morador apresenta seus cultivos



Fonte: Acervo pessoal.

Questionados sobre os cultivos que mantinham ou mantém no Bairro Santa Marta, figuram respostas como: “Milho, tomate, repolho, couve, cebola, feijão, feijão de vagem... já tem tomate aqui com frutinha e outros verde” (entrevistado 2); “Mandioca plantemo aqui porque dá pra congelar. A gente planta, depois colhe e congela. Ano passado nós colhemo 15kg de feijão aqui [...] É tudo orgânico, sem nada de veneno. A gente cria as galinha ali mesmo pra poder juntar esterco” (entrevistada 6); “Tudo. Plantava mandioca, plantava feijão, plantava amendoim, plantava batata doce, cebola, alho, verdura de tudo eu plantava ali. E criava, porque eu sempre gostei de criar né. Galinha, os meus patos. Porco eu criava um que outro” (entrevistada 12).

Figura 9 – Morador apresenta seus cultivos



Fonte: Acervo pessoal.

São comuns nos minimercados locais a revenda desse tipo de produto (Figura 10), bem como placas anunciando-os nas fachadas de algumas casas (Figuras 11 e 12).

Figura 10 – Minimercado anuncia “feijão novo da colônia”



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 11 – Oferta de aipim



Fonte: Acervo pessoal.

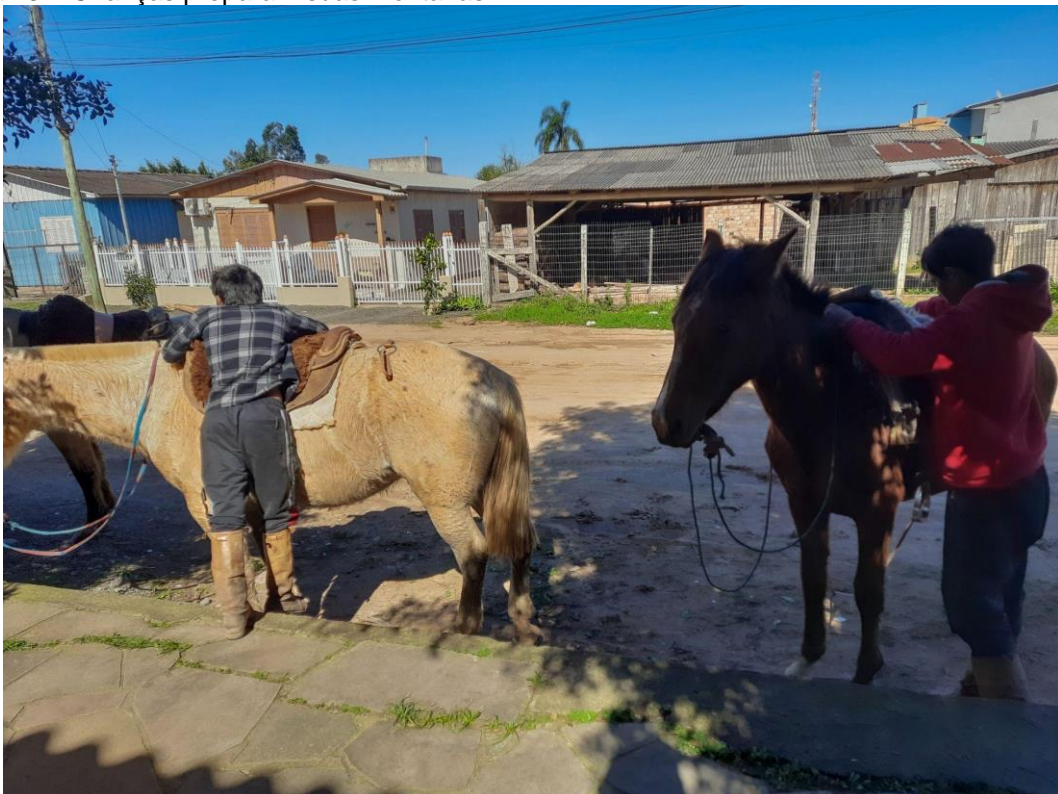
Figura 12 – Oferta de mel



Fonte: Acervo Pessoal.

Jovens e crianças são vistos jogando futebol no meio das ruas, mas também pilotando motos ou andando a cavalo, prática muito popular e apreciada na localidade.

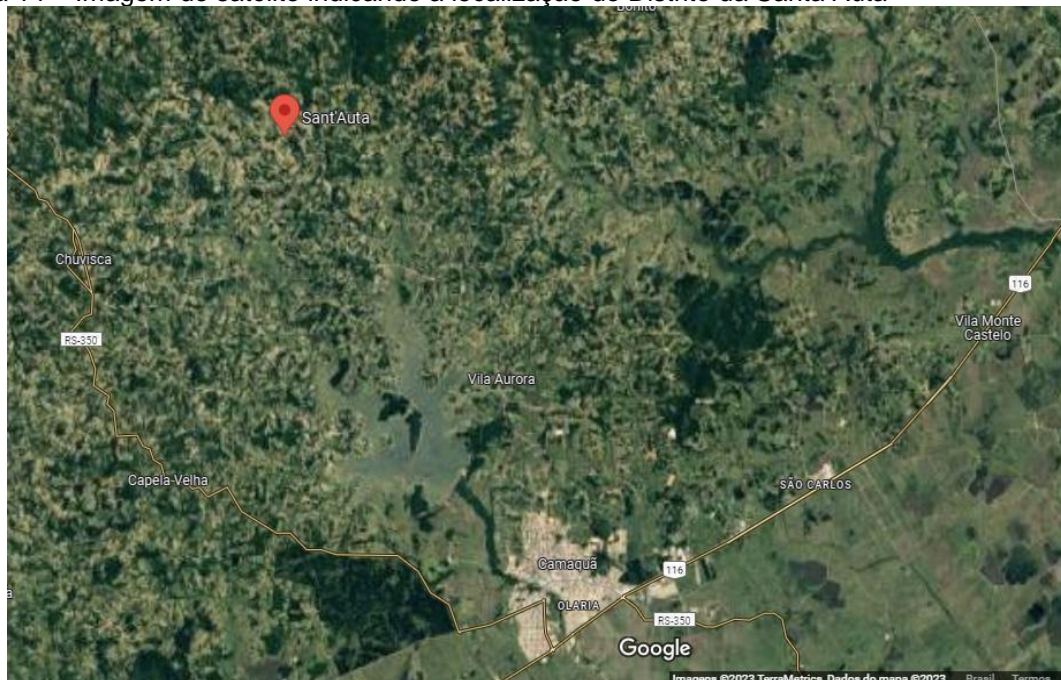
Figura 13 – Crianças preparam suas montarias



Fonte: Acervo pessoal.

Quanto à origem dos moradores, observaram-se os distritos rurais da Zona Norte e Noroeste do município — a região da serra — como forte padrão, predominando o distrito da Santa Auta. Nesse sentido, foi relevante a descoberta de que muitos dos moradores mais antigos do bairro já eram antigos vizinhos e/ou conhecidos nessas localidades. Mesmo quando não existe conhecimento ao nível pessoal, conhecem-se as famílias ou, no vocabulário local, as “gentes”.

Figura 14 – Imagem de satélite indicando a localização do Distrito da Santa Auta



Fonte: Google Maps.

Muitas das histórias pessoais confluem no sentido dos(as) moradores(as) terem origem semelhante — local e ocupacional —, mas também quanto às motivações para migrarem para a cidade. Neste sentido, as respostas mais recorrentes envolvem a velhice e conseqüente inaptidão para a agricultura; a inadaptabilidade às transformações no campo (sobretudo a conversão da produção de alimentos para as lavouras de fumo); a não propriedade de terras; o casamento e a busca por novas oportunidades na cidade; e a necessidade de aproximação com a infraestrutura urbana, principalmente entre os idosos e/ou doentes.

Ainda que a aproximação com a cidade decorra eventualmente de esforço ativo dessas pessoas, são bastante manifestas suas identificações com o campo e com o modo de vida rural. Isso tanto nos discursos capturados nas conversas e entrevistas, quanto na materialidade de suas vidas, estilo, cultura, hábitos e representações que indicam uma certa e possível continuidade identitária em suas trajetórias de vida.

[...] o rural pode subsistir culturalmente por longo tempo fora da economia agrícola. Pode subsistir como visão de mundo, como nostalgia criativa e autodefensiva, como moralidade em ambientes moralmente degradados das grandes cidades, como criatividade e estratégia de vida numa transição que já não se cumpre conforme a profecia dos sociólogos. Essa transição é antes inconclusa passagem, um transitório que permanece, uma promessa de bem-estar que não se confirma, uma espécie de agonia sem fim (Martins, 2012, p. 221).

Dentre as estratégias dos homens de origem rural na adaptação à vida na cidade, são, sobretudo nos primeiros anos da chegada e quando ainda jovens, recorrentes, além do serviço em firmas, a prestação de serviços variados como os de pedreiro, pintor, peão¹⁶ e mesmo o trabalho no campo, como boias-frias na região da várzea, onde predominam as fazendas de arroz. Relatos obtidos com os entrevistados dão conta de que nessa região, nas fazendas de arroz, era e ainda é comum a oferta de empregos formais, vide CLT (Consolidação das leis trabalhistas, “trabalho de carteira assinada”). Dentre as mulheres, foram relatados, além do predominante e estrutural trabalho doméstico, também atividades em torno das próprias oportunidades econômicas do bairro, como lavar roupas “pra fora”, cuidar crianças de outras mulheres e produzir e vender pastéis, pães e outros quitutes, sobretudo para os trabalhadores(as) e frequentadores(as) da “zona”, que foi um importante complexo de casas de prostituição situado no bairro, hoje em franca decadência¹⁷.

Localizada principalmente às margens da rua Jango Castro, no final do perímetro urbano e pontualmente onde termina o trecho pavimentado dessa via, a zona constitui-se de um aglomerado de casas noturnas, os chamados cabarés. Apesar de já ter sido muito maior, são hoje aproximadamente seis casas, que funcionam, conforme depoimentos, pelo menos desde a década de 1960, ainda que eventualmente mudem de nomes ou de gestão. A zona, popularmente conhecida por todo o município, foi um ponto importante da vida noturna camaquense e conferiu certa visibilidade e vitalidade econômica ao bairro Santa Marta. A posição estratégica dessas atividades fomentou por décadas também a presença de um público da serra, justamente pela conveniência de se situar, para esses, na rota de acesso à cidade. Do mesmo modo, a referida localização, por ser afastada do centro, garante maior discricção ao público masculino em geral da cidade, que buscava entretenimento após o encerramento da vida noturna no centro, uma vez que poucos outros

¹⁶ Na significação local, uma espécie de servente versátil, para qualquer tipo de empreitada.

¹⁷ Ver a esse respeito: (Silva e Ribeiro, 2017).

estabelecimentos permaneciam abertos até tão tarde. De fato, a expansão populacional do município e uma série de outros processos que tomaram corpo nas últimas décadas fizeram com que festas convencionais tenham se proliferado, eventualmente se estendendo até o clarear do dia, o que minou certo diferencial da zona, e que pode ter colaborado para a diminuição de seu público.

Dentre as garotas de programa, muitas são vindouras de outros municípios e passam certas temporadas vivendo e trabalhando na Santa Marta. Devido à soma dos fatores de que a zona atrai o público da serra, o público dos outros bairros da cidade e conta com o trabalho de garotas de programa de outras cidades, é possível interpretá-la como um elemento que confere certo cosmopolitismo ao bairro, o que se torna interessante se perspectivado a partir da lente de que se trata de um bairro marginal na cidade, tanto geográfica quanto econômica e culturalmente. Em outras palavras, a zona diversifica o trânsito humano pela Santa Marta, as modalidades de vida, as atividades econômicas, e o faz mais do que um bairro com características rurais, sendo um dos elementos urbanizantes que se materializam.

Referindo-se à fama da zona na cidade, o entrevistado 2, a certa altura da conversa, refere-se à Santa Marta como “vila da alegria”. Por outro lado, denotando a importância da zona nas dinâmicas econômicas do bairro, as entrevistadas 3 e 6 relatam a venda de quitutes, o serviço de lavar roupas, de pensionato e cuidado com crianças — estas, em geral, filhos de garotas de programa — como algumas das atividades que realizaram no passado em função das oportunidades ensejadas por essa presença: “Dum poço que tinha ali eu tirava água pra lavar roupa pra zona, não tinha água encanada. Eu lavando roupa pra zona e o [nome do marido] trabalhando pra fora, a gente foi juntando um dinheirinho” (entrevistada 6); “Nós podemos dizer que nós adquirimo alguma coisa quando a zona funcionava. Lá eu vendia pastel, pão, pé de moleque” (entrevistada 3).

A respeito da presença da zona no bairro, é possível uma análise junto de Lefebvre (1999, p. 49), que afirma que, como característica da implosão urbana, “a cidade [...] concentra não só a população, mas os instrumentos de produção, o capital, as necessidades, os prazeres”. Nesse sentido, a existência da zona e da vida noturna que a envolve indicam um modo de operação urbano devido ao volume de casas noturnas, o qual atende um público mais extenso que o do próprio bairro e da própria Zona Norte do município, abrangendo-a como um todo, recebendo pessoas de diversos bairros, da serra, e profissionais intermunicipais. Ao mesmo tempo, a

decadência atual da zona pode ser pensada no quadro de análise propiciado por Lefebvre, uma vez que outros modos de sociabilidade e outros territórios, incluindo a prática de prostituição em outros locais da cidade e a extensão da duração das festas no município, reiteram a construção social do centro e das regiões urbanas como locus privilegiado dos prazeres noturnos.

Figura 15 – Fachada de uma casa noturna no bairro Santa Marta



Fonte: Acervo pessoal

Isso significa dizer que, independentemente da explosão das lógicas urbanas para todo o mundo, é possível identificar na cidade de Camaquã e no bairro Santa Marta manifestações “atrasadas” do movimento de implosão, pois muito da cultura rural se concentra e molda significativamente as relações nesses ambientes. Com efeito, esse parece ser um atraso próprio das sociedades de tempo social lento, da periferia do mundo e afastadas dos grandes centros metropolitanos, mas que, nem por isso, deixam de se misturar com uma rápida assimilação das coisas e representações modernas e urbanas em outras dimensões. Implosão e explosão, nesse sentido, também se sobrepõem no tempo e no espaço pesquisado. O inglês escrito errado na Figura 15 é ilustrativo da forma como ocorrem essas assimilações no bairro.

5 As dinâmicas rurbanas e a produção das paisagens

Se aceita a ideia de ruralidades como referência à diversidade de experiências, modos de vida e identidades associados ao contexto rural, é possível pensar que, à medida que as populações rurais migram para as cidades, elas podem carregar consigo alguns desses elementos. Nesse processo, as ruralidades penetram o espaço urbano e também se transformam, dando origem a novas dinâmicas e identidades. Se essa é uma perspectiva que faz sentido de modo geral, é preciso considerar também a heterogeneidade das experiências. Os migrantes rurais não são um grupo homogêneo. Suas razões para migrar, seus recursos, trajetórias de vida e identidades são diversos. A migração para ambientes urbanos envolve a exposição a novas culturas, valores e modos de vida. Os migrantes rurais podem adotar novas práticas culturais, o que pode levar a uma hibridização de identidades culturais, combinando elementos rurais e urbanos. Isso pode envolver a negociação de elementos de sua “identidade rural” com as demandas e expectativas da vida urbana. A identidade resultante pode ser uma mistura única desses elementos. Alguns podem manter conexões fortes com suas origens rurais, enquanto outros podem buscar se adaptar completamente à vida urbana.

Por outro lado, a migração campo-cidade também tem impacto nas comunidades citadinas, à medida que traz novas influências culturais e experiências de vida. Isso pode enriquecer a diversidade cultural e paisagística, promover a troca de conhecimentos e engendrar diversos arranjos sociais e econômicos. Nesse sentido, são importantes as reflexões de Carneiro (1998a), para quem a cultura camponesa não deve ser vista como algo estático, imutável, mas que, pelo contrário, demonstra a capacidade de se adaptar à condição moderna e urbana sem tampouco se aculturar. Conforme a autora, a análise do processo de integração desses sistemas culturais é de grande relevância em um país como o Brasil, que ainda não concluiu seu processo de modernização.

Quando o interesse está na compreensão das dinâmicas de bairros suburbanos ou periféricos, marcados pela influência e proximidade com o rural, como no caso do bairro Santa Marta, essas interações se tornam centrais. Assim, Carneiro (1998a) afirma que não convém interpretar a ruralidade contemporânea

exclusivamente com base na influência da cultura urbano-industrial sobre o que costumava ser considerado o campo tradicional. Deve-se considerar igualmente como a sociedade urbana absorve elementos simbólicos e materiais, bem como práticas culturais identificadas como pertencentes ao universo rural. Nesse sentido, o que é mais relevante do que a tentativa de redefinir as divisões entre áreas rurais e urbanas, ou ignorar simplesmente as distinções culturais presentes nessas concepções, é a investigação, a partir da perspectiva dos atores sociais, dos significados das atividades sociais que dão vida a essa interação e que se manifestam tanto no campo como na cidade.

Nessa complexidade, perdem nitidez não apenas as “fronteiras” entre campo e cidade, como uma possível diferenciação entre o que seria o universo cultural rural e o urbano. Para a análise dessas dinâmicas ao nível local, Carneiro (1998a, p. 61) sugere que elas devem ser pensadas como:

[...] um processo dinâmico de constante reestruturação dos elementos da cultura local com base na incorporação de novos valores, hábitos e técnicas. Tal processo implica um movimento em dupla direção no qual identificamos, de um lado, a reapropriação de elementos da cultura local a partir de uma releitura possibilitada pela emergência de novos códigos e, no sentido inverso, a apropriação pela cultura urbana de bens culturais e naturais do mundo rural, produzindo uma situação que não se traduz necessariamente pela destruição da cultura local mas que, ao contrário, pode vir a contribuir para alimentar a sociabilidade e reforçar os vínculos com a localidade (Carneiro, 1998a, p. 61).

A partir disso, a autora se apoia em Rambaud (1969) para afirmar que desse encontro nasceria uma cultura singular — nem rural, nem urbana — pois caracterizada por espaços e tempos sociais distintos de ambas.

Tendo em vista tais pressupostos, foram empreendidos uma série de esforços no sentido de recuperar elementos da formação e história do bairro Santa Marta. Nesse sentido, ocorreram, no escopo da pesquisa, visitas à Biblioteca Pública Municipal de Camaquã e ao Memorial da Câmara de Vereadores. Sobre a origem do bairro Santa Marta, não foram encontrados registros históricos precisos, e, de modo geral, e com exceção do centro histórico, se repete essa carência a respeito dos outros bairros da cidade. No entanto, a hipótese de que a ocupação da área está associada ao fato de se situar nos caminhos que ligam a cidade às colônias rurais da região da serra é sustentada na percepção dos moradores mais antigos e também se corrobora

na resposta obtida pelo pesquisador através de consulta ao Memorial da Câmara Municipal de Vereadores¹⁸, em 3 de agosto de 2023:

VERIFICAMOS, em resposta à solicitação, à vista dos registros existentes na Secretaria desta Câmara Municipal de Vereadores, que a história do Bairro Santa Marta parece estar associada ao início da ocupação urbana de Camaquã, inicialmente como acesso aos caminhos para a área rural do município, a região na época ainda sem denominação, tendo como referências a proximidade aos “campos do General Zeca Netto” e a presença do Cemitério, sendo que o primeiro registro oficial de urbanização da área é a Planta para a Villa de São João Baptista de Camaquã, datada de Agosto de 1857, cuja quadra numerada como 1 encontra-se na então denominada General Carneiro, hoje Cristóvão Gomes de Andrade na esquina com a 13 de Maio, que conserva o mesmo nome desde então. De onde se infere se tratar do ponto limítrofe de ocupação efetiva no período, sendo que as ruas ao norte não estão denominadas no documento mas já estão projetadas. Apenas nas denominações de rua da década de 1980 localizamos referência exata à “Santa Marta” sobre a região onde hoje se encontra o bairro, como a de 14 de maio 1985, na Lei 003/1985 que cita a criação da Rua Luiz Rodrigues da Silva, localizado na Vila Santa Marta.

Ao se consultar a citada primeira planta de projeto urbanístico do então Povoado de São João Batista de Camaquã, de 1857, tendo sido visualizado presencialmente o original no Memorial da Câmara e, estando aqui reproduzida a versão digital do site da prefeitura de Camaquã¹⁹, não se identifica ainda a rua Jango Castro, a qual é a principal via de ligação do bairro à serra e também do bairro ao centro. A rua Jango Castro se caracteriza pela sinuosidade e pelo percorrer sempre a parte mais alta do terreno. No referido projeto urbanístico, projetam-se ruas retas sobre a zona norte da cidade que desconsideram os eventuais caminhos anteriormente consolidados, como parece ser o caso da rua Jango Castro. Não foram encontradas evidências de povoamento do bairro Santa Marta no período de elaboração do documento, e a área onde hoje existe o bairro não é inteiramente alcançada no projeto, situando-se além dos limites ao norte da projeção.

¹⁸ Resposta obtida via e-mail. Disponível em: https://docs.google.com/document/d/1QDfcTgd9gEiilZFUePush6RMCj_5dzBoTQyiLmTnxGk/edit?usp=sharing. Acesso em: 08/03/2024

¹⁹ Disponível em: <https://www.camaqua.rs.gov.br/portal/servicos/1003/historia-de-camaqua/>. Acesso em: 8 mar. 2024.

vital nas dinâmicas rurbanas do bairro e uma conexão essencial entre a cidade e o interior rural.

Sua forma, evoluindo de trilho a rua, se ajusta às diferentes estruturas históricas, como o declínio do transporte a cavalo e a popularização do automóvel, manifestando um processo de adequação a novas funções (Santos, 2014). Ainda nos dias de hoje, a rua Jango Castro cumpre papel central nas dinâmicas do bairro, observável no relato do entrevistado 4, que mora na referida rua. Questionado sobre o motivo de ter escolhido o bairro como morada após migrar da serra, responde:

Deu onde eu comprei aqui. Gostei aqui. Gostei mais daqui, sabe por que? Porque os ônibus tudo cruza aqui. Pro centro, pra serra, tudo que é lugar. Se tem ônibus, é aqui. Ele até brinca comigo, o motorista. Sabe o que ele diz? Tu velho, tu só faz sinal que eu paro, não precisa molhar os pés, sai na área dia de chuva que eu paro lá.

Os ônibus mencionados pelo morador de 79 anos utilizam a rua Jango Castro nas rotas bairro x centro (ônibus circular) e centro x serra (diversas linhas para distintas localidades da região da serra), fazendo mais de uma parada no bairro para o embarque de passageiros. Esses transportes desempenham um papel crucial na integração do bairro à cidade e do bairro à serra. Para o entrevistado, a presença constante dos ônibus é mais do que um meio de transporte; é um elo vital que o conecta ao interior e ao resto da cidade. A brincadeira do motorista, mencionada pelo entrevistado, ilustra a familiaridade e a proximidade entre os habitantes do bairro e os condutores, destacando a importância dessa rota para a comunidade.

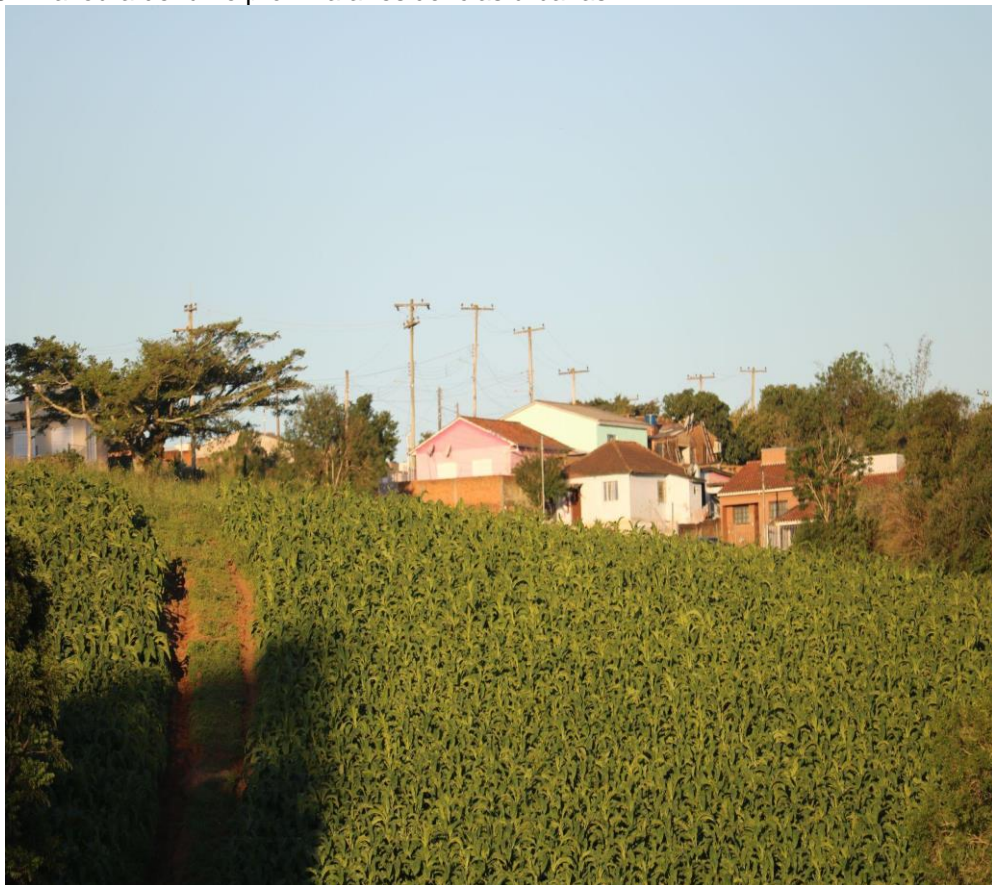
Do mesmo modo, esta é a rua utilizada por boa parte dos colonos da serra para acessar a cidade em busca de serviços bancários, médicos ou comerciais, e também para escoar suas produções para a cidade, frequentemente trazendo seus produtos para vender ou doar a amigos e parentes no próprio bairro Santa Marta.

Figura 17 – Ônibus desce a rua Jango Castro, sentido serra x cidade



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 18 – Lavoura de fumo próxima a residências urbanas



Fonte: Acervo pessoal.

O mesmo morador (entrevistado 4) relata a respeito das visitas da filha e do genro, moradores da serra que lhe prestam certa assistência, trazendo alimentos que o entrevistado afirma serem orgânicos. Esse tipo de relação com a serra, isto é, através de parentes e do fluxo de cultivos alimentares, foi observado em todas as entrevistas, denotando um forte elo entre o bairro e a região da serra e a importância atualizada dessas relações nas dinâmicas locais.

O entrelaçamento de redes sociais e econômicas, como visto na venda de produtos coloniais ou nos intercâmbios familiares, destaca a importância da interação entre moradores e suas conexões com a vida rural.

Figura 19 – Vista da face oeste do bairro, onde predominam as paisagens campestres



Fonte: Acervo pessoal.

Por situar-se nos limites do perímetro urbano, é comum a presença de campos e lavouras na composição da paisagem do bairro. Do mesmo modo, a proximidade com o campo ocasiona oportunidades de trabalho e de recreação associados ao “mundo rural”. Nesse sentido, é comum que moradores do bairro — sobretudo os mais jovens — prestem serviços sazonais nas lavouras de fumo ou nas hotelarias de cavalo, onde eventualmente também mantêm seus animais.

A presença constante desses elementos na paisagem não apenas oferece um cenário pitoresco, mas também se traduz em atividades de lazer que mantêm viva a conexão com o “mundo rural”. Os serviços temporários nas lavouras e nas instalações

de cavalos não apenas proporcionam ingressos econômicos para os moradores, mas também fortalecem os laços com as práticas tradicionais associadas à vida rural. Pescarias, passeios a cavalo e diferentes formas de contemplação das paisagens locais representam formas de entretenimento que se enraízam na proximidade com o campo e que continuam a desempenhar um papel significativo na vida comunitária. Isso se aproxima daquilo que Freyre (1982), chama rurbanização, ou seja, uma forma de superação da separação entre campo e cidade, que durante muito tempo foram vistos como mundos opostos e irreconciliáveis. A rurbanização, nesse sentido, cria uma nova dinâmica de vida, que combina elementos rurais e urbanos, levando à criação de novas formas de sociabilidade, de cultura e de arranjos econômicos.

Figura 20 – Cavalo mantido em hotelaria nas adjacências do bairro Santa Marta



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 21 – Jovens praticam esporte montado nas adjacências do bairro Santa Marta



Fonte: Acervo pessoal.

A despeito das dinâmicas do bairro comportarem significativa marca rural, não é possível ignorar que o bairro se constitui atualmente como uma das mais privilegiadas áreas de expansão urbana da cidade, apresentando cada vez menos terrenos desocupados em seu interior e presenciando a construção de novos loteamentos em seu entorno. Nesse sentido, campos, matas e lavouras têm cedido espaço a novas construções e empreendimentos imobiliários, sem, contudo, parecer ameaçar no curto prazo o caráter bucólico do bairro, que ainda conta com extensas áreas “não urbanizadas”.

Em termos de Lefebvre (1999), a descrição do bairro Santa Marta pode evidenciar aspectos de implosão urbana, especialmente com o crescimento demográfico, expansão de moradias e a construção de novos loteamentos. A presença de campos e lavouras na composição da paisagem, em conjunto com a proximidade do campo e, principalmente, da influência cultural trazida pelos migrantes, destaca a internalização de elementos rurais dentro da área urbana.

Embora o bairro Santa Marta se beneficie de aspectos de implosão urbana, também há evidências de uma certa explosão urbana, especialmente quando se observam as transformações culturais ocasionadas pela chegada de serviços como a

coleta de lixo e a fiscalização sanitária que coíbe as criações. Em uma perspectiva paisagística, seria possível mencionar a construção dos novos loteamentos, a supressão da vegetação nativa, a pavimentação das ruas e a diminuição das áreas de lavoura. A urbanização progressiva no interior e nas áreas circundantes ao bairro contribui para a expansão urbana da cidade como um todo.

A coexistência entre o rural e o urbano produzida na Santa Marta destaca a capacidade da comunidade em adaptar-se às mudanças sem perder completamente suas raízes. É percebido que os migrantes introduzem ativamente aspectos de uma cultura rural no interior do bairro e, por consequência, do perímetro urbano do município, reforça e mantém ativa essa coexistência, em constante reelaboração, mesmo pelos grupos mais jovens, ou não migrantes, como ilustrado na Figura 21, onde jovens exercitam a tradicional prática do laço com a incorporação da motocicleta, um objeto moderno. Essa dualidade entre o antigo e o novo confere ao bairro uma identidade própria, onde a tradição e a modernidade coexistem, formando uma amálgama cultural e paisagística que reflete a riqueza da experiência local.

Figura 22 – Terreno de obras de um novo empreendimento habitacional no bairro Santa Marta, com vista para o centro da cidade



Fonte: Acervo pessoal.

A rica interseção de identidades e modos de vida no bairro demonstra como o rural e o urbano não são mutuamente exclusivos. A comunidade incorpora elementos urbanos e rurais, revelando uma síntese complexa de experiências e valores. Ainda

que o futuro demonstre que esta é uma situação efêmera ou transitória, estamos diante das resistências e hibridismos que existem entre a sociedade atual e a sociedade urbana, como horizonte refletido por Lefebvre (2002). De todo modo, as racionalidades locais podem incorporar informações e inovações desse “urbano” e produzir urbanidades e ruralidades muito diversas. Assim, é possível pensar não apenas em termos da “chegada de urbanidades” nos locais, pois, se essas se apresentam cada vez mais difusas no espaço, o mesmo acontece com as ruralidades (Biazzo, 2008). A emergência do urbano, portanto, é um processo complexo que aqui figura em suas expressões particulares, no bairro Santa Marta.

Figura 23 – Lavoura e capões de mato no Bairro Santa Marta



Fonte: Acervo pessoal.

Foram manifestas opiniões bastante distintas sobre o processo de transformação do bairro e suas perspectivas de evolução, variando de um certo otimismo com relação ao crescimento até a percepção de estagnação e total descrença em alguma mudança significativa. Os moradores mais antigos observaram progressos importantes, como a chegada de água encanada e a pavimentação da rua Jango Castro com paralelepípedos irregulares (também chamados “pedras de bico”); contudo, essas melhorias se consolidaram há muitas décadas e, em vista do desenvolvimento recente de outras áreas da cidade, parece predominar entre os

moradores do bairro um sentimento de abandono. Questionado sobre as mudanças que presenciou no bairro, o entrevistado 8 relata:

Olha, pouca coisa. Só mudou as pedra de bico que botaram [na rua Jango Castro], que era barro vermelho. Mais nada. Água não tinha, água encanada. Cacimba não dava, furava uma cacimba e dava na pedra e não dava água. Dava água um tempo e quando chegava no verão não tinha mais água. Às vezes ainda caía um formigueiro e se criava na água. Aqui a água foi a coisa mais difícil. Eu vim em [19]78 e ainda não tinha água, e ainda levou mais uns quatro ou cinco anos. A prefeitura trazia de caminhão pipa. Era uma briga, que tristeza, não tinha banheiro.

Uma cacimba é uma estrutura semelhante a um poço, utilizada para captar água de lençóis subterrâneos ou mesmo águas mais superficiais, quando instalada em terrenos úmidos como os próximos a cursos d'água. A dificuldade relatada pelo entrevistado 8 em obter água por esse método pode estar relacionada ao fato de sua casa estar situada em um terreno alto como, via de regra ocorre em toda a Santa Marta. O mesmo morador, quando perguntado a respeito das mudanças que ocorrem no bairro hoje, responde: “aqui tá acontecendo pouca coisa, muito pouca coisa”. E sobre as perspectivas para o futuro, adiciona: “acho que vai ser mais fraco do que hoje, porque a cidade tá crescendo só pra lá [zona sul]. Quem compra pra lá vai ter futuro. Aqui não tem futuro nenhum. [...] Do jeito que tá, não muda”.

O relato do entrevistado 8 sobre a chegada da água encanada destaca os desafios enfrentados pelos moradores no passado e a luta pela infraestrutura básica. Sua visão pessimista sobre o futuro do bairro, em contraste com o crescimento observado na zona sul da cidade, reflete a preocupação com a falta de investimentos e perspectivas de desenvolvimento.

Não obstante, é comum a percepção de crescimento do bairro, ainda que sem significativas melhorias em termos infraestruturais. Neste sentido, o entrevistado 10 observa: “ah, cresceu mais. Nós chegemo aqui e aquelas casa ali pra baixo ali era sanga²⁰, não tinha nada. Depois aterraram e agora é tudo cheio de casa”. Outros moradores manifestam percepções semelhantes:

Entrevistado 1: O que eu vejo, o bairro Santa Marta tá povoando. Muitos morador. Loteamentos novos né. E parece, cada mês que se passa praquele lugar, tu vê novas obras iniciando. Então eu acho que, assim, é um lugar bom, lugar alto, seguro né, porque é um bairro bom e por isso talvez é que o pessoal tá procurando bastante.

²⁰ Pequeno curso d'água.

Entrevistado 2: Só mudou mais morador. Foi sendo vendido terrenos, aumentando a vila, aumentando... foi melhorando a vila e tudo, mas tudo morador gente boa aí, não posso me queixar.

Entrevistado 5: Mudanças de morador e de propriedade sim, ali na minha rua nem sei quantos por cento. Crescimento de moradores e de casas. Infraestrutura nada, não tem um calçamento... tem vizinho que mora há 50 anos aqui e não tem um calçamento na rua. Pagou imposto todo esse tempo e nada.

Os depoimentos indicam que há um tipo de urbanização em curso na Santa Marta, mas que não vem acompanhada de desenvolvimento. Corresponde a mero aumento demográfico e expansão de áreas residenciais que, se tomado por referência um preexistente tipo rurbano, são muitas vezes de outro perfil. Isto em nada prometem contribuir para o modo de vida habitual da população local; pelo contrário, provavelmente significa uma transformação do espaço que extirpa ou subjuga as ruralidades. Essa nova ocupação, em algum sentido, se afasta do rurbano, ainda que isso possa ser vendido e procurado, e talvez se aproxime do tipo subúrbio, dado o padrão estético urbano e de classe média que as novas habitações muitas vezes introduzem no bairro. O entrevistado 2, que reside no bairro há cinquenta e dois anos, fornece um relato que, a partir de sua vivência pessoal, evidencia parâmetros do processo histórico de urbanização do bairro:

Aqui eu criava umas galinha e uns porquinho também. Eu tive vaca de leite depois que morei na Santa Marta, eu usava esse terreno abaixo da casa do [nome do vizinho]. Aí depois foram os vizinhos incomodando, a lei mudando, não podia ter criação na cidade, a cidade foi aumentando, aí eu parei de criar... Que nem a minha madeireira aqui [serraria], parou por causa das denúncia. Veio a fiscalização aqui e disse que não podia ter esses baruío.

Para além da percepção geral de crescimento demográfico e da incorporação cada vez mais difusa de valores urbanos, em parte promovidos pela chegada de novos moradores, mas também pela lenta introdução de novos serviços e regulamentações administrativas (como o citado papel da fiscalização presente no depoimento anterior), alguns moradores, sobretudo as mulheres, manifestaram a percepção de um bairro mais limpo.

Entrevistada 3: Até que tá, porque esse produto [serviços] de limpeza, como eu te disse, nós não tinha. Hoje já o povo tem o caminhão do lixo. E não, de primeiro era tudo assim na rua. Fogueira, fumaça... Então o que a gente acha de melhor é isso, é a limpeza.

Já a entrevistada 6 associa a limpeza à supressão da vegetação nativa, ressaltando como o processo de urbanização influenciou a aparência do bairro: “o

bairro tá mais bonito, mais limpo. Não tem muito mato. É mais umas poucas árvores mais conservadas assim né, mas é... tá bem em ordem”.

Em síntese, as perspectivas sobre o futuro do bairro Santa Marta são diversas e refletem as complexidades de um lugar que experimenta transformações ao passo que mantém elementos do passado dos migrantes, materializados nas práticas, nas paisagens e nos modos de vida que expressam uma certa continuação e identificação com o “lugar” rural que estes sujeitos mantêm na memória. Caberia, nesse sentido, destacar o papel da memória e do lugar nos processos de formação identitária. Pollak (1992) afirma que os lugares na memória podem ser significativos ao ponto de gerarem sentimento de pertencimento e que a memória é um elemento importante na formação das identidades, fonte dos sentimentos de continuidade e coerência. Indo além, Candau (2012) vê a memória como a própria identidade em ação, como meio de seleção ativa de fragmentos que os sujeitos unem e dão significado na construção do que chamamos identidade. Isto sugere que a memória, assim como nos modela, é também por nós modelada. Como uma reconstrução permanentemente atualizada, ela seria então fonte inspiradora de estratégias em momentos de crises e ameaças de diluição das identidades.

Assim, quando se observa no bairro a presença de estratégias de vida que articulam conhecimentos rurais e manifestações nas formas de sociabilidade que remetem ao passado rural, estas podem ser entendidas não apenas como estratégias de sobrevivência ou incremento da vida material, mas também como formas de continuidade e identificação ativa com a vida rural, que frequentemente está no passado desses sujeitos.

Essa identificação com o rural e com o tradicional no agir não se limita apenas à continuidade de determinadas práticas, mas também se expressa nos gostos, na cultura e na dimensão simbólica da vida. Dito de outro modo, talvez a permanência desses “resíduos” rurais não atenda apenas necessidades materiais na vida dos sujeitos, mas represente um processo ativo de construção, manutenção e, por não se manterem incólumes, reformulação das identidades em uma situação de encontro com as lógicas do mundo urbano. Ou seja, fala-se aqui de um jogo de mudanças e permanências responsivas a um contexto marginal específico.

Ademais, as reflexões fomentadas neste sentido se alinham também com a proposta de Wanderley (2001), para quem o estudo de pequenas cidades deve considerar a trama espacial e social específica e as trajetórias de desenvolvimento de

cada local sob cinco dimensões, a saber: as funções e a identidade espacial local; a intensidade do processo de urbanização; a presença do mundo rural (principalmente no que se refere às ocupações da população); o modo de vida dominante, percebido tanto através de suas manifestações “concretas” quanto das representações que dele faz a população local; e a dinâmica da sociabilidade local (diferenciações, conflitos, associações, percepção e uso do espaço, memórias das famílias e indivíduos como elementos constitutivos de uma identidade local). Dessa maneira, o próximo capítulo aprofunda a discussão acerca das identidades, trajetórias e modos de vida dos migrantes.

6 Identidades, trajetórias e modos de vida

O bairro Santa Marta se apresenta como um lugar híbrido e marginal. Situa-se na fronteira, nas bordas, na transição entre campo e cidade. Tais características desafiam a atribuição de identidades essencializadas, que, nesse sentido, são costumeiramente fomentadas pela oposição rural/urbano e pelas representações e diferenciações que, tanto no senso comum quanto na teoria social clássica, desses dois espaços se fazem. A respeito dessa problemática, é pertinente o pensamento de Tomaz Tadeu da Silva:

O hibridismo está ligado aos movimentos demográficos que permitem o contato entre diferentes identidades: as diásporas, os deslocamentos nômades, as viagens, os cruzamentos de fronteiras. Na perspectiva da teoria cultural contemporânea, esses movimentos podem ser literais, como diáspora forçada dos povos africanos por meio da escravização, por exemplo, ou podem ser simplesmente metafóricos. 'Cruzar fronteiras', por exemplo, pode significar simplesmente mover-se livremente entre os territórios simbólicos de diferentes identidades. 'Cruzar fronteiras' significa não respeitar os sinais que demarcam - 'artificialmente' - os limites entre os territórios das diferentes identidades (Silva, 2014, p. 87-88).

Assim, a subjetividade do migrante da serra para a Santa Marta pode manifestar crises, sobretudo acerca de sua dimensão identitária. Conforme o mesmo autor:

Se o movimento entre fronteiras coloca em evidência a instabilidade da identidade, é nas próprias linhas de fronteira, nos limiares, nos interstícios, que sua precariedade se torna mais visível. Aqui, mais do que a partida ou a chegada, é cruzar a fronteira, é estar ou permanecer na fronteira, que é o acontecimento crítico (Silva, 2014, p. 89).

Desse modo, o fixar-se no bairro Santa Marta pode ser visto como estratégico, enquanto representa proximidades e possibilidades com os universos rural e urbano simultaneamente; mas também pode levar a uma certa instabilidade identitária, na medida em que a nova situação pode forçar adaptações ao modo de vida urbano e enquanto a própria localização do bairro e suas oportunidades de inclusão podem ser lidas como marginais (Martins, 2012). Muitos migrantes podem acabar nunca se sentindo plenamente integrados à cidade, participando a contragosto da vida urbana ou inclusive evitando-a (ver depoimentos dos entrevistados 11 e 12). Neste sentido, vêm a propósito as considerações de Robert Park e Florestan Fernandes acerca do

homem marginal. Soto, apoiado na perspectiva destes autores, afirma que

El hombre marginal es un híbrido cultural que comparte la cultura y las tradiciones de dos pueblos diferentes, pero que no se desvincula de su pasado y de sus tradiciones [...] Este hombre se encuentra en el margen de dos mundos que se funden plenamente, y es este margen el lugar privilegiado que le permite observar de una forma crítica esos dos mundos, porque no pertenece a ninguno [...] Aunque una de esas sociedades, la de su origen, la lleva consigo, en su subjetividad (Soto, 2019, p. 565-566).

Ou seja, o homem marginal é um sujeito dividido entre o que era e o que é, entre seu passado e seu presente. Entre o que carrega de sua tradição e cultura e os novos valores que encontra na sociedade em que chega. Nesse quadro, muitos migrantes podem vivenciar um conflito cultural e uma desilusão. O conflito permanente é a principal característica do homem marginal e sua mente em conflito é um ângulo crítico e possível para se estudar os processos de civilização e progresso, segundo Soto (2019). Com efeito, quando a presente investigação analisa a urbanização no bairro Santa Marta pela ótica do migrante rural, são elementos desse conflito e da leitura dos processos mediada pela visão de mundo crítica desses sujeitos que emergem.

La situación marginal se caracteriza por sus reflejos en la mente del individuo que entra en crisis, por ser rechazado por los dos mundos, siendo y sintiéndose un extraño en los dos. En este sentido, la marginalidad expresa la busca de identidad del individuo, a partir de los fragmentos de los dos mundos, que se mezclan y se confunden (Soto, 2019, p. 567).

Deste modo, enquanto Silva (2014) demonstra a possibilidade de uma identidade ambígua, “indefinida”, sobretudo através — e sobre — fronteiras físicas e simbólicas, a perspectiva da sociologia marginal é capaz de perceber potencial crítico e criativo nesse tipo de situação que pode ser chamada, em sua ótica, de marginal. Ademais, se é possível pensar que a cidade, em alguma medida, se organiza espontaneamente a partir de dispositivos de segregação e classificação em classes, origens, raças, gostos, perfis, interesses pessoais e ocupações (Park, 2018b), então isso permite também pensar em bairros e regiões diferenciados e, com isso, dotados de um tipo de identidade:

Com o passar do tempo, cada zona e cada bairro da cidade assumem algo do caráter e das qualidades de seus habitantes. Cada setor da cidade é inevitavelmente marcado com os sentimentos peculiares de sua população. O efeito disso é converter o que era inicialmente uma mera expressão geográfica em uma vizinhança, ou seja, uma localidade com sentimentos, tradições e uma história própria. Dentro dessa vizinhança, a continuidade dos processos históricos é, em alguma medida, mantida. O passado se impõe

sobre o presente, e a vida de cada localidade se move com um certo dinamismo próprio, mais ou menos independente do círculo mais amplo de vida e de interesses em torno dela (Park, 2018b, p. 41).

Apesar dos migrantes reformularem suas vidas na cidade, tendo de ingressar em novas profissões e traçar novas estratégias de sobrevivência, é possível identificar formas de continuidade com a serra, com o passado e com o modo de vida rural. Estes referentes, nas representações dos entrevistados e demais moradores conhecidos, se aproximam em significado. Isso quer dizer que, no senso comum dos moradores, mormente entre os migrantes, a ideia de “rural” é comumente representada pelo “local serra”, e esta ideia e este local pertencem sobretudo a seus passados.

Assim, a comunidade do bairro Santa Marta demonstra um processo de interseção de identidades, marcada pela coexistência de elementos urbanos e a persistência de identificações e modos de vida rurais. Essa dualidade contribui para a formação de uma identidade única, onde as tradições do passado rural se entrelaçam, ora harmônica, ora conflituosamente, com as demandas e dinâmicas atuais da vida urbana. Se certas ruralidades são preservadas, ao mesmo tempo, o bairro experimentou mudanças significativas ao longo do tempo, como a pavimentação da rua Jango Castro e a introdução de serviços urbanos como coleta de lixo e água encanada, como se pôde observar nos trechos de entrevistas apresentados no capítulo anterior. A positividade com que, em geral, esses processos são encarados reflete o otimismo da comunidade em relação à consolidação de uma infraestrutura urbana como ideal de desenvolvimento, mas sem abdicarem de aspectos possíveis da cultura rural.

Na compreensão profunda da dinâmica do bairro Santa Marta, emergem considerações sobre como o fluxo contínuo da história se enraíza de maneira intrínseca ao território urbano, tecendo ligações entre o passado e o futuro por meio de projetos identitários e estratégias de vida dos migrantes. O entendimento dos tempos descompassados, coexistindo e se entrelaçando na experiência desses sujeitos, revela-se crucial para decifrar a complexidade da construção do lugar.

Os hibridismos cristalizados nas paisagens e nas práticas sociais representam situações que podem ser compreendidas, ao mesmo tempo, como sintomáticas da precariedade capitalista na periferia e no quadro das construções identitárias das pessoas que vivem nesse contexto. Pode-se ainda dizer que, se a identidade é relacional e marcada pela diferença, haveria nesses modos de vida um jogo ativo de

diferenciação em relação ao centro, ao urbano ou ao moderno. Woodward (2014, p. 13) afirma que a diferença é estabelecida por uma “marcação simbólica relativamente a outras identidades”. Desse modo, ouvir músicas com referências ao modo de vida rural, a um passado nostálgico e bucólico, o trajar roupas antigas ou tradicionais, a opção pelo transporte a cavalo, a preferência por alimentos e produtos coloniais, pelo cigarro enrolado ou “paieiro” ao invés do “cigarro feito”, a manutenção de pequenos cultivos e criação de animais, seriam modos de afirmar uma identidade frente à ameaça da modernidade, do urbano, da artificialização, do desconhecido, da globalização.

Perguntado se mantém costumes da vida rural desde a migração para a cidade, o entrevistado 10 responde: “ah, sim. Claro. Pra começar eu ando de carroça aqui né. É uma coisa que até hoje já nem na colônia tem carroça né. Tem [também] o fogão a lenha que a gente gostava lá fora e continua usando”.

Figura 24 – Morador se deslocando em carroça



Fonte: Acervo pessoal.

A resposta do entrevistado 10 revela a manutenção de costumes da vida rural mesmo após a migração para a cidade. O fogão a lenha é comum em áreas rurais, e o seu uso sugere a manutenção de tradições cotidianas relacionadas não somente à alimentação, mas também à temporalidade do próprio cotidiano. Sabe-se que o preparo do fogão à lenha é mais desafiador e lento do que o fogão elétrico, de modo

que a opção pelo seu uso situa, de algum modo, todo o lar do depoente em uma temporalidade que remete ao rural. A necessidade de lenha como combustível também aponta para a ruralidade local, já que implica na necessidade de obtenção desse recurso, que é muitas vezes extraído pessoalmente nas proximidades do bairro ou, comprado de vizinhos ou colonos que plantam eucaliptos na região da serra, modalidades que seriam impossíveis quando tratando de gás de cozinha.

Figura 25 – Morador partindo lenha para uso no fogão



Fonte: Acervo pessoal.

A carroça, citada e usada pelo mesmo entrevistado, é um meio de transporte tradicionalmente associado às áreas rurais, utilizado para transportar mercadorias e pessoas. A continuidade desse costume na cidade se dá como processo ativo de afirmação, materializado no asseio do entrevistado com sua carroça, que o acompanha há décadas e, por hábito, se apresenta em boas condições para uma análise ocular, com a pintura em bom estado. A opção pela carroça destaca uma ligação direta com suas raízes rurais e também a adaptação do sujeito à condição das ruas do bairro, o qual, como já afirmado, tem muitas vias de chão batido ou de

paralelepípedos irregulares. Ela é um meio habitualmente usado nas estradas de chão batido, enquanto os carros de passeio que vêm junto da urbanização são provavelmente a maior fonte de demanda por calçamento e asfalto.

Ademais, a expressão usada pelo depoente ao falar do fogão à lenha e da carroça, “que a gente gostava lá fora e continua usando”, indica uma ligação afetiva com essas práticas. Isso sugere que o uso de ambos os itens não é apenas uma questão de conveniência, mas também um hábito ao qual se opta por dar continuidade, que não deixa de fazer sentido apesar da migração da serra para a Santa Marta, nem das transformações do bairro ao longo das décadas. São hábitos que mantêm certa integração com seus meios, como argumentado acerca da adaptabilidade da carroça para as ruas de chão batido e da facilidade de obtenção de lenha nos arredores. Ao mesmo tempo em que essas opções têm efeitos pragmáticos no presente, mantêm vivas as lembranças, preferências e temporalidades do passado rural. Isso sugere que ele encontrou maneiras de incorporar elementos do seu passado rural em seu cotidiano na cidade, ilustrando a perspectiva crítica e criativa que Martins (2014, 2017) e Soto (2019) atribuem ao sujeito marginal. Do mesmo modo, este e outros exemplos caminham ao encontro do postulado de Carneiro (1998b), que afirma ser possível ser rural na cidade e urbano no campo, bem como considera que algumas identidades podem ser sustentadas na diversidade, combinando práticas e valores originários de universos culturais distintos.

Quando indagados acerca do legado do passado rural em suas vidas no presente, alguns entrevistados se referiram à rigidez de uma educação amparada no respeito aos mais velhos:

Entrevistado 5: Em educação... era bem diferente. Em respeito ao próximo também, as pessoas de mais idade, que não é o caso de vocês por exemplo [desrespeitar], não é o caso do meu guri [também]. Existe bastante diferença [entre passado e presente] nesse sentido né.

Entrevistado 1: O meu passado rural foi uma criação “militar”, foi uma criação rígida né, e assim a gente se criou e fez a vida, né. Ficou adulto, ficou responsável e eu acho assim, na minha opinião, a minha criação rural pra mim foi muito bom. E também acredito pra muitos e muitos que seguiram o caminho dos pais, escutava o que os pais falava, os pais que eram pra frente, que conseguiram adquirir alguma coisa e ser trabalhador honesto, esses hoje tão bem.

Quando perguntados se se identificam mais com a vida urbana ou rural, os mesmos moradores, que são hoje ambos comerciantes, declaram:

Entrevistado 5: Até creio que rural. Se hoje eu fosse, tivesse a idade da minha época e tivesse terra eu taria lá fora [no interior, na região da serra]. Com certeza, claro que isso tudo depende de Deus né, Deus sempre quer o melhor pra gente, mas com certeza acho que adquiria bem mais lá. Não me queixo daqui, né. Pra quem veio do nada, que não tinha nem terra pra morar e agora tem pelo menos uma casa pra morar e coisa... Mas, hoje, até hoje mesmo tá bom de ganhar dinheiro na colônia.

Entrevistado 1: Olha, eu acho que a vida rural, quem sabe viver nela é muito bom. Mas, a nossa aqui também não dá pra dizer que é ruim né? Mas a vida rural é assim ó... tu fica mais... o teu trabalho é mais à vontade. Tu produz, tu vai colher né. E aqui na cidade o teu salário é fixo né, tem que produzir porque o patrão precisa daquilo ali. Se o empregado não dá produção pro patrão, o patrão lógico que não vai ficar contente né. E no interior a própria pessoa é o seu patrão né. Quanto ele mais faz, mais ele vai adquirir. Então eu acho que a agricultura... eu puxo assim bem pra trás, que o meu falecido avô dizia “tudo pode ser bom, mas a agricultura sempre vai estar em primeiro lugar”.

Tais depoimentos colocam valores da ordem da educação, cultura e trabalho no centro do que afirmam legar do mundo rural ou admirar naquele sistema. Se a identidade é fruto da diferença, como foi afirmado alhures (Woodward, 2014), então essa diferença se traça, por óbvio, com os valores urbanos. Nos elementos citados, os entrevistados demonstram certo contentamento com suas trajetórias e orgulho dos padrões formativos de suas origens, os quais evocam em preferência aos padrões de educação, cultura e trabalho que reconhecem como próprios da cidade. É interessante a crítica às relações de trabalho modernas contida no depoimento do entrevistado 1 que, muito possivelmente por ter vivenciado pessoalmente essa transição ao migrar da serra para a cidade, enxerga o trabalho rural (considerando sua origem camponesa, que é distinta, por exemplo, de peões ou empregados rurais) mais livre que o de empregado urbano. Neste mesmo sentido, o entrevistado 11, que retornou para a serra após trabalhar por cerca de dez anos em firmas da indústria arroseira na cidade, reclama do caráter fechado do trabalho urbano: “é, eu não me acostumo né, tem dia que a gente tá parado e tá sempre preso [...] Aquilo é que era ruim”. Essas respostas carregam uma crítica ao regime inflexível do relógio e à total falta de autonomia do trabalhador em relação à gestão do tempo de serviço, bem como à alienação intrínseca à relação entre produção e lucro que se apresenta no salário do trabalhador, fatores que interpretam como perda de liberdade.

Já a resposta do entrevistado 10 reflete uma dualidade em sua identificação com os estilos de vida urbano e rural: “olha, eu até me sinto... porque a gente fica aqui, fica lá. Mas no caso tanto eu me sinto bem aqui como lá né. Até eu me sinto rural ainda, porque eu sempre tô pra fora né. Sempre na lida”. O entrevistado descreve uma identidade híbrida e polivalente, mostrando que se sente à vontade tanto na cidade

quanto na área rural. Essa dualidade sugere uma adaptação bem-sucedida às mudanças de ambiente, ao mesmo tempo em que mantém uma conexão significativa com suas raízes rurais. A menção de que se sente rural, principalmente porque está “sempre na lida”, destaca a importância da atividade laboral na construção da sua identidade. O fato de permanecer ativo e envolvido em tarefas relacionadas ao campo contribui para a sensação de continuidade com o estilo de vida rural. A expressão “porque a gente fica aqui, fica lá” sugere uma constante alternância entre os ambientes urbano e rural. Isso pode indicar que o entrevistado mantém uma presença ativa em ambos os contextos, não se limitando a uma transição única. Ademais, a ideia de se sentir bem tanto na cidade quanto no campo sugere uma harmonia entre esses dois modos de vida, de modo que o *seu* mundo não se conforma ao mundo rural ou urbano puramente.

No geral, as respostas do entrevistado 10 evidenciam uma vivência e percepção fluidas dos conceitos de rural e urbano, enfatizando a importância do trabalho contínuo e a habilidade de encontrar equilíbrio entre diferentes contextos de vida. Essa complexidade ressalta a riqueza das identidades construídas ao longo do tempo, marcadas por uma interação dinâmica entre o passado rural e as exigências da vida urbana, mas também as possibilidades de construção de um modo de vida intersticial que, ao seu modo, se constitui em relação à condição do próprio bairro.

A respeito das diferenciações entre os alimentos produzidos na serra e os convencionais encontrados nos supermercados, apenas o entrevistado 5 se declarou indiferente, ocorrendo preferência pelos produtos coloniais dentre os demais entrevistados. Neste sentido, figuram respostas do tipo: “os do serra são mais puro. O que eu posso comprar da serra, eu compro da serra. Galinha caipira, pato crioulo, marreca crioula...” (entrevistado 1); “eu prefiro da colonha, são melhor. Muitos mercado hoje são caprichoso, mas a gente se acostumou com essa vida da colonha, né” (entrevistado 2); “todos meus produtos que eu gosto de consumir é do interior [...] carne do porco branco eu não gosto. Não gosto mesmo. E batatinha dessa do mercado eu não gosto. Gosto de comprar do interior batata madrugada, sempre consigo” (entrevistado 8). As respostas dos entrevistados 4, 6 e 10 apresentam diferenciações mais detalhadas:

Entrevistado 4: Muita coisa do mercado tu não sabe se eles usam veneno ou alguma coisa. [Já no feijão] Da gente, igual [o d]a minha filha, esse feijão, até tem uma batedeira lá. Ela bate bem o feijão depois entrega. Só tem que botar

no trator da gente. Aí eles botam na lona em cima de estopa em cima de uma grama baixa pra secar. Depois ele escolhe, fica limpinho, bota no litrão e fecha bem. Os litrão limpinho, lavado, depois bota pra secar com o bico pra baixo pra não ter umidade dentro, ansim nós guardemo.

Entrevistada 6: Claro, barbaridade. É muita [diferença], aí o que a gente planta é sem comparação. O que a gente planta é orgânico. Repolho aí mesmo, a gente apanha [colhe] pra comer que dá gosto comer. A gente compra o repolho do [nome de um supermercado local] e tem um gosto nojento, um gosto ruim.

Entrevistado 10: O feijão mesmo, parece que ele é de melhor qualidade. Uma batata doce também... a gente vai comprar no mercado a gente não sabe se ela é boa, e a gente plantando a gente já sabe. Aipim também. E às vezes a gente vai pegar um aipim lá no mercado e não sabe se ele vai cozinhar. Uma galinha caipira nem se fala né, muito melhor.

Para além de meras preferências individuais, a questão dos gostos manifesta um sistema de significados comum e se evidencia na fala dos entrevistados principalmente por meio de oposições como forte/fraco, bom/ruim, natural/envenenado, próximo/distante, conhecido/desconhecido. A relação entre hábito, gosto e origem social foi abordada, por exemplo, na sociologia de Pierre Bourdieu (2007), que evidencia um caráter sociológico na construção do gosto, correlata à socialização, à infância e à origem, e que assim vai além da perspectiva individualizante que muitas vezes se expressa em proposições como “gosto não se discute”. No que diz respeito às preferências dos entrevistados, algumas falas estabelecem oposições entre, por exemplo, a banha de porco e o óleo de soja, ou entre a banha de porco convencional e a banha de porco da colônia; entre a comida “forte” do passado e do meio rural, com “sustância”, e a comida fraca da modernidade; na qualidade dos objetos, que no passado eram fortes e hoje são fracos; na origem dos alimentos, diferenciando-os entre os conhecidos, e portanto de confiança, e os convencionais “do mercado”, sobre os quais não se conhece a origem e o processo de produção e pesam desconfianças. De fato, ainda conforme as proposições de *A distinção* (Bourdieu, 2007), bem como nas de Lévi-Strauss (2004), a comida “forte”, no sentido de rica em proteínas e gorduras, é típica das classes populares, mormente aquelas que dependem do serviço braçal para a sobrevivência; interpretações que parecem se confirmar no empírico observado, bem como adensar uma explicação sociológica das preferências dos depoentes.

Ainda sobre essas preferências, o entrevistado 4 comenta com entusiasmo sobre a cor dos ovos que sua filha lhe traz da serra: “em seguida ela traz ovo de galinha, tudo colorido. Azul e verde amarelo”. A entrevistada 6, por sua vez, comenta sobre sua preferência pela banha de porco: “a gente gosta mesmo é de banha de

porco pra comer, nós não comemo azeite, é muito pouco. Eu compro uma lata... um litro de azeite e às vezes dura três mês”. Já a entrevistada 3, questionada se se identifica mais com o estilo de vida rural ou urbano, dá um indicativo de suas representações acerca do rural: “Rural é da serra né?” E prossegue:

Óia, nisso aí pra mim é como eu te disse. Comida que a gente fazia, gosta né. E aqui tudo já é com remédio [agrotóxicos], não é muito bom não. Óia, até a saúde da gente não é igual como era na serra. E na serra a gente se criou trabalhando. E médico, bom, a gente não sabia o que era médico. Era só na base do remédio do curador, do benzedor e deu.

A entrevistada emite um juízo bastante favorável ao modo de vida que experimentou no seu passado rural, apesar da evidente precariedade material de tal contexto. Além disso, sua resposta comporta uma crítica aos padrões da vida urbana, supostamente menos saudável, pois, apesar da maior disponibilidade de recursos, a comida, contaminada por “remédios”, já não teria a mesma qualidade. O termo “remédio” é comumente empregado pelos moradores para se referir a pesticidas ou agrotóxicos utilizados nas lavouras. Pode-se apreender também do comentário da depoente, especialmente tendo em vista a opção pela palavra “remédios”, um ceticismo quanto ao saber técnico, racional e propriamente moderno no que toca à saúde: uma crítica aos remédios e médicos urbanos, que vêm junto de uma alimentação menos natural, e junto da deslegitimação dos curandeiros e benzedores, que são ofícios ligados aos modos de vida e saberes tradicionais.

No que diz respeito à construção de estratégias de vida na cidade, nota-se como esses sujeitos articulam seus conhecimentos rurais e seus contatos construídos durante a vida pregressa na serra, encaixando-se, através disso, na economia urbana. Neste sentido, é interessante o relato do entrevistado 10, que chegou no bairro aos 37 anos de idade, no ano de 2001:

Eu vim pra cá por causa da mãe que já tava meio doente né, e ainda eu fiquei trabalhando lá ainda. Vinha pra cá, ia pra lá... inventei umas horta por aqui, andei plantando umas verdura e andei vendendo verdura. Ali na vila Jardim até eu plantava, mas foi pouco. Pouco tempo. Aí depois eu parei. Depois em 2005 eu me aposentei e aí fiquei mais aí na volta.

O entrevistado 10 menciona que se mudou para o bairro devido à condição de saúde de sua mãe. Esse motivo de mudança revela uma forte conexão familiar e a disposição de assumir responsabilidades familiares, aspectos muitas vezes ligados a valores rurais de solidariedade, apoio mútuo, e o já evocado valor de “respeito aos

mais velhos”. A valorização dos laços familiares fica ainda mais explícita quando o entrevistado responde, ao ser questionado sobre o motivo da escolha do bairro Santa Marta como local de morada, que se orientou pela proximidade com outros membros familiares já instalados na cidade: “porque a mãe já parava muito aqui na [nome da familiar] né, e gostava daqui, e daí surgiu esse terreno aqui do lado e nós compramos aqui”.

Ademais, o relato descreve uma transição gradual, em que o entrevistado inicialmente mantinha vínculos de trabalho na área rural enquanto começava a explorar oportunidades neste e em outros bairros. Isso sugere uma adaptação progressiva ao ambiente urbano, mantendo uma conexão ativa com as práticas, espaços e formas econômicas rurais. A iniciativa de criar hortas e vender verduras destaca uma estratégia de subsistência baseada em conhecimentos agrícolas, e que também, de algum modo, agencia o espaço urbano para a prática da lavoura, permeando o bairro de ruralidade. Trata-se, nos termos de Isabelle Stengers (2017), de “*reclaim*” um território; termo que, na formulação da autora, pode ser traduzido como uma espécie de “reativação” de uma prática no território do qual fomos separados, ou do qual poderíamos ter sido separados, no caso, as práticas agrícolas e rurais, bem como os valores adjuntos a elas que aqui têm sido discutidos. “*To reclaim*” diz respeito, simultaneamente, a um modo de habitar um território que, de algum modo, nos aliena de algo; de reativar a tradição. Adjuntamente a esse ato ou agenciamento do espaço, o entrevistado, busca aproveitar suas habilidades para gerar renda e contribuir para a comunidade local fornecendo produtos frescos.

De maneira semelhante, pode-se apreciar a trajetória dos entrevistados 11 e 12, chegados na cidade em 2013. Quando questionada sobre as estratégias de adaptação à vida na cidade, a entrevistada 12 responde: “é, o que eu já sabia fazer né. O [nome do marido] mesmo não parou de trabalhar no fumo nunca né. Porque sábado e domingo e nas férias ele trabalhava no fumo. Trabalhava na lavoura dos vizinhos ali na Santa Marta”²¹. Neste relato, mais uma vez se destaca a continuidade dos conhecimentos e atividades agrícolas na constituição de estratégias híbridas à adaptação ao ambiente urbano. O fato de o marido trabalhar nas lavouras dos vizinhos na Santa Marta sugere uma integração ativa na comunidade local através de saberes e práticas aprendidos em outra comunidade. Isso pode significar, além de uma

²¹ O marido (entrevistado 11) trabalhava na indústria arroseira durante a semana e nas lavouras de fumo presentes no entorno do bairro Santa Marta no restante do tempo.

estratégia de complemento de renda, o estabelecimento de laços sociais, a manutenção de uma identidade rural e formas de suporte mútuo entre os membros da comunidade que, em boa medida, compartilham uma origem semelhante.

Além disso, questionada sobre o que teve de mudar em seu estilo de vida na cidade, a entrevistada destaca a sua percepção de mudanças de ritmos de trabalho: “eu não consegui mudar quase nada, né. A única coisa que teve que mudar mesmo foi o ritmo do serviço que era por causa do [nome do marido] né, que tinha os horários dele. Mas eu fui a mesma. Eu não mudei nada de mim”. A afirmação de que ela foi a mesma e não mudou nada de si mesma sugere que, apesar de viver na cidade, a entrevistada manteve uma identidade e estilo de vida ancorados em suas experiências rurais, e propiciados pelas características do bairro (já que, seria justo supor, se a mudança fosse para a região central de Camaquã, algumas mudanças seriam forçadas pelo ambiente). Essa limitada adaptação pode ser interpretada como uma resistência a se “urbanizar”, mas também sobre como a própria vizinhança e paisagens do bairro Santa Marta aventam a continuidade com o modo de ser rural. Já sua percepção acerca dos ritmos do serviço diz algo sobre suas experiências de tempo e de espaço, onde o horário do trabalho do marido, em dissonância com os padrões da atividade no campo, cria um ritmo diário e semanal que molda a rotina da família, gerando impactos na organização de suas estratégias e atividades, forçando alterações em seus cotidianos e a hibridização dos modos de vida. Tal situação fornece algum indicativo de como operam as interações entre tempo, espaço e cotidiano na experiência migratória urbana, influenciando suas práticas diárias, seu senso de identidade e sua adaptação à dinâmica da cidade.

Nesse sentido, também chama a atenção o depoimento do casal de entrevistados 6 e 7:

Entrevistado 7: Nós viemos de lá [da serra] e botamos um açougue [na Santa Marta]. Nós comprava porco dos colono, carneava, fazia linguiça, vendia banha, vendia muito porco da serra. E morávamos ali também. Em [19]71 nós se mudemo de lá [da casa com açougue] praqui [residência atual, ainda no bairro], onde botemo o mercadinho.

Entrevistada 6: Dum poço que tinha ali eu tirava água pra lavar roupa pra zona, não tinha água encanada. Eu lavando roupa pra zona e o [nome do marido] trabalhando pra fora, a gente foi juntando um dinheirinho. [...] A maior parte, quase tudo, era da Santa Auta esse bairro aqui. Por isso que a gente conseguia comprar porco, quase tudo eram conhecidos lá, principalmente do [nome do marido]. Eu era menos conhecida porque não saia muito de casa.

Os entrevistados 6 e 7, que migraram para cidade após se casarem no interior, lograram construir na Santa Marta uma vida de relativo sucesso material através de empreendimentos e ofertas de serviços que articulavam suas habilidades e conhecimentos pregressos, adquiridos na sociabilidade rural. O açougue de carne suína não seria viável sem os conhecimentos do casal, tanto na consolidação de uma rede de fornecedores, como no que se refere aos conhecimentos práticos da lida com os animais, da carneação e preparação de linguiças, toucinhos e demais produtos derivados desse animal. Do mesmo modo, os serviços de assistência doméstica no caso da esposa, e “os serviços pra fora” do marido, os quais o casal prestava paralelamente, derivam de uma educação tradicional que, de modo geral, preparava as mulheres para atividades de cuidado e higiene e os homens para serviços externos, obras e manutenções. Esses padrões de papéis de gênero e divisão sexual do trabalho ficam expressos no trecho em que a entrevistada 6 justifica ser menos conhecida que o marido em suas localidades de origem porque ela “não saia muito de casa”. Assim, pode concluir-se também sobre a habitualidade dessas famílias de perfil moral tradicional, e pertencentes à classe trabalhadora, de não lograrem depender apenas dos proventos do marido, e não poder gozar à mulher a limitação aos afazeres da sua própria casa, de modo que os seus saberes “de mulher” se tornam, nesse contexto, mais do que o “trabalho não remunerado” de que falou outrora Silvia Federici (2019), mas sim, sem a exclusão deste, também um trabalho “para fora”, voltado à obtenção de renda.

Tal situação revela não apenas a adaptação dos entrevistados ao ambiente urbano, mas também a sua habilidade em aproveitar seus conhecimentos rurais para construir oportunidades na cidade. O açougue não apenas fornecia produtos que remetiam à vida rural, como também estabelecia conexões com fornecedores conhecidos da serra, criando uma ponte entre o passado e o presente. Além disso, a narrativa do casal destaca a importância das relações sociais e redes de contatos na construção de empreendimentos urbanos bem-sucedidos.

Um caso excepcional, mas de grande riqueza, se encontra no relato dos entrevistados 11 e 12. Casal de origem rural, migraram da Santa Auta para a cidade, estabelecendo-se primeiramente no bairro Ouro Verde que, assim como a Santa Marta, também apresenta características rurbanas. Motivados por uma proposta de emprego industrial recebida pelo marido, viveram nessa localidade por um ano antes

de se instalarem na Santa Marta, onde se fixaram por mais nove anos, sem nunca abandonar a atividade agrícola e fumicultura, como relata a entrevistada 12:

Foi assim... foi uma brincadeira. Eu tinha ganhado os guris [filhos gêmeos], aí meu cumpadre tava lá em casa no dia do batizado dos guris, aí ele disse assim: "eu até vou arrumar um serviço pro meu cumpadre (na cidade), o que tu acha?" E eu disse, ué, pois se tu arrumar, amanhã mesmo ele vai. E não é que o compadre foi pra Camaquã, arrumou o serviço e no outro dia tava ligando? E nós tava com os fumo na lavoura ainda. Aí eu fui, levei o [nome do marido] e aí já comecemos a ficar trabalhando ele lá e eu aqui arrumando os fumo. Aí nós moremo na Ouro Verde. Aí, no Ouro Verde eu fui pra lá, tirei duas semanas e não gostei da Ouro Verde. Aí arrendei uma chácara mais pros fundo da Ouro Verde, só que era fora da cidade. Aí eu plantei fumo um ano lá. Aí o [nome do marido] trabalhava na firma, os guris estudavam e eu plantava fumo e criava meus bichos. Assim tirei um ano lá, aí a filha dele [do dono das terras] entrou, queria a chácara, aí saí. E aí arrendei do alemão lá embaixo de onde eu morava [já na Santa Marta]. Aí prantei fumo mais um ano ali. Aí eu digo não, sozinha não dá. Aí eu vim prali [último local de morada na Santa Marta], só ali eu morei 9 anos.

O relato apresenta uma narrativa interessante da trajetória da entrevistada ao migrar para diferentes locais mais próximos da cidade, culminando em sua residência por nove anos no bairro Santa Marta. A mudança para a cidade foi iniciada de maneira inusitada, por meio de uma brincadeira entre a entrevistada e seu compadre. Esse elemento sugere que a decisão inicial foi tomada de forma leve e descompromissada, o que adiciona uma dimensão peculiar à história de migração. A narrativa descreve a passagem da família pelo bairro Ouro Verde, onde a entrevistada inicialmente não se sentiu satisfeita. A insatisfação é um elemento que sublinha a complexidade da adaptação a novos ambientes urbanos e o desafio de encontrar um lugar que atendesse às suas expectativas e seu manifesto desejo ou necessidade de manter seus modos de vida identificados com os padrões rurais. Neste sentido, mesmo estando na cidade, a entrevistada 12 continuou envolvida em atividades rurais, como o cultivo de fumo e a criação de animais.

O período em que a entrevistada relata residir na Santa Marta, nove anos, sugere uma maior estabilidade em comparação com as mudanças anteriores e pode indicar uma adaptação mais bem-sucedida ou a descoberta de um ambiente mais satisfatório aos seus anseios, hábitos e necessidades. Isso pode ter sido influenciado pela dinâmica das relações familiares, o que parece emergir de algumas de suas falas em que relata a visita de parentes e conhecidos da serra, que eventualmente lhe traziam gêneros alimentares faltantes em sua própria produção; ou da proximidade com uma parente, também moradora do bairro, a quem relata que recorria em busca de ovos quando precisava em grandes quantidades, haja vista que a entrevistada

produzia quitutes sob encomenda: “e ovo eu não sei que gosto tem um ovo da cidade, porque eu nunca comprei um ovo. Nunca me agradou eu ir lá comprar uma dúzia de ovo. Quando eu não tinha eu ia na [nome da vizinha] ou comprava da serra pra lá”. O fato dessa última morada, a mais estável, situar-se na rua Jango Castro, é um fator não citado pela entrevistada, mas faz sentido considerá-lo na análise, uma vez que essa localização parece favorecer os intercâmbios da moradora com conhecidos da serra, que eram também consumidores de seus quitutes, já que, como afirmado anteriormente, essa é a avenida que dá passagem aos ônibus e demais veículos que vêm e vão da serra. Perguntada sobre o destino de seus produtos, a entrevistada responde: “Eu vendia na vila, na Santa Marta. E o povo de fora [da serra] que queria, chegava ali e pegava e levava”.

Em suma, os entrevistados expressam uma sensação de continuidade cultural e identificação com a vida rural, destacando valores como respeito ao próximo, rigidez na criação e a autonomia no trabalho. O apreço em relação ao passado rural também se manifesta na percepção da educação e do modo de vida na serra como mais autênticos e satisfatórios. A preferência por produtos coloniais em detrimento dos convencionais de mercado evidencia não apenas uma escolha alimentar, mas uma afirmação de valores ligados à confiança, conhecimento da origem dos alimentos e resistência a práticas desconhecidas ou vistas como prejudiciais. As críticas às relações de trabalho modernas, expressas de maneira mais explícita pelos entrevistados 1 e 11, sugerem uma visão romântica do trabalho no campo, onde a autonomia e a liberdade são valorizadas em comparação com a rigidez do emprego urbano. A narrativa desses depoimentos destacou a complexidade das identidades e modos de vida presentes na comunidade do bairro Santa Marta. A dualidade entre elementos urbanos e rurais, além de se refletir na assimilação da comunidade às mudanças urbanas, revela uma forte conexão emocional com o passado rural e suas tradições. Haveria aí, para além do que poderia ser caracterizado como nostálgico, saudosista, conservador ou como falta de adaptação, possivelmente um tipo de saber, de conhecimento de mundo, que, pela experiência, reconhece as diferenças entre os locais e também a potência do ser do campo.

Considerações finais

Situada nos limites norte do perímetro urbano da cidade de Camaquã e manifestando proximidades que não se circunscrevem apenas à dimensão geográfica com a região da serra e com o mundo rural, o bairro Santa Marta pode ser visto como um microcosmo complexo de identidades e modos de vida, onde a coexistência de elementos rurais e urbanos cria uma teia única de experiências. As mudanças ao longo do tempo não abalaram essas proximidades e refletem alguns desafios da modernidade, mas também revelam a criatividade e adaptabilidade dos moradores em manter uma identidade apoiada em suas raízes enquanto buscam melhorias e oportunidades na cidade.

A pesquisa na comunidade do bairro Santa Marta proporcionou uma visão profunda e multifacetada das complexidades das relações locais entre o campo e a cidade através de dimensões como a paisagística, a vida cotidiana e as trajetórias pessoais dos moradores. As narrativas desses sujeitos, captadas a partir de 12 entrevistas, revelaram não apenas as mudanças percebidas no ambiente físico, mas também as transformações em suas ocupações, identidades, experiências de tempo e espaço e em aspectos de seus modos de vida e de sociabilidades. Por outro lado, a pesquisa traz à tona alguns produtos e resíduos dessas vivências e processos, revelando formas de continuidade com o rural, com o passado, e de certas resistências ao urbano e ao moderno, apesar de que se verifique a urbanização crescente do bairro, a conversão de campos em empreendimentos imobiliários e a iminente chegada de novos moradores de outras origens.

A chegada dos migrantes rurais à Santa Marta, conforme pôde-se verificar nas entrevistas, foi muitas vezes influenciada por eventos significativos, como casamentos, aposentadorias, enfermidades familiares ou propostas de emprego inesperadas. Esses eventos moldaram as decisões de mudança, mas não desfizeram as conexões com o passado rural, persistindo em todos os casos analisados uma significativa continuidade de valores e práticas, os quais se materializam na própria área e que podem ser verificados ocularmente, como demonstra o trabalho fotográfico contíguo à pesquisa.

A preferência por produtos coloniais, a crítica às relações de trabalho modernas e a busca por uma vida mais próxima de um ideal rural sugerem uma resistência por parte dos depoentes a certos aspectos da modernidade urbana. Não obstante, de maneira geral, as entrevistas revelam uma complexa interação entre a adaptação à vida urbana, a preservação de elementos do passado rural e a construção de estratégias de vida na cidade, bem como as configurações do próprio bairro. Esses migrantes não apenas se adaptaram ao novo ambiente, mas também trouxeram consigo valores, práticas e relações sociais que continuam a influenciar suas vidas na cidade. Essa interseção entre ruralidade e urbanidade produz um ambiente próprio no bairro Santa Marta, destacando a riqueza e a diversidade das experiências migratórias e as conexões e hibridismos entre a serra e o bairro, ou, entre o campo e a cidade.

Ao aventar nos sujeitos migrantes da serra possibilidades de integração à vida urbana, manutenção de vínculos familiares, e manutenção de práticas e formas de vida relacionadas às raízes rurais, a Santa Marta se configura como palco para uma amálgama de experiências, memórias e projeções para o futuro que misturam a temporalidade do urbano com aquela suscitada pela relação com a natureza, que se materializa na temporalidade das plantações, dos animais de criação e silvestres, resultando num cotidiano de ritmos e temporalidades sobrepostos. A interseção de tempos, ambientes e modos de vida diversos contribui para a formação de uma identidade que, após a revisão teórica apresentada em capítulo específico, julgou-se conveniente chamar *rurbana*, onde tradições do passado rural entrelaçam-se com as demandas e dinâmicas da vida urbana.

O processo de urbanização observado no bairro é um fenômeno de ritmo lento e complexo, marcado por importantes contradições sociais, culturais, temporais e paisagísticas. O crescimento urbano, em boa medida desacompanhado de compatível infraestrutura, transforma aos poucos as paisagens físicas e sociais. A expansão do modo de vida urbano por sobre o rural, que se materializa na construção de residências em estilo moderno, sem hortas, sem jardins, e que ocupam os espaços “vazios” antes aproveitados para lavouras ou pastagens de animais, ameaça a continuidade dos modos de vida dos migrantes, bem como pode afastar, ao cabo do processo, o próprio sentido *rurbano* que neste estudo se identifica. O barulho e agitação da cidade, a especulação imobiliária, são fatores que se somam a isso.

No caso das trajetórias pessoais dos entrevistados, bem como de uma observação paisagística da localidade, nota-se que as atividades agrícolas continuam

a moldar as dinâmicas familiares no bairro, o que figura, apesar de tudo, como busca por continuidade com o modo de vida rural. As práticas cotidianas, como o cultivo de alimentos, tornam-se formas de resistência e preservação de hábitos e identidades rurais na tessitura do urbano, de modo que muitos dos moradores da Santa Marta podem ser pensados como guardiões de determinados conhecimentos ancestrais que, cada vez mais, rareiam frente à modernização da vida.

Assim, o bairro, como espaço vivo e vivido, carrega em sua paisagem as marcas desses tempos descompassados, onde a pavimentação de ruas e a introdução de serviços urbanos coexistem com elementos que remontam a uma ruralidade persistente. A transição entre esses dois mundos é percebida pelos sujeitos que a vivem não como uma ruptura com o passado, as raízes, os saberes e as tradições de outrora, mas como um processo em constante negociação, que permite o trânsito espacial e cultural, através do qual os habitantes da Santa Marta articulam suas identidades e práticas culturais, criando um tecido social complexo e multifacetado. O *ser* rural, aliás, muitas vezes é a garantia de proventos para as famílias, como demonstrado nos capítulos anteriores: trabalham como plantadores de fumo, cuidadores de cavalos, fazem suas roças, e as mulheres usam dos saberes domésticos para participarem do mercado, por exemplo, lavando roupas e fazendo quitutes que se diferenciam justamente por empregarem, dentre seus ingredientes, os alimentos da colônia.

Os desafios destacados pelos migrantes durante o processo de transição para a cidade estenderam-se desde a perda da tranquilidade até as dificuldades de adaptação aos novos ritmos e dinâmicas. No entanto, também emergiram oportunidades, como o acesso a serviços e emprego socialmente protegido, vide CLT. A relação entre os entrevistados e o ambiente urbano também se mostrou marcada pela construção de estratégias de vida, onde conhecimentos e contatos da vida rural são habilmente utilizados para criar empreendimentos de sucesso na cidade. Isso revela mais uma forma de adaptabilidade que transforma desafios em oportunidades, mantendo laços significativos com o passado e ensejando formas de reprodução social e territorial de seus modos de vida.

Nesse contexto, o entendimento do ritmo urbano ganha contornos específicos, evidenciando não apenas os aspectos temporais da vida na cidade, mas também as formas pelas quais esses ritmos são apropriados e ressignificados pelos moradores, agenciados também às suas práticas já habituais. Os depoimentos revelam a

resistência ao frenesi urbano, a mobilização presente de um passado rural e a busca ativa por continuidades que transcendem a rápida transformação de seus modos de vida e das relações com o espaço, e da transformação do próprio espaço. O entendimento desse intrincado equilíbrio entre tempos descompassados e o modo como se organizam nas construções identitárias oferece uma perspectiva enriquecedora sobre a complexidade das experiências urbanas e rurais que coexistem e se reinventam em meio à dinâmica do bairro Santa Marta, e, por extensão, feitas as devidas concessões, nos espaços *rurbanos* do Rio Grande do Sul e do Brasil.

Referências

ABRAMOVAY, Ricardo. **Texto para discussão nº 702**: funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo. Rio de Janeiro: IPEA, 2000.

BLAZZO, Pedro Paulo. Campo e rural, cidade e urbano: distinções necessárias para uma perspectiva crítica em Geografia Agrária. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE GRUPOS DE PESQUISA, 4., 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: FFLCH/USP, p 132-150, 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/29110316/CAMPO_E_RURAL_CIDADE_E_URBANO_DISTIN%C3%87%C3%95ES_NECCESS%C3%81RIAS_PARA_UMA_PERSPECTIVA_CR%C3%8DTICA_EM_GEOGRAFIA_AGR%C3%81RIA_COUNTRY_AND_RURAL_CITY_AND_URBAN_NECESSARY_DISTINCTIONS_FOR_A_CRITICAL_APPROACH_ON_AGRARIAN_GEOGRAPHY. Acesso em: 27 jun. 2024.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. Tradução de Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. 1. ed. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. *In*: LOPES LOURO, Guacira (org.). **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 151-172.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessôa; CORRÊA, Walquíria Kruger. Ruralidades, urbanidades e a tecnicização do rural no contexto do debate cidade-campo. **Revista Campo-Território**, v. 3, n. 5, p. 214-242, fev. 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277096194_RURALIDADES_URBANIDADES_E_A_TECNICIZACAO_DO_RURAL_NO_CONTEXTO_DO_DEBATE_CIDADE-CAMPO_RURALITIES_URBANITIES_AND_THE_RURAL'S_TECHNICIZATION_IN_THE_CONTEXT_OF_CITY-CAMP_ISSUE. Acesso em: 27 jun. 2024.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 11, p. 53-75, out. 1998a. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/135/131>. Acesso em: 27 jun. 2024.

CARNEIRO, Maria José. O ideal rurano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. *In*: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da;; Santos, Raimundo; COSTA, Luis Flávio (orgs). **Mundo Rural e Política**: ensaios interdisciplinares. Rio de Janeiro: Campus, 1998b.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998. 184 p.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019. 388 p.

FREYRE, Gilberto. **Rurbanização**: Que é? Recife: Massangana, 1982.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.

GÓMEZ SOTO, William Héctor. El hombre marginal y la sociología brasileña. **Revista Mexicana de Sociología**, v. 81, n. 3, p. 561-582, jul./set. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.22201/iis.01882503p.2019.3.57921>. Disponível em: <https://revistamexicanadesociologia.unam.mx/index.php/rms/article/view/57921/51258>. Acesso em: 27 jun. 2024.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

IBGE. **Censo Demográfico - 2010**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/censo2010/apps/sinopse/index.php?dados=8>. Acesso em: 20 abr. 2023.

KUMMER, Rodrigo. Ruralidade e Teoria Social: representação social como possibilidade de análise. **Revista IDEAS**, v. 15, n. 1, p. 1-30, 2021. Disponível em: <https://revistaideas.ufrj.br/ojs/index.php/ideas/article/view/309>. Acesso em: 27 jun. 2024.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Documentos Ltda, 1969. 133 p. Título original: Le droit à la ville.

LEFEBVRE, Henri. **A cidade do capital**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. 4. ed. Paris: Anthropos, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O cru e o cozido: Mitológicas I**. São Paulo: CosacNaify, 2004, 442 p.

MARQUES, Marta Ines Medeiros. O conceito de espaço rural em questão. **Terra Livre**, São Paulo, ano 18, v. 2, n. 19, p. 95-112, jul./dez. 2002. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343536568_O_conceito_de_espaco_rural_em_questao. Acesso em: 27 jun. 2024.

MARTINS, José de Souza. **Introdução crítica à sociologia rural**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.

MARTINS, José de Souza. **A aparição do demônio na fábrica: origens sociais do Eu dividido no subúrbio operário**. São Paulo: Editora 34, 2008.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2016.

MARTINS, José de Souza. **A Sociedade Vista do Abismo**: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis: Vozes, 2012.

MARTINS, José de Souza. **Uma Sociologia da vida cotidiana**: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

MARTINS, José de Souza. Subúrbio e periferia, antinomias do urbano. [199-?].

MENDRAS, Henri. A cidade e o campo. *In*: QUEIROZ, Maria Izaura (org.). **Sociologia Rural**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969. p. 33-40.

MONTE-MÓR, Roberto Luís. O que é o urbano, no mundo contemporâneo. **Revista paranaense de desenvolvimento**, Curitiba, n. 111, p. 09-18, jul./dez. 2006.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 11. ed., Petrópolis: Vozes, 2015.

OLIVEIRA, Igor Martins de; CARNEIRO, Marina de Fátima Brandão. Tradições rurais em vidas urbanas: a Agricultura Urbana no bairro Vila Anália, Montes Claros/MG. **Revista Cerrados**, v. 10, n. 01, p. 101–127, 2012. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/cerrados/article/view/3014>. Acesso em: 15 out. 2023.

OUVIDORIA DA CÂMARA MUNICIPAL DE CAMAQUÃ. Resposta à consulta sobre o processo de urbanização do bairro Santa Marta. 3 ago. 2023. E-mail: carlosc.sociais@gmail.com. Disponível em: https://docs.google.com/document/d/1QDfcTgd9gEiilZFUePusH6RMCj_5dzBoTQyilmTnxGk/edit?usp=sharing. Acesso em: 27 jun. 2024.

PAHL, Raymond Edward. The Rural-Urban Continuum. **Sociologia Ruralis**, v. 6, n. 3-4, p. 229-329, 1966.

PARK, Robert Ezra. A cidade como laboratório social. *In*: VALLADARES, Licia do Prado (org.). **A sociologia urbana de Roberto E. Park**. Rio de Janeiro: Editora Ufrj, 2018a.

PARK, Robert Ezra. A cidade: Sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. *In*: VALLADARES, Licia do Prado (org.). **A sociologia urbana de Roberto E. Park**. Rio de Janeiro: Editora Ufrj, 2018b.

PARK, Robert Ezra. A cidade: A migração humana e o homem marginal. *In*: VALLADARES, Licia do Prado (org.). **A sociologia urbana de Roberto E. Park**. Rio de Janeiro: Editora Ufrj, 2018c.

PINTO, Carlos Vinícius da Silva. **As Interfaces entre o rural e o urbano: possibilidades e restrições para a permanência da agricultura familiar no espaço Rururbano de Pelotas/RS**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2014.

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, vol. 5, n. 10, p. 200-212 1992.

RAMBAUD, Placide. **Société rurale et urbanisation**. Paris: Éditions du Seuil, 1969.

REDFIELD, Robert. **The Little Community: Peasant Society and Culture**. Chicago: Midway Reprint, 1989.

SANTOS, Milton. O lugar e o cotidiano. *In*: SANTOS, Milton (org.). **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo**. 5 ed. São Paulo: Edusp, 2013.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5 ed. São Paulo: Edusp, 2014.

SCHNEIDER, Sérgio. Teoria Social, Agricultura Familiar e Pluriatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 18, n. 51, p. 99-192, fev. 2003.

SILVA, Carlos Eduardo Simões da; RIBEIRO, Carlos Eduardo da Silva. Paradoxos entre o arcaico e o moderno no bairro Santa Marta em Camaquã/RS. *In*: JORNADA BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA, 5., 2017. **Anais eletrônicos** [...]. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2021. p 1-13. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/jbs/files/2019/10/GT-1-C-Eduardo-S-C-Eduardo-R-paradoxos-entre-o-arcaico-e-o-moderno-no-bairro-de-st-marta.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2024.

SILVA, Carlos Eduardo Simões da; RIBEIRO, Carlos Eduardo da Silva. Potencialidades analíticas da Sociologia Marginal em escalas micro. **Revista Vernáculo**, n. 52, dez. 2023. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/92271>. Acesso em: 28 mar. 2024.

SILVA, Carlos Eduardo Simões da; RIBEIRO, Carlos Eduardo da Silva. Configurações rurbanas no bairro Santa Marta em Camaquã/RS: experiências de

tempo e espaço. **Cadernos Cajuína**, v. 9, n. 2, 2024. DOI: <https://doi.org/10.52641/cadcajv9i2.144>. Disponível em: <https://v3.cadernoscajuina.pro.br/index.php/revista/article/download/144/248/682>. Acesso em: 27 jun. 2024.

SILVA, José Graziano da. **O novo rural brasileiro**. Revista Nova economia, v. 7, n. 1, p. 43-81, 1997. Disponível em: https://itcp.ufpr.br/wp-content/uploads/2015/02/O_novo_rural_brasileiro.pdf. Acesso em: 27 jun. 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SIMMEL, Georg. A sociabilidade (Exemplo de sociologia pura ou formal). *In*: SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2006.

SOBARZO, Oscar. O rural e o urbano em Henri Lefebvre. *In*: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Artur Margon (orgs.). **Cidade e campo: relações e contradições entre o urbano e o rural**. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p. 53-64.

SOROKIN, Pitrim; ZIMMERMAN, Carle; GALPIN, Charles. Diferenças Fundamentais entre o Mundo Rural e o Urbano. *In*: MARTINS, José de Souza (org.). **Introdução Crítica à Sociologia Rural**. 2. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1986. p. 198-224.

SOUZA, Gisela Barcellos de. Paisagens rurbanas: a tensão entre práticas rurais e valores urbanos na morfogênese dos espaços públicos de sedes de municípios rurais. Um estudo de caso. **Sociedade & Natureza**, v. 21, n. 2, p. 181-192, ago. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sn/a/bQPCKZ9dL4gntXWJHmgcVYp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 out. 2023.

STENGERS, Isabelle. Reativar o animismo. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. **Caderno de leituras**, n. 62. Belo Horizonte: Chão de Feira, 2017.

VEIGA, José Eli. Desenvolvimento territorial do Brasil: do entulho varguista ao Zoneamento Ecológico-Econômico. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 29., 2001, Salvador. **Anais [...]** Campinas: ANPEC, v. 1, 2001. p. 1-20.

VEIGA, José Eli. **Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas: Ed. Autores Associados, 2002.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A ruralidade no Brasil moderno. Por un pacto social pelo desenvolvimento rural. *In*: GIARRACCA, Norma (comp.). **¿Una nueva ruralidad en América Latina?** Buenos Aires: CLACSO, 2001. Disponível em: <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20100929011629/3wanderley.pdf>. Acesso em: 18 de abril de 2023.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Urbanização e ruralidade:** relações entre a pequena cidade e o mundo rural e estudo preliminar sobre os pequenos municípios em Pernambuco. Brasília: NEAD (Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural), 2001. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/leaa/files/2016/03/Pequenos-Munic%C3%ADpios_Nazareth-1.pdf. Acesso em: 14 de novembro de 2023.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In:* SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

Apêndices

Apêndice A - ROTEIRO NORTEADOR PARA AS ENTREVISTAS

Perfil do(a) entrevistado(a)

1. Nome
2. Idade
3. Escolaridade
4. Profissão
5. Profissão dos pais

Trajetórias e assimilação

1. Onde você morou antes de chegar à Stª Marta?
2. Quando chegou no bairro?
3. Como foi a chegada na cidade? Como se deu a adaptação?
4. O que mudou no seu estilo de vida desde então?
5. Como você avalia essas mudanças?
6. Quais as principais diferenças entre a vida na serra e na cidade?

Sobreposição de valores e práticas

1. Você mantém hábitos, práticas ou costumes da vida rural desde que chegou no bairro? Quais?
2. E o que teve de mudar?
3. Você se sente bem adaptado à vida urbana?
4. Você mantém hortas, criações ou jardins? Produz alimentos?
5. Como são as relações com a vizinhança? É diferente do interior?

Migração, processo e formação do bairro

1. O que te motivou a vir morar na cidade? E por que o bairro?
2. Como era o bairro quando você chegou?
3. O que mudou no bairro desde então?

4. Quais são as principais mudanças que acontecem no bairro hoje?
5. As pessoas continuam vindo da serra para cá?
6. Conhece vizinhos com trajetórias semelhantes?
7. Como você vê o bairro no futuro?

Relações bairro x serra

1. Consome produtos da serra? Quais?
2. Qual a diferença entre esses produtos e os convencionais?
3. Que outros tipos de relação você mantém com a serra?
4. Acha que o bairro mantém ligações com a serra? Quais?

Identidades

1. Você se identifica mais com o estilo de vida urbano ou rural?
2. O seu passado rural influencia em quem você é hoje?
3. Quais são as vantagens de viver na cidade? E as desvantagens?
4. Qual a diferença da Santa Marta para os outros bairros da cidade?